

Ana Paula dos Santos de Quadros

**EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE
A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NA CIDADE DE
PASSO FUNDO (RS).**

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação, da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Mestre em Educação, tendo como orientador o Dr. Astor Antônio Diehl.

Passo Fundo

2007

Para Ademir, grande amor da minha vida, que sempre me ajudou a pensar que eu poderia chegar onde estou hoje e que posso ir além... Para Laura, minha filhinha querida...

Agradeço a meus pais, que apesar de terem tão pouco estudo, puderam me oferecer o melhor *de si* e me oportunizaram o amparo para a realização desse grande sonho que agora se torna realidade...

Agradeço aos meus sogros que deram suporte para sempre seguir em frente...

Sou grata ao prof. Dr. Astor A. Diehl pelo quanto me ajudou a clarear idéias e me tornar mais esclarecida e também por me impulsionar a tornar científico o trabalho que desenvolvo há anos nas escolas, pela grande relevância social e humanizadora, pois através dele, pude entender o quanto é complexo, escrever e publicar a ciência que fazemos.

Agradeço a prof^a Dra. Terezinha Bastos Scorsatto, que há muito admiro e que desde o início do meu desejo de fazer mestrado, quando eu ainda o achava distante, ela se colocou próxima, disponível e motivadora nesta caminhada rumo ao conhecimento.

Agradeço ao Prof. Dr. Agostinho Both, por me permitir compartilhar desde a graduação, de sua polidez, neutralidade e preocupação com o *outro*. Esse trabalho tem sementes que foram plantadas por ele há quase uma década por seu jeito de intervir cientificamente para diminuir as desigualdades e humanizar o *outro* sem invadir.

Fico muito grata à prof^a Dra Noeli R. Maggi por aceitar de forma tão afetiva, compor a banca que ora qualifica minha dissertação de mestrado.

Gostaria de ter atrás de mim... uma voz que dissesse: É preciso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam – estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez tenham me levado ao limiar de minha história, diante da porta que se abre sobre minha história, eu me surpreenderia se ela se abrisse¹.

1 Foucault, M. *A Ordem do discurso*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 6.

RESUMO

O presente trabalho pretende pesquisar na instituição escolar a visão de pais, professores e alunos adolescentes a respeito do tema gravidez na adolescência. Para tanto, pretendemos utilizar abordagens que tomam como base a obra do francês Michel Foucault (1926-1984), que, de forma crítica, reflexiva e esclarecedora, aborda os mais variados aspectos sociais e humanos. Pretendemos relacionar o papel da educação, através da escola e suas implicações na vida dos adolescentes e de suas famílias, observar fatores que norteiam a prática escolar e vislumbrar outros que possam ser criados. Trabalhamos com a análise quantitativa, mas tomamos como via principal à análise qualitativa das respostas, das falas, do discurso e dos fatos, uma vez que permite a compreensão dos fenômenos de forma detalhada, levando em conta a amplitude e riqueza de associações e as perspectivas das pessoas pesquisadas. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, aplicado a 180 participantes, 60 de cada uma de três escolas. A escola A é uma escola particular, a escola B é estadual e a escola C é municipal. Com base nos dados analisados, levantamos que é no mínimo eticamente questionável a maneira como as atuais políticas públicas vêm até então abordando educação e sexualidade, bem como sua relação com a gravidez na adolescência. Em relação à saúde, existem muitos riscos para as mães e para as crianças provenientes de gestação em mulheres muito jovens, porque o corpo adolescente ainda não está maduro nem suficientemente preparado para gestar, aumentando assim os riscos para a sua saúde, para a qualidade de vida tanto da mãe quanto do filho e portanto, para a qualidade de vida da população em geral.

Palavras-chave: educação, emancipação, gravidez, reflexão.

ABSTRACT

The present research developed in the after-graduation in education intends to approach the vision of parents, professors and pupils regarding the subject pregnancy in the adolescence. For in such a way, we intend to use boardings that take as base the workmanship of the Frenchman Michel Foucault (1926-1984), amongst other authors who clarify the subject. With Foucault, we long for to walk for new tracks of the thought, through elements as: to know, to be able and ethics in the relation between adolescent parents, professors and pupils, so that these can work all involved in interrupting ways that harm the human development. We intend to relate the paper of the school and its implications in the life of the adolescents and its families, to observe factors that guide practise it pertaining to school and to glimpse others that can be created. We work with the quantitative analysis, but, we take as it saw main to the qualitative analysis of the answers, you say them, the speech and the facts for believing that this search the understanding of the phenomena of detailed form, taking in account the amplitude and wealth of associations and the perspectives of the searched people. The instrument used for the collection of data was a questionnaire, applied 180 participants, 60 of each school. The school is a particular school, school B is a state school and school C is municipal. So that the construction of elements was made possible that can categorize the referring answers to the questions of the questionnaire, an interaction between participant researcher and citizens was necessary. On the basis of the data analyzed in the research, we raise that the way is at the very least ethics questionable as the current public politics see until then approaching this subject. In relation to the health, many risks for the mothers and the children proceeding from gestation in very young women exist, because the adolescent body mature nor is still not prepared enough, to manage, thus increasing the possibilities of

that the child can come to be born prematurely, what she in such a way offers to many risks for its health and quality of life of the mother, how much of the son. In the first chapter we approach what it is pregnancy in the adolescence, and the joined categories had been irresponsibility and immaturity and after that lack of information and familiar communication. In as the chapter the question was, of who it is the biggest responsibility of clarification, and the joined categories had been first of the parents, after that of the adolescents and in third a category others, that school involves and the society as a whole. In the third chapter we ask on the paper of the school and the joined categories had been that the school has first the paper to inform and to guide, after that to clarify and to acquire knowledge and in third others that involve varied aspects well.

Word-key: education, sexuality, pregnancy, adolescence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O QUE É GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA?.....	19
1.1 Pais.....	28
1.2 Professores.....	40
1.3 Alunos.....	48
2 A RESPONSABILIDADE DE ESCLARECIMENTO.....	61
2.1 Pais.....	74
2.2 Professores.....	78
2.3 Alunos.....	87
3 O PAPEL DA ESCOLA.....	92
3.1 Pais.....	97
3.2 Professores.....	106
3.3 Alunos.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135

INTRODUÇÃO

A presente dissertação desenvolvida no mestrado em educação, com o título Educação e Sexualidade: um estudo sobre a gravidez na adolescência na cidade de Passo Fundo, no Estado do Rio Grande do Sul, pretende abordar a visão de pais, professores e alunos adolescentes a respeito do tema gravidez na adolescência. Para tanto, pretendemos utilizar abordagens que tomam como base a obra do francês Michel Foucault (1926-1984), dentre outros autores que esclarecem o tema.

Almejamos analisar de vários ângulos da área da saúde, principalmente a psicologia, tomando como meta não só a saúde mental, mas a saúde como um todo e ladeada pela educação como forma de sustentação. Isto, através de elementos como: saber, poder e ética na relação entre pais, professores e alunos adolescentes, para que estes possam trabalhar todos imbricados em interromper vias que prejudicam o desenvolvimento humano.

A escolha deste autor foi traçada a partir do momento em que pude perceber que ele tenta descortinar o funcionamento social e deixar mais explícitos os jogos de poder existentes na sociedade. A população em geral e principalmente os menos favorecidos socialmente encontra-se sedenta de saber, de poder e de ética, pois os mesmos não têm como saber, aprender ou apreender aquilo que nunca lhes foi apresentado. E este trabalho, visa também, convidar-lhes a pensar mais nesses assuntos.

Sendo assim, falar em direitos e deveres para boa parte da população ainda é novidade, existe muita selvageria, ignorância, descaso e miséria, então a escolha deste tema encontra-se embasada pelo trabalho que foi desenvolvido através de palestras principalmente para populações carentes que precisam de muito esclarecimento.

O que me impulsionou a pensar que, com Foucault, seria mais substancial desenvolver uma pesquisa e tentar ao menos seguir uma corrente de raciocínio que pretende conhecer a realidade social, norteá-la em relação ao passado e sua constituição para posteriormente propor novas trilhas, novos projetos e novas conquistas, tudo isso na tentativa de humanizar cada vez mais aqueles que ainda não conseguiram serem melhores, porque ninguém lhes ofereceu oportunidade sequer de pensar a respeito de suas atitudes e ver que elas exercem consequências para eles, e também sobre os *outros*. E com isso, potencializar as vias que favorecem *o cuidado de si*, a cidadania, o autoconhecimento, a independência e a autonomia, questões estas que levam como pedra fundamental a família, a escola e a pessoa do professor como agente emancipatório do sujeito aluno.

Para tanto, pretendemos relacionar o papel da escola e suas implicações na vida dos adolescentes e de suas famílias, observar fatores que norteiam a prática escolar e vislumbrar outros que possam ser criados. Sendo que, os estudos demográficos têm demonstrado que no Brasil, nos últimos vinte anos, houve um grande aumento da taxa específica de fecundidade e uma elevação relativa de nascimentos em mulheres de 15 a 19 anos, em contraste com a tendência revelada em outros grupos etários, o que reforça o argumento da gravidez na adolescência como “problema social”².

Anualmente, a gravidez na adolescência é um drama, que atinge 30.216 famílias gaúchas, ou seja, de todos os nascimentos ocorridos no Rio Grande do Sul, 20% destes são filhos de mães adolescentes. No país, um milhão de famílias, registram casos de gestação na adolescência a cada ano. Uma pesquisa da Unesco aponta que a gravidez entre 10 e 19 anos é a terceira causa da morte na faixa etária e a maior responsável pela evasão escolar³.

Esta pesquisa foi realizada através de contato inicial com as escolas onde foram explicitadas as intenções da pesquisa, como objetivos, e elementos que mostram a relevância social deste trabalho, devido ao alto índice de gravidez na adolescência, em nosso país.

O questionário foi aplicado a 180 participantes, existia a liberdade de anonimato, mas, mesmo assim alguns pais, professores e alunos optaram por assinar seu nome. Os participantes eram 60 de cada escola, sendo que são os sujeitos, 20 pais A, 20 pais B e 20 pais C; 20 professores A, 20 professores B e 20 professores C; 20 alunos A, 20 alunos B e 20 alunos C.

2 Gupta N, Leite IC. Adolescent fertility behavior: trend and determinants in Northeastern Brazil. *Int Fam Plan Perspect* . 24: 125-302, 1999.

3 GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Agência de Notícia do Governo do Estado. Abril 2005. <http://www.estado.rs.gov.br>. Acesso em: 17 abr. 2005.

A escola A, é uma escola particular localizada praticamente no centro da cidade, atende classe média e alta, não possui registro de alunas adolescentes que tenham engravidado ainda em período escolar.

A escola B é uma escola estadual e situada no centro da cidade, atende a todas as classes sociais e o fato das adolescentes engravidarem ainda durante a fase escolar é tido como muito comum, devido ao alto índice, que geralmente aparece acompanhado de uma razoável freqüência à escola, já que boa parte destas alunas continua freqüentando as aulas, e algumas continuam mesmo depois que o bebê nasce.

A escola C é municipal e localizada num bairro da cidade de Passo Fundo, atende principalmente população de baixa renda, e o mais comum é que adolescentes que engravidam durante período escolar abandonem completamente a freqüência à escola e não retomem os estudos depois de a criança ter nascido.

Os 60 pais foram convidados em dia de reunião de entrega de boletins, também aleatoriamente a responder ao questionário, que era entregue e devolvido no mesmo dia. Os 60 professores foram convidados aleatoriamente a responder o questionário, o prazo entre a entrega e a devolução dos questionários para os professores durou em volta de uma semana, nas três escolas. Os 60 alunos das escolas A, B e C pertencem a turmas de oitava série.

Os pais se espalhavam pela escola, sentavam em bancos ou em cadeiras com classes, respondiam e entregavam logo após preencher. Os professores responderam e devolveram o questionário em diferentes momentos que dependiam do horário de trabalho na escola.

Na escola A existe somente uma turma de alunos, nesta série os alunos têm entre 13 e 15 anos de idade. A escola B tem três turmas, foi escolhida a turma 82 e nesta, os alunos têm entre 13 e 17 anos de idade. E por último na escola C que tem duas turmas de oitava série e também foi escolhida a turma 82, com alunos que têm entre 14 e 18 anos de idade.

O objetivo da escolha das turmas 82, foi de que são alunos muitas vezes rotulados como *medianos*. Esses rótulos podem ser prejudiciais, mas na ausência de outro parâmetro e na tentativa de comparar os dados colhidos numa escola em relação à outra, então optamos por trabalhar com as duas turmas 82.

As manifestações dos pais da escola A eram a falta de tempo ou a não vontade de preencher o questionário, esta posição era ocupada com tranqüilidade, parecendo que tinham grande entendimento do que era falado e escrito em relação aos seus direitos de escolha na participação da pesquisa.

Os pais B manifestaram envolvimento e maior desejo na participação da pesquisa. Passavam mais tempo envolvidos na tentativa de responder tudo e da melhor maneira que podiam, faziam perguntas, relataram fatos e explicitavam satisfação em participar da pesquisa diante da urgência e necessidade de mais estudos e informações para a prevenção da gravidez na adolescência.

Os pais C, por mais que lhes fosse falado sobre a liberdade de participação, em nenhum momento manifestavam a sua não vontade através da fala, diziam que tinham vergonha, que não sabiam escrever direito ou pegavam a folha do questionário e depois não devolviam ou até a devolviam em branco misturadas com as outras, já que sabiam que o questionário era anônimo e a identificação não seria possível.

A partir da análise dos dados pretendemos compreender questionamentos tais como: o que pais, professores e alunos pensam a respeito do tema gravidez na adolescência, de quem acreditam ser a maior responsabilidade de esclarecimento para que este fato não aconteça, o que pensam a respeito do papel da escola nessa situação, como vêm as relações que estabelece a adolescente que engravida e também considerações particulares dos sujeitos participantes da pesquisa.

A pesquisa é composta por um questionário com sete perguntas, inicialmente a idéia era de aproveitar todas as questões, mas, no decorrer da dissertação fui percebendo a riqueza dos dados qualitativos e quantitativos que apareciam, restando somente três questões fundamentais para a análise. Desse modo, na tentativa de aprofundar de forma mais intensa cada uma das questões analisadas e também em função da necessidade de categorizar as questões dividindo-as em três categorias cada uma, optamos então, por descartar algumas questões e focar naquelas que eram mais significativas e que de certa forma abarcavam as outras.

Trabalhamos com a análise quantitativa *que se caracteriza pelo uso da quantificação tanto na coleta quanto no tratamento das informações*⁴ dos dados para um maior entendimento do leitor. Mas, tomamos como via principal, a análise qualitativa das respostas, das falas, do discurso e dos fatos por acreditarmos que esta busca a compreensão dos fenômenos de forma detalhada, levando em conta a amplitude e riqueza de associações e as perspectivas das pessoas pesquisadas.

Corroborando com isso, Diehl e Tatim, colocam que:

4 DIEHL, A.; TATIM, D. *Pesquisa em ciências Sociais aplicadas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004. p.51.

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Ressaltamos que o trabalho transcorreu muito por essas vias citadas anteriormente, os dados foram coletados nos contextos onde os sujeitos circulam e ao qual pertencem. A análise dos dados foi desenvolvida no decorrer do processo de levantamento dos mesmos porque a vivência da coleta dos dados foi imensamente enriquecedora para a análise dos dados encontrados.

O fato de participar, entrar em contato com a realidade dos participantes, torna mais densa e clara a descrição, compreensão e interpretação *à luz dos significados dos próprios sujeitos e de outras referências afins da literatura*⁵.

Optamos por tomar como referência à discussão do tema a obra de Michel Foucault, porque mesmo passados já mais de vinte anos de sua morte, este segue sendo um pensador que, de forma singular, marcou indelevelmente a educação, nosso olhar com relação à loucura, à exclusão, ao poder e a muitos outros âmbitos.

As descobertas a respeito de sua obra seguem continuamente, pois “é um pensador presente, preocupado com a questão já proposta por Kant, há mais de 200 anos”: quem somos nós na atualidade?⁶

Para Eizirik⁷, Foucault considerava três os elementos fundamentais de toda a experiência: jogos de verdade, as relações de poder e as formas de relação consigo e com os outros. E estes elementos são encontrados em todas as classes sociais e conseqüentemente nas escolas A, B e C, propiciando que uma categoria de análise utilizada numa das escolas, também possa ser utilizada noutra, através da análise de outros aspectos.

Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (que não pode concluir, em virtude de sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos.

5 Idem, p.52.

6 KRIEGEL, B. *Michel Foucault aujourd'hui*. Paris: Plon, 2004.p.286

7 EIZIRIK, M.F. Psico: Revista quadrimestral da faculdade de Psicologia da PUC-RS. v. 37, n.1, pp.23-29, jan./abr. 2006.

Pelo que se pode observar nas entrevistas que Foucault participou, ele não queria que lhe rotulassem como estruturalista ou pós-estruturalista, além disso, foi um pensador que como poucos, viveu e trabalhou rápido a ponto de ainda estar vivo para ter tempo de contrariar a própria teoria, isso demonstrava o quanto ele era flexível, maleável e ascendente.

Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas, A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que ele seja considerado como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Além desses livros, são publicadas hoje em dia transcrições de seus cursos realizados no Collège de France e inúmeras entrevistas, também disponibilizadas *on-line*, que auxiliam na introdução e na familiaridade ao pensamento desse autor.

Como trabalharemos com a análise e interpretação das respostas oferecidas pelos sujeitos, metodologicamente temos que evitar o principal risco. *O risco principal reside no fato de se tomar por singular e unívoco o que é múltiplo e plurívoco, tal como ocorre na crítica feita aos cientistas e às ciências pós-modernas pelas assim denominadas tendências pós-modernas*⁸.

A sexualidade é algo constitutivo do ser humano, mas, em contrapartida, a erotização e atividade sexual precoce na adolescência atualmente configuram um comportamento de risco, e então a gravidez não planejada é apenas uma de suas graves e sérias conseqüências⁹.

No decorrer das décadas muitas evoluções foram alcançadas, algumas já existem há muito no papel e outras já existem na prática cotidiana escolar. A elaboração coletiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação, com uma preocupação específica em relação à saúde, é um marco do ponto de vista interinstitucional, por ser uma ação Interministerial¹⁰ e, ao mesmo tempo, uma concretização de um desejo de que se possa pensar a educação e a saúde sob uma ótica mais integradora.

8 DIEHL, A. TATIM, D. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004. p.33.

9 Como por exemplo, AIDS e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis.

10 A portaria Interministerial n. 766/GM, assinada em 17 de maio de 2001 pelos Ministros de Estado da Saúde, José Serra, e da Educação, Paulo Renato de Souza, instituiu o Grupo Interministerial com a finalidade de elaborar, implementar, avaliar e acompanhar o desenvolvimento dos temas transversais Saúde e Orientação Sexual, no âmbito do Programa Parâmetros em Ação, do Ministério da Educação. O Grupo, integrado por representantes das Secretarias de Políticas de Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde e da Fundação Nacional de Saúde, e da Secretaria de Ensino Fundamental, Secretaria da Educação Média e Tecnológica e da Secretaria de Educação a Distância, por parte do Ministério da Educação, vem sendo coordenada pela Secretaria de Políticas de Saúde.

Maternidade na adolescência é um tema que vem suscitando não só o interesse entre estudiosos da demografia, da saúde pública e das ciências sociais, como também um grande debate público.

Em relação à saúde, existem muitos riscos para as mães e para as crianças provenientes de gestação em mulheres muito jovens, porque o corpo da adolescente ainda não está maduro nem suficientemente preparado, para gestar, aumentando assim as chances de que a criança possa vir a nascer prematuramente, o que oferece muitos riscos para a sua saúde e qualidade de vida tanto da mãe, quanto do filho.

Psiquicamente, os danos podem ser irreparáveis para todos os envolvidos e implicados nesta gestação. Mas, a adolescente e o bebê certamente são os mais afetados pela ansiedade e angústia, principalmente no que diz respeito ao parto, que pode suscitar temores de morte, de laceração do corpo feminino ou danos mais severos ao bebê, como a falta de oxigenação cerebral que causa perda e déficit neurológico.

Cabe ressaltar, que a maioria dos partos é realizada pelo Sistema Único de Saúde, o que pode significar um trabalho de parto muito desassistido em termos de afetividade, acompanhamento e preparação da adolescente gestante, gerando assim, parto mais trabalhoso, que implica em mais horas de duração e maiores riscos para a vida e saúde do recém nascido.

A escolha do tema gravidez na adolescência iniciou no meu estágio de Psicologia Escolar, o qual fiz numa escola estadual de 1º e 2º graus, na cidade de Passo Fundo no ano de 2001, onde percebi a necessidade de desenvolver uma pesquisa sobre este tema.

A necessidade dessa abordagem se desenha a partir da escuta de antepassados que tiveram gravidez na adolescência e enfrentaram muitos sofrimentos por conta disso, portanto, se soubessem mais claramente sobre o funcionamento do corpo, tivessem melhor suporte emocional, certamente teriam conseguido se proteger melhor, maternar mais e causar menos sofrimentos.

A análise quantitativa das respostas requer um *vai e vem* um caminhar meio pontilhado, é algo trabalhoso, mas ao mesmo tempo muito rico, porque em função disso surgem mais e mais hipóteses que ao mesmo tempo em que clareiam alguns questionamentos, criam outros vieses ainda mais interessantes e ainda não pensados, nem olhados com o acompanhamento de idéias de Foucault.

Pelo fato de algumas subquestões apresentarem elementos que sugerem um número maior do que três categorias, então optamos por aproveitar e destacar, analisando as respostas mais interessantes e mais fortemente relacionadas ao tema em pauta, a gravidez

na adolescência.

A psicologia e a clínica podem ser feitas nos mais diversos campos da sociedade, tanto que os trabalhos realizados foram fundamentados e compostos por estes ângulos, educação e psicanálise. Isto tudo, na tentativa de ocupar espaço e inaugurar novos olhares sobre este *locus* de saber que é a escola.

Desta forma, o psicólogo possa auxiliar a escola a exercer da forma mais completa possível, a sua função social, estabelecendo junto com as mesmas, muitas estratégias de mudanças que lhe possibilite uma visão mais tolerante e racional do mundo.

Trata-se, de um desafio que devemos enfrentar em nossa prática enquanto psicólogos no contexto escolar, investindo na construção de modelos e idéias efetivamente educacionais, que proporcionem aos educandos e a toda a comunidade acesso às imensas contribuições que o conhecimento científico produzido e acumulado pela Psicologia pode oferecer e contribuir com a sociedade em geral. Fazendo com que nós psicólogos possamos sair da confortável poltrona do elitizado consultório particular e assim, chegar a todas as camadas tão sedentas de saber, de cuidados, de humanização que podemos oferecer, porque afinal, de que adianta um saber guardado ou um consultório vazio? É como se o ser profissional não existisse.

A realidade dos fatos vivenciados indica que o consultório se não estiver aliado à outra área, como a educação, por exemplo, ele dificilmente se sustenta, é preciso que haja uma via de mão dupla, uma troca de saberes entre a teoria e a prática, entre a ciência e o senso comum, porque um não acontece ou existe se não tiver o outro para fazer fronteira e com isto existir, acontecer, significar e encorpar a sua existência.

Enfim, como coloca Foucault este fato ou tema, me intriga há muito tempo:

Não sem um mal-estar evidente e difícil de vencer. Talvez porque no meu rastro nascia a suspeita de que há desordem pior que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém; seria a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito; e importa entender esta palavra no sentido mais próximo de sua etimologia: as coisas estão aí são “deitadas”, “colocadas”, “dispostas” em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de umas e outras um lugar comum¹¹.

11 FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981, p.7.

Então, como nestas palavras, são com as coisas, as frases, as respostas que podem representar idéias, pensamentos, atos ou omissões que pretendemos *labutar*, saboreá-las à maneira que pudermos nos permitir acessá-las, conforme nosso psiquismo permite ou impede, se aproxima ou impele.

Nos perguntamos: como se dá essa dinâmica da gravidez na adolescência? E também, como pensar uma prática pedagógica, que envolva os sujeitos dela participantes e faça valer a educação como meio emancipador e formador do educando como cidadão autônomo, responsável e independente? Já que, a partir da tese de Foucault, pode se observar que as instituições produzem, constroem e perpetuam os sistemas vigentes.

Precisamos nos colocar como elementos ativos e construtores destes sistemas vigentes, pois, as instituições são compostas por nós mesmos. É necessário pensarmos que ainda há tempo, que ainda há o que fazer e principalmente que ainda podemos colaborar na reversão de algumas estatísticas tais como a do alto índice de gravidez na adolescência.

No entanto, para que isso seja possível precisamos saber mais a respeito desse fenômeno, que fatos o constituem e principalmente de que forma se estabelecem as relações de poder, saber e ética nas escolas pesquisadas e nas comunidades que as circundam.

Para a construção de elementos que possam categorizar as respostas referentes às perguntas do questionário, foi necessária uma interação entre pesquisadora e sujeitos participantes, o que exigiu habilidade de comunicação e capacidade de esclarecimento da importância da participação dos mesmos nessa pesquisa. E posteriormente, uma aproximação com algumas obras de Foucault, porque toda pesquisa precisa ter:

...um “sistema de elementos”, que é indispensável para o estabelecimento da mais simples ordem. A ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como sua lei interior, a rede secreta segundo a qual elas se olham de algum modo umas às outras e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, de uma atenção, de uma linguagem; e é somente nas casas brancas desse quadriculado que ela se manifesta em profundidade como já presente, esperando em silêncio o momento de ser anunciada¹².

12 FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.p.407.

Temos como ponto capital de nosso estudo, o questionamento de quais seriam as possíveis vias a serem utilizadas pela escola para que os educadores possam ser agentes de promoção da saúde geral da comunidade.

Além disso, conseguir despertar nos alunos o desejo pelo aprender, para que possam contribuir para que as adolescentes possam ter planejamento familiar e conseqüentemente almejem estudar, trabalhar para depois constituir família, ter filhos e ter também capacidade de manter seu próprio sustento e proporcionar qualidade de vida para os filhos que vierem a gerar.

Com isto, pretendemos encontrar vias que conduzam os professores para que estes possam obter sucesso no processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente contribuir para que os pais se aproximem cada vez mais dos seus filhos e, também, que os adolescentes em geral tracem mais planos e metas para que suas carreiras podendo deixar para depois o desejo de engravidar e constituir família, criando assim, matizes de uma sociedade realmente inclusiva e mais digna, diminuindo a propagação assustadora dos níveis de miséria, violência e caos social que a sociedade enfrenta atualmente.

No primeiro capítulo abordaremos *o que é gravidez na adolescência?* Segundo a concepção de pais, professores e alunos adolescentes. A intenção é coletar dados, informações e idéias dos participantes, sempre tendo em vista a neutralidade da pesquisa e a afirmação de que não existe significado essencial das coisas, tampouco nas coisas, sejam elas quais forem, serão analisadas levando em conta a forma como se desenham e emergem na pesquisa.

No segundo capítulo o enfoque está voltado para a questão *de quem você acredita que é a maior responsabilidade de esclarecimento na prevenção da gravidez na adolescência?* Pretendemos neste capítulo observar o que primeiro ocorre, que idéias carregam os pais, professores e alunos adolescentes das escolas pesquisadas, sendo que nos centraremos mais nas idéias que deles primeiro surgirem.

O terceiro capítulo alude *ao papel da escola diante do tema gravidez na adolescência?* A contribuição que aquele que supostamente “tem” o saber não consiste em ofertá-lo, mas em algo muito, mas muito além, que é fazer com que o outro consiga descobrir a sua própria verdade, inaugurar o *cuidado de si* para posteriormente absorver teoria, idéias e reflexões, para num tempo muito posterior ter a capacidade de cuidar de si e se envolver no cuidado do outro. E esse é o nosso desejo, a promoção da emancipação através do autoconhecimento, da instrumentalização e também de reflexão do ser humano.

I - O QUE É GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA?

Neste capítulo, pretendemos saber o que pais professores e alunos pensam a respeito do tema gravidez na adolescência. Por isso, a obra de Foucault se encaixa de forma tão bem-vinda nesta dissertação de mestrado. Esta se situa dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções gerais destes termos, motivo pelo qual este autor pode ser considerado popular e ao mesmo tempo profundo e polêmico, contrariando a sua própria opinião a respeito de si mesmo.

Para ele o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas ou revolta passiva de que forças ocultas maquinam contra os menos favorecidos. Não, todos têm implicação nos papéis que ocupam, por mais que o que salta aos olhos seja a passividade, ela tem muito de ativa também. Diante disso, almejamos convidar pais, professores e alunos adolescentes, a pensarem sobre esse questionamento.

O poder não pode e não deve ser considerado como algo que se concede a um soberano, mas sim como uma relação de forças. E ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está composta por relações de poder e não pode ser considerada apartada ou independente delas.

Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas, subjetividades e norteando políticas públicas também. Para analisá-lo ele estuda a disciplina, os dispositivos da loucura e da sexualidade.

Portanto, através uma análise histórica, faremos um estudo que não busca uma origem única e causal da passividade, mas, um estudo das multiplicidades e dos conflitos,

onde queremos inaugurar novos campos no estudo da história e da emancipação através do questionamento de como se dá a dinâmica da passividade.

O autor usava a palavra “arqueologia”, no lugar da palavra “história” para conferir-lhe uma análise diferenciada, mais ao jeito foucaultiano, jeito este impossível e como ele queria que fosse, difícil de ser nomeado, classificado ou enquadrado em qualquer categoria ou padrão.

Além da Educação ou da Psicologia, pretendemos fazer um percurso que vai desde o senso comum até o filosofar simbólico e reflexivo. Debruçando-nos sobre as formas de saber nas escolas A, B e C e as forças que constituem o poder, e que atuam articuladas, formando um entramado de base, que percorre todo o mosaico social. Mas, tendo sempre presente, de que a história é escrita da perspectiva do presente.

Através das respostas encontradas faremos uma análise sem categorias pré-estabelecidas ou existentes, para primeiramente ver o que é que *brot*a e depois com a obra construir categorias a partir delas mesmas e fundamentá-las com Foucault. Para que possamos alcançar um maior entendimento da realidade dos indivíduos pesquisados. Por estes vários ângulos, construiremos uma certa arqueologia de como apresentaremos os dados encontrados e analisados nas respostas do sujeitos participantes.

Se pensarmos que o presente dos pais pode ser diferente do presente dos professores e mais distante ainda do presente dos alunos, já que cada um carrega e constitui esse presente baseado nos conceitos que o constituem e que essa constituição encontra-se permeada pela realidade histórica, social e psíquica de cada um dos envolvidos nesse processo. Já que, a reflexão filosófica e a simbolização brotam da realidade histórica e cultural e essas nuances são determinantes nos resultados dessas combinações, então, o pensamento é uma permanente evolução da relação entre o sujeito e a sua verdade.

Somente a proximidade com as situações concretas observadas a partir das realidades dos participantes das escolas A, B e C proporcionaram juntamente com outras *ferramentas*, analisar e pensar em novas vias e formas para conseguir viabilizar a transformação da realidade que ora se apresenta, com altos índices de gravidez na adolescência. E o primeiro passo é conhecê-la na sua arqueologia.

A conhecimento e uma possível evolução ou transformação da realidade se possibilita e se processa na medida em que conseguimos *humanizar* mais aqueles que não tem acesso à ciência ou ao convívio social. Isto tudo, através de postura crítica, independente de qual seja a realidade, mas que as intervenções necessárias possam ocorrer.

Seja na escola A estimulando os pais a passarem mais tempo e desenvolver mais

intimidade e contato com seus filhos até a mostrar aos pais B e C quais são as suas obrigações cívicas em relação aos filhos que colocam ao mundo, bem como os direitos que os mesmos possuem e muitas vezes não fazem uso por ignorância ou desconhecimento dos mesmos.

Sobre como nasceu a ciência moderna, como funciona a história das idéias e que estas idéias possuem uma existência social, muitos autores mostram como a tradição judaico-cristã “arou a terra” para a germinação da revolução científica e tantas outras revoluções, internas e externas na humanidade.

O controle da população que se iniciou naquele longínquo tempo e modificou-se de muitas formas, através da Organização Mundial da Saúde, Organização das Nações Unidas e outras tantas organizações que se ocupam de levantamento de dados e planos estratégicos para quantificar, conhecer, controlar, ou na melhor das hipóteses auxiliar a população para a diminuição da selvageria e da miséria.

Os dispositivos do poder disciplinar que compreendem saberes, poderes e instituições recobrem todos os domínios da vida humana. A atualidade traz consigo avanços da medicina, da psicologia, da psicanálise, e com isso aparece também um novo elemento de estudo a sexologia e com isso novos especialistas, os sexólogos. A sexualidade torna-se cada vez mais objeto de saberes e poderes, de análises minuciosas, pesquisas, estatísticas e classificações, todos com seus prós e contras.

A ciência moderna recebeu uma tríplice influência: da tradição organicista, mecanicista e mágica. O darwinismo deu margens a várias interpretações. Uns dele se aproveitam para justificar a desigualdade dos homens pela seleção natural. Segundo Japiassu, formando uma elite, uma classe dos melhores. *A ciência evolucionista está baseada na religião: as almas, criadas por Deus, são iguais; os homens, selecionados pela natureza, nascem desiguais e ficam condenados à eterna desigualdade*¹³.

Desigualdade esta, que vem sendo garantida e assegurada pelos altos índices de gravidez na adolescência, que é um assunto bastante polêmico e extremamente atual, tanto no ambiente da psicologia, quanto no da educação e em tantos outros campos, por suas implicações no funcionamento social e geral da vida dos envolvidos.

Para tanto, se faz necessária uma arqueologia que compôs e continua compondo o fenômeno da gravidez na adolescência. Não temos nem a ilusão de que encontraremos respostas únicas ou causas específicas, por isso rumamos a uma arqueologia desse

13 JAPIASSU, H. *Nascimento e morte das ciências humanas*. 2. ed. Rio de Janeiro: F.Alves, 1982, p. 57.

fenômeno.

Arqueologia nos faz pensar em escavação, cratera, algo do passado, antigo, ainda um tanto desconhecido, e sendo antigo, pertencendo aos primórdios, para que possamos realmente vislumbrar, é preciso que a escavação seja feita com muito cuidado, para que os elementos não se despedacem.

Porque certamente o tempo, os anos lhe dão um efeito um tanto *esmigalhante*, que facilmente, qualquer mau-jeito pode reduzi-lo ao pó. Mas, do que estamos falando mesmo? É, parece que de tudo o que funda a humanidade e as relações estabelecidas entre os sujeitos e seus objetos ao longo dos tempos.

Desde o início dos anos 60, Foucault se preocupava com um maior entendimento ou uma maior clareza a respeito da distância existente entre uma idéia e a constituição ou formação da mesma em objeto de conhecimento.

Então pensar em soluções se torna algo um tanto menos difícil quando se tem o conhecimento, as necessidades básicas atendidas, mas o difícil é colocar essas soluções na prática, porque essa possibilidade se constrói só quando a realidade sai do pensamento, passa para o papel e do papel vai ao encontro da realidade.

Realidade esta, que só pode ser conhecida com a proximidade do seu funcionamento real e concreto. Por aí, podemos ter uma prévia idéia do porque as campanhas publicitárias veiculadas pela mídia na prevenção da gravidez na adolescência, não alcançam seu objetivo como um todo, porque apresentam muita distância entre o geral e o singular.

As comunidades precisam traduzir e adequar os projetos e as campanhas às suas realidades, isto, por que de que adianta veicular que é preciso usar preservativo, investir maciçamente nesse elemento, se as pessoas daquela comunidade pensam que se tomarem anticoncepcional o problema já está resolvido, se não engravidar já é lucro.

Então *o buraco é mais embaixo*, urge aí a necessidade de maior conscientização do risco das doenças sexualmente transmissíveis, que o prazer não fica eliminado com o uso do preservativo, como que se usa, porque que se usa, para que se usa, senão o método se torna ineficaz e a teoria inócua.

Para que possamos fazer ciência nas comunidades e na realidade como ela é, precisamos acessar *arqueologia do saber* dessa comunidade, saber primeiramente quem são as figuras respeitadas, as benzedeiças mais creditadas, as enfermeiras mais próximas das pessoas, o morador da associação que é líder comunitário e convidar esses formadores de opinião a participar dessas reflexões para depois os projetos possam se tornar

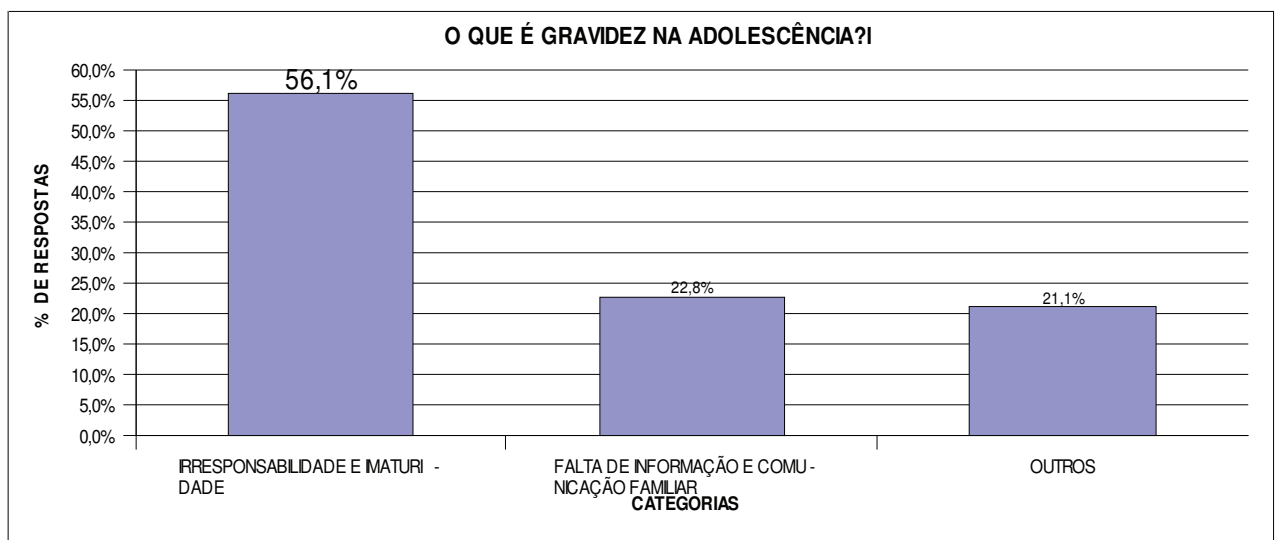
sustentáveis por aquelas pessoas daquela comunidade e posteriormente viabilizar a instauração dos mesmos.

A arqueologia se estrutura no desenrolar dos acontecimentos históricos, e foi este, o método escolhido por Foucault para lidar com os problemas específicos colocados pela história do pensamento e por tudo aquilo que alude o simbólico, o pensado, o impensado ou inconsciente.

E é neste bojo que se encaixa a gravidez na adolescência, um problema que, além de social, apresenta muitas outras nuances e também é de difícil acesso, limitada compreensão e curioso entendimento. Este problema também pode funcionar como dispositivo ou *estopim* para inúmeros problemas sociais que engrossam a selvageria e as dificuldades do mundo atual.

Com base nisso, precisamos angariar esforços através daquilo que pensamos que sabemos e conhecemos para controlá-lo, tratá-lo e principalmente preveni-lo, já que a prevenção é o que existe de mais eficaz na solução de qualquer problema que possa existir.

Neste capítulo, as respostas da pergunta o que é gravidez na adolescência, foram organizadas em três categorias, sendo que a primeira que surgiu, foi *irresponsabilidade e imaturidade*, representando 56,1% das respostas de pais, professores e alunos a segunda,



falta de informação e comunicação familiar ocupando 22,8% e a terceira categoria, *outros* com 21,1%.

FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir das respostas encontrados e analisadas no questionário aplicado a pais, professores e alunos adolescentes.

Irresponsabilidade é a qualidade de irresponsável, ou seja, aquele que não possui responsabilidade, que não responde pelos seus atos, que é desleixado, ou que tem falta de

cuidados, desleixo, desmazelo, consigo e conseqüentemente com os outros e com as relações que estabelece entre sujeito e objeto. Que não tem ou ainda não apresenta todos os requisitos precisos¹⁴.

Imaturidade é a qualidade de imaturo, ou seja, aquele que ainda não atingiu pleno desenvolvimento, que não é maduro, que é prematuro, antecipado, precoce. Que ainda não está pronto. Maduro antes da estação própria, fora do tempo, antecipado; que se sucedeu ou se desenvolveu antes do tempo em que se costuma dar esse sucesso ou desenvolvimento¹⁵.

Quando ocorre a gravidez na adolescência, seja a gestante ou o pai da criança um adolescente, certamente um dos elementos como *irresponsabilidade* ou *imaturidade*, se encaixam redondamente nesta dinâmica.

Tais como: engravidar antes de estar com o corpo plenamente preparado para levar a termo uma gravidez, engravidar antes de concluir sequer o ensino fundamental, engravidar antes de ter um trabalho fixo que possa ao menos prover a alimentação do novo ser que virá, enfim, uma gama de incompletudes compõe este acontecimento.

Noutro momento, a *irresponsabilidade* é atribuída aos adolescentes por não colocarem em prática o que os pais pensam que eles já sabem, esse problema se instaura quando as coisas ficam no imaginário, os pais pensando que os filhos já sabem e os filhos com vergonha de perguntar porque acham que já deveriam saber, e esse jogo de faz de contra funciona como fermento da distância nos cuidados dos pais para com os filhos.

E ainda, da sociedade como um todo por não cumprir com suas responsabilidades de fornecer *esclarecimento* e suporte para que todos possam saber de si mesmos e com isso possam ser realmente cidadãos mais conscientes das conseqüências de suas atitudes e do planejamento familiar, que se faz necessário numa sociedade civil.

É condição primeira para falar de sociedade, pensar no passado. E intimamente ligada ao conceito de passado e presente está a avaliação desta idéia de passado e a ligação da mesma com genealogia. Já que a *genealogia* é a história escrita à luz de preocupações atuais, ou seja, é a história escrita de acordo com a necessidade de firmar um compromisso com as questões do momento presente, que como tal interferem também no momento presente.

Foucault reconhece que, se a história é sempre genealogia e intervenção, as

14 COSTA, A. *Dicionário moderno da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo-SP: Editora Riidel, 1980.

15 Idem

estruturas de conhecimento e os modos de compreensão da realidade também se encontram em constante e permanente processo de mudança.

Por isso, também a responsabilidade que a ciência e aqueles (nós) que fazemos ciência temos em nos comprometer e auxiliar para que os sujeitos possam buscar e encontrar a sua verdadeira verdade, ou seja, que as pessoas possam ter consciência da sua realidade, porque muitas vezes não conseguem se mobilizar na busca de uma melhor condição de vida em função de desconhecerem quais são as vias e possibilidades para o alcance da mesma.

Diante disso, surge uma grande missão de aproximação entre a ciência e a população geral, para que a ciência tenha realmente validade e aplicação. Senão, se torna difícil para pais e professores querer e principalmente conseguir educar, cuidar e emancipar se os seus instrumentos não estiverem sendo constantemente atualizados pelas conjunturas do mundo atual.

Tarefa difícil, e o que podemos perceber nessa pesquisa é que quanto maior a defasagem de conhecimento e crescimento pessoal de pais e professores, maior é o distanciamento dos filhos e alunos, que atualmente recebem um número altíssimo de informações que nem sempre são formadoras ou constitutivas, mas sim de cunho diferente do funcionamento e modo de pensar de pais e educadores.

É como se existisse para pais e professores uma corrida contra o tempo, *um remar contra a maré*, mas, a única opção que lhes resta é correr e remar, mas quem vai ajudá-los primeiramente a enxergar isso, a realmente se dar conta desse processo e principalmente a *remar e a correr?*

A obrigação e a responsabilidade recaem sobre um Estado que também se encontra numa situação pra lá de difícil e sobre quem quer fazer parte do processo de construção social mais justo, digno, inclusivo e emancipador. Responsabilidade esta que tem como base o *cuidado de si* e para com o outro.

A *falta de responsabilidade*, e cuidado consigo mesmo, e com o outro, fazem com que os adolescentes tenham filhos antes de estarem maduros tanto física quanto psicologicamente, e também contribui imensamente para que não sejam autônomos na construção do seu planejamento familiar e no sustento dos filhos que trazem ao mundo, perpetuando assim a miséria e a ignorância, que assolam a grande maioria da população brasileira e mundial.

Em respeito ao saber sobre si, a técnica ou a ciência, Foucault dava precedência à técnica sobre a contingência na compreensão da ação humana e denominava as técnicas

corporais como uma tecnologia sem instrumentos. Onde uma regularidade das ações pode surgir como uma técnica, tão naturalmente levada em conta que parece não ter sido aprendida e sim fazer parte constitutiva do sujeito.

O *cuidado de si* pode ser ofertado para a população em geral, através de palestras que falam de anatomia humana, hormônios, cuidados com higiene, cuidados pré-natais como vacinas, exames e tantos outros dados sanitários. Já que a gravidez na adolescência atinge todas as camadas e grupos sociais, o que muda é a intensidade desse fenômeno de uma condição econômica para outra.

Foucault em suas análises de poder, em particular, atenta em revelar, a regularidade não reconhecida de ações que demonstram e denunciam sentimentos, pensamentos ou até idéias inconscientes. Porque como tecnologia, as técnicas podem ser transferidas por diferentes conjuntos de práticas, bem como as formas de disciplina corporal demonstram ou expõe aquilo que se passou ou que se passa com o sujeito.

Palestras, debates e discussões com pais, professores e alunos podem contribuir para analisar os jogos de poder existentes na sociedade e nas micro-sociedades onde os sujeitos pesquisados estão inseridos, para que assim, os sujeitos possam pensar alternativas para mais independência e esclarecimento.

O elemento *falta de informação*, que é a ação ou efeito de informar, emitir opinião, dar direção e falta de orientação, que é a arte ou ação de se orientar, rumo, impulso, direção, determinar ou estabelecer (a posição de um lugar).

Se pensarmos no radical da palavra, que é *forma*, ou seja, recipiente, continente, pote de barro, de lata, ou algo que dê conta de guardar, carregar, proteger, transportar algo ou alguma coisa ou dar *fórma*, também para alguma coisa ou alguém, reconhecer o lugar em que se acha; reconhecer a situação, estudar as diversas circunstâncias para regular o seu modo de proceder; examinar cuidadosamente os diferentes aspectos de uma questão, por exemplo.

Então, seria ideal que pais e professores pudessem oferecer aos filhos e alunos, *esclarecimento e conhecimento* do lugar onde se encontram, da fase de vida que estão experienciando, para que estes jovens possam ter mais acesso a *mais informações*, maior clareza de suas escolhas e também acesso a elementos que compõe e do que ocorre nesta fase.

Fase esta, que requer que se fale: dos riscos, dos benefícios, dos sentimentos e dos desconfortos tanto físicos quanto emocionais, que precisam ser postos em palavras, divididos em grupos de adolescentes para aliviar, para sair do estranho, para assim se

tornar familiar e não mais tão temido e assustador.

Com isto, se detecta a necessidade de capacitação técnica dos profissionais da educação para que possam auxiliar os alunos a realizarem dinâmicas de grupo que contribuam com o autoconhecimento e *cuidado de si* e também para que possam convocar os pais a participarem mais ativamente nesse tão significativo papel. Isso é a técnica que pode ser colocada em prática pela instituição escolar através da pessoa do professor e amparada pelo comportamento pró-ativo dos pais.

A teoria e a técnica que a escola pode passar a ter condições de oferecer tem chances de ser colocada em prática pelos pais para com os alunos e filhos a partir do diálogo e da proximidade de comunicação. A necessidade de reforço deste elemento, da comunicação, surge com a constatação de que tanto pais quanto professores e alunos clamam por mais informações técnicas, científicas e de humanização.

A categoria: *falta de diálogo*, que é a falta de conversa entre duas pessoas, ou a fala alternada, nos remete a palavra dialética, que é a arte de raciocinar com método; argumento sagaz e sutil ¹⁶, pode ser facilmente entendida, se pensarmos que a comunicação é o elemento mais precioso que compõe o ser humano, mas também algo que se apresenta de forma extremamente complexa e singular.

A *falta de informação ou orientação*, para pais, professores e alunos, está relacionada a muitos fatores, tais como: os pais não orientarem seus filhos porque não sabem nem orientar a si mesmos. Já que, muitas vezes o ciclo se repete sem que haja entendimento do que isto significa.

Na presente pesquisa foi possível observar que existem famílias que perpetuamente, têm jovens que engravidam ainda na adolescência, e muitas vezes quando isso acontece, a mãe pode ter vários filhos, até que faça a esterilização, ou ligadura, sem ter sequer aprendido corretamente sobre a utilização dos métodos anticoncepcionais ou como podem ser utilizados de maneira efetiva.

Ninguém carrega dúvidas de que uma adolescente teve relações sexuais e que tem pouco diálogo com seus familiares, quando a sua barriga denuncia uma gestação, é como se o que ela praticou, *o ato sexual*, expõe e denuncia não somente que ela engravidou, mas que ela não conhece o funcionamento do seu próprio corpo, que pode não ser bem cuidada por aqueles que deveriam ser seus cuidadores, que a escola falhou, na execução de seu papel porque não contribui para que ela pensasse em ser mãe num período posterior, enfim

16 Ibidem

uma infinita gama de hipóteses pode surgir a partir da observação da gestação.

Estas repetições podem estar acompanhadas de angústia desligada, não entendida, inacessível em relação ao porque as coisas se repetem, com perguntas como: Por que de novo? Por que dessa forma? Os pais se perguntam, onde foi que eu errei, que minha filha também engravidou antes de casar?

Se observarmos como os fatos se dão, surge o questionamento de como pode alguém proteger o outro sem saber do que precisa se proteger? As angústias e desamparos, a aquisição “forçada” das responsabilidades advindas com a gravidez e a maternidade faz com que as adolescentes e famílias pouco preparadas para essa nova realidade, encontrem inúmeras dificuldades.

Sendo assim, muito provável que na maioria dos casos, tanto as mães, como os pais e as famílias dos adolescentes não conseguem ter condições financeiras nem emocionais adequadas para assumir a maternidade, com esses sentimentos que envolvem e atingem todas as camadas sociais, mas, a imensa maioria é representada por jovens de populações carentes.

1.1 Pais

Foucault coloca que no século XIX o procedimento da confissão extrapola a penitência, extrapola o domínio religioso¹⁷. Há uma sobrecarga de discursos, e a interferência de duas modalidades de produção da verdade: os procedimentos da confissão e a discursividade científica. Com a ascensão dos discursos científicos, a igreja vai perdendo domínio e dividindo a *fatia* de dominação com a ciência, com os filósofos, com os médicos e professores e com tudo o que alude ao capitalismo.

Trata-se então, de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana começa a circular por novas trilhas e a apresentar diferentes matizes, nunca dantes pronunciadas.

Gostaríamos de desvincular a análise dos privilégios que se atribuem normalmente à economia de escassez e aos princípios de rarefação, para, ao contrário, buscar as

17 FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 12.ed. São Paulo: Graal, 1988.

instâncias de produção discursiva, que, evidentemente, também surgem para que possam organizar algum tipo de silêncio.

Desta forma, quando os pais não falam entre si e com seus filhos sobre a sexualidade, esta também é uma forma de funcionamento familiar que “organiza” o funcionamento próprio dos sujeitos que desta forma se constituem.

Então, quando alguém politicamente ou cientificamente é autorizado para falar de determinado assunto, automaticamente, outros ficam teoricamente impedidos ou menos autorizados a fazer o mesmo, isto porque não estudaram para tanto ou porque o misticismo começa a cair por terra e a dessacralização ascende de forma regulamentada.

A produção de poder, que algumas vezes têm a função de interditar, como foi citado anteriormente, quando um pode, certamente é porque por alguma razão o outro não pode conquistar o mesmo direito de fazê-lo, como a escuta da confissão, a indicação medicamentosa, a ligação entre conteúdos conscientes e inconscientes, isto tudo exige treinamento, habilitação e autorização para que possa ser realizado.

Sendo diferente disso, já entraria na clandestinidade e correríamos o risco de sofrer punição de algum órgão responsável, caso haja insistência em permanecer a continuidade da infração. Por isso a *pendenga* entre psicopedagogos e psicólogos, padres, psiquiatras e benzedeadas.

A questão não é onde só onde começa o campo de intervenção de um ou termina o do outro, mas sim, saber que ambos podem trabalhar encadeados numa mesma questão, se por estes forem estabelecidas regras claras do papel que cada um vai exercer naquele determinado contexto. Trabalho e necessidade de ambos os profissionais existe em todas as partes.

No que diz respeito às produções de saber, freqüentemente, as amarras da ignorância fazem circular erros e desconhecimentos sistemáticos, estas ficam completamente institucionalizadas, regradas e passam pelo crivo do poder, saber e da ética, que cientificamente se apoderam de dar o veredicto do certo ou errado, ético ou politicamente incorreto, sagrado ou profano, e isso é radicalismo e preconceito, carregado de discriminação e separatismo.

Certamente seríamos mais autônomos em nossa vida, se soubéssemos mais sobre a história dessas instâncias: saber, poder e ética, e suas transformações ao longo da história. E é com isto que pretendemos contribuir nesta dissertação.

Foucault aborda temas com loucura e razão, no século XV, as pessoas loucas eram andarilhas, mas o tema da loucura emergia geralmente na literatura porque a pessoa louca

era vista como uma fonte de verdade, sabedoria e crítica da situação política existente.

Atualmente as adolescentes não são pessoas loucas, mas continuam sim denunciando uma sociedade brasileira injusta e desigual, onde a educação apresenta-se cheia de lacunas e o país sob o temor da violência, o que assusta, paralisa uns ou impulsiona outros a contribuir para que a situação se modifique.

Posteriormente, o autor mapeia o caminho pelo qual mostra que a pessoa louca que não era confinada em nenhuma instituição, antes de 1600, passa a assumir, em meados do século XVII, o status de pessoa excluída por excelência.

Teve um tempo também em que as adolescentes grávidas eram excluídas e enviadas a prostíbulos, mas atualmente o fenômeno da gravidez na adolescência parece tomar novos rumos, não os do cuidado nem da cidadania, mas o da banalização e da naturalização. E com isso, assim compõe até uma característica nas classes menos favorecidas pela sociedade.

Numa primeira abordagem feita deste ponto de vista parece indicar que, a partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação e explosão discursiva.

Que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfos (envolvendo várias partes do corpo) e que, a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou em constituir uma ciência de sexualidade¹⁸.

Esta ciência teve que obrigatoriamente que ser autorizada, porque não havia mais quem segurasse esse discurso, essa *soltura*, como um cavalo em disparada, sem freio, sem domínio, então era como se as opções da igreja ou da ciência, fosse autorizar ou também autorizar.

O século XVII seria o início de uma época de repressão própria das sociedades burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso.

Como se, para dominá-lo no real, tivesse sido necessário, primeiro reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso e bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível¹⁹.

18 FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 12.ed.Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988, p. 17-18.

19 Idem. p.22.

Controle também das enunciações, onde se definiu de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele, as situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais.

Foucault coloca que:

Em compensação, no nível dos discursos e de seus domínios, o fenômeno é quase inverso. Sobre o sexo, os discursos não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII. Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos “ilícitos”, discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente²⁰.

A Contra-Reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual.

Esta foi uma das formas de a igreja *controlar* a vida das pessoas, para *poder saber* o que se passava nas comunidades, nas casas e principalmente nos quartos dos casais. Coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários à lei, mas, procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso. Colocado em palavras e narrado nos mínimos detalhes. Inclusive os *sórdidos*.

Poder-se-ia traçar uma linha direta da pastoral do século XVII ao que veio a ser sua projeção na literatura e na literatura “escandalosa”. Dizer tudo repetiam os diretores espirituais: “não somente os atos consumados como também os toques sensuais, todos os olhares impuros, todas as palavras obscenas...”, todos os pensamentos “consentidos”.

Tais confissões eram quase que ou até *um ato masturbatório* simbólico ou também concreto. Aí é de se pensar a necessidade do confessor ser em forma de *casinha*, para proteger ambas as partes, desse incentivante jeito de “dominar”.

20 Ibidem

A história de cada sujeito encontra-se embasada em todas essas práticas e proibições citadas anteriormente. A biografia de um ser se inicia muito antes de sua concepção, porque existem muitas formas de relação que resultam na formação de um feto. Uma gravidez pode surgir a partir da genética, na fertilidade artificial com a implantação de um espermatozóide no óvulo.

Pode surgir de uma *transa* entre duas pessoas que acabaram de se encontrar e não se conhecem. Pode ser fruto de uma relação duradoura, mas, muito conturbada. Ou ainda, que rara, mas na melhor e menor das hipóteses, de um casal que se ama, se respeita, quer ficar junto e fazer frutificar o seu amor através de um filho que pretendem trazer ao mundo.

A infância e a sexualidade infantil de um *serzinho* são bases de sua sexualidade adulta. E as duas têm em comum o fato de serem misteriosas e íntimas. Por mais que a conquista e a descoberta da sexualidade sigam certas etapas *livrescas*, este percurso é sempre muito singular e intransferível.

A conquista de cada uma das fases está embasada pela noção de indivíduo, ou seja, o que sou eu, onde é o outro, como se dá essa relação eu-tu-nós, e eles. Para que um ser possa se concebido envolve o genital, mas para que um ser seja humanizado e adquira psiquismo, ele precisa ser maternado, cuidado, narcisizado e posteriormente tenha noção de limite, aquilo que pode e aquilo que não deve ou não pode fazer.

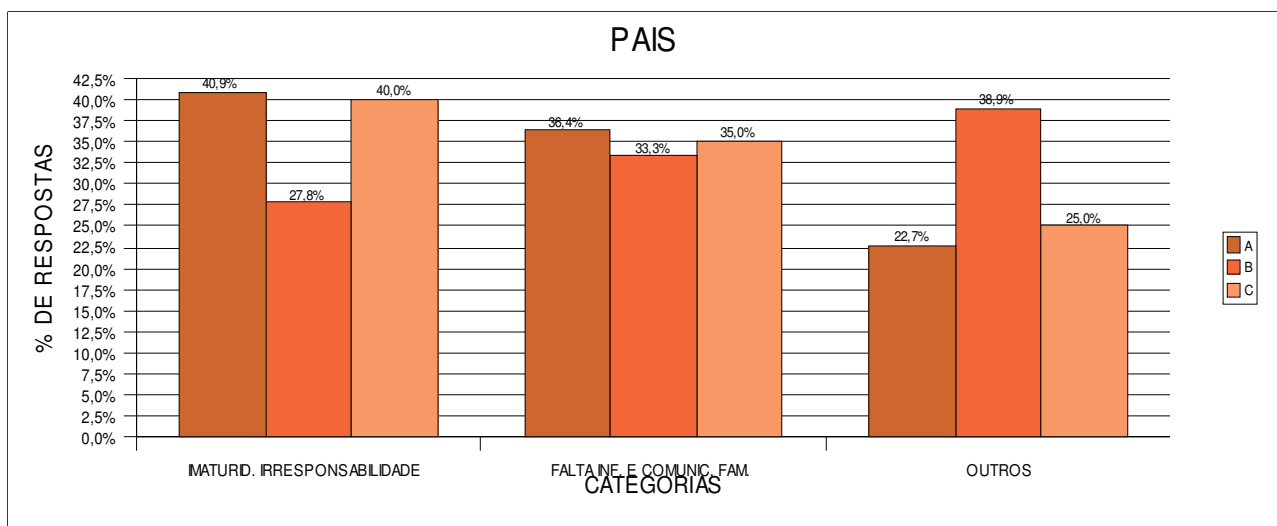
Assim como alimentar biologicamente um filho depende de dinheiro, isto é muito diferente de nutrir e constituir psiquicamente, porque esta parte depende de afeto e disposição, capacidade de gestar, de maternar, de acalmar ao invés de agredir ou reclamar que filho dá trabalho, que não é fácil. Fácil não é, mas nos dias atuais com as alternativas anticoncepcionais, não temos mais o direito de dizer que uma gravidez aconteceu por acidente ou que este filho veio por acaso. Isso exige responsabilidade.

Por mais que a evolução científica e cultural tenha trazido inúmeras evoluções à humanidade, a atual sociedade ainda se mostra muito distante do saber científico, porque de forma isolada o folclore, a religião ou o senso comum não dão mais conta de suprir as necessidades do cidadão atual, que precisa saber sobre o funcionamento do seu próprio corpo e também se conhecer psiquicamente para que o corpo não fique sozinho na responsabilidade de dar conta da angústia, senão a somatização toma conta e o sujeito se faz *aprontes* como atos falhos ou adoce sem saber ou entender o porque.

A sociedade também se mostra ainda muito carregada de preconceitos e heterogênea no que alude às questões de gênero, pois, os pais dispensam uma gama muito diferente de olhares para meninas do que para meninos, isto por causa da própria educação

que os pais receberam, que vem carregada de “coisas de homem e coisas de mulher”, o que é muito relativo conforme suas origens e seu psiquismo determina que estes papéis, lugares ou posições possam existir, ser rígidos ou até extremamente cambiantes entre estes pais.

Dos pais participantes da pesquisa, 36,7% responderam elementos relacionados à *imaturidade e irresponsabilidade*, 35,0% *falta de informação e comunicação familiar* e 28,3% *outros*.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir das respostas encontradas e analisadas no questionário aplicado a pais, professores e alunos adolescentes.

Conforme os dados analisados, os pais percebem a gravidez na adolescência como algo semelhante a um fardo muito pesado, muito penoso, sofrido para todos, isto, porque muitas pessoas envolvidas precisam modificar seus planos em função de um fato que saiu diferente do esperado ou do ideal.

Nesta questão, as respostas que apontam a *irresponsabilidade* mostram que a mesma pode ser dos pais, por não cuidarem devidamente de seus filhos, por muitas vezes pensarem que seus filhos já sabem *das coisas* ou pelo fato de os pais fingirem não saber do que está acontecendo, não conseguir enxergar que os filhos cresceram e precisam estar preparados para exercerem sua sexualidade e sua genitalidade de forma segura e madura.

Surge então o questionamento como viabilizar para que os pais inaugurem primeiramente o “cuidado de si” quando não o conseguem ter sozinhos e a única via que surge como resposta é a escola. E isto, pode ser feito através do levantamento de dados da comunidade, da descoberta de quais são os questionamentos, as dúvidas e os temores que mais lhe afligem, e isso é ciência, isso é saber, isso é provocar reflexão para posteriormente construir estratégias de soluções e assim poder viabilizá-las de forma personalizada. Isto, porque quem sabe realmente de suas necessidades é quem as possui.

Dentro dessas respostas são encontrados elementos que indicam *imaturidade* e *irresponsabilidade*. Provocando o entendimento de que esse fato merecesse punição, já que parece *irresponsabilidade*, que é uma qualidade exigida daquele que já foi doutrinado para assumir uma postura e na “hora H” exerce outra.

Também aquele que não cumpre o combinado, se esquivando do dever de se prevenir, de se proteger, de utilizar os inúmeros métodos anticoncepcionais disponíveis, como: a pílula do dia seguinte, preservativo, anticoncepcional oral, etc...

Nas respostas oferecidas pelos pais, também encontramos argumentos que sugerem *falta de informação e comunicação familiar*, com base nos resultados observados, na grande maioria das vezes falta sim, intimidade e orientação dos pais para com os filhos e é nesse ponto que a escola é solicitada para auxiliar a relação.

Quando a gravidez se confirma, ela é a certeza de que a jovem teve contato sexual²¹, e de que não se utilizou corretamente dos recursos oferecidos pela farmacologia, muitas vezes, para que “não ficasse prova do crime”. Ou seja, se a mãe ou alguém responsável encontra nos pertences da menina o anticoncepcional ou o preservativo, a jovem acha que pode ter problemas, então, de forma ilusória pensa que se não deixar pistas, jamais alguém poderá provar algo.

Mas, o artifício não funciona. Diante disso, fica num “faz de conta que não estou transando, já que não encontram prova anticonceptiva”, mas quando a barriga aponta e cresce, não restam mais dúvidas em relação a isto, ela realmente *transou*. E aí, o que fazer? As atitudes variam desde a aceitação plena, até o espancamento e crise de loucura por parte dos pais ou da família como um todo.

Na escola C, a realidade de muitos pais é o isolamento social, principalmente no universo feminino, muitas mulheres apresentam dificuldades, tais como: ficarem completamente isoladas dentro de suas casas, não conviverem com vizinhos e muito menos com a escola, mesmo quando solicitado o seu comparecimento.

Isso soa até como um tanto de primitivismo, porque quando existe a obrigatoriedade de comparecimento até a escola, essas pessoas podem apresentar comportamentos hostis, como que num misto de medo de serem atacadas, então, já chegam se defendendo e como a maneira que concebem de defesa é a agressão antecipada, já chegam agredindo, seja

21 Coloco contato sexual, porque se sabe de relatos de meninas que não praticaram o ato sexual ou a penetração e pelo fato de o homem haver ejaculado nas proximidades da região genital dela, ou ter se masturbado e depois a tocado existe aí uma grande probabilidade de gravidez, mesmo com o hímen da mesma estando intacto.

verbalmente e se a situação piorar, não é algo completamente distante a agressão física contra professores ou até contra os próprios filhos na presença dos professores.

Por isso, a esperança de humanização dos pais através dos filhos que podem “levar” a escola para dentro de suas casas, esse levar passa pelas informações, pelos questionamentos e pelas solicitações de interação, e convocação para que essas pessoas por maior que sejam suas dificuldades sejam chamadas a serem pais e mães.

Se os jovens tivessem acesso e mais posse da postura crítica provavelmente teriam mais capacidade de reflexão crítica e filosófica da vida, podendo assim ter comportamento mais maduro e seguro, ou seja, teriam mais autoconhecimento e “cuidado de si”, seriam mais conscientes das conseqüências de seus atos e do quanto é preciso se proteger dos perigos como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, ignorância e miséria.

Porque a miséria não é somente a social ou a externa, ela pode ser miséria reflexiva, miséria psíquica e na mais dura das hipóteses a miséria da pobreza. Portanto, de uma forma ou outra essa pobreza de que estamos falando pode atingir o público das escolas A, B e C.

As intervenções devem ser de cunho dialético com reflexão acompanhada e ladeada pela ação, pois sem a ação tanto o pensamento, quanto o filosofar e a teoria ficam estéreis. Desta forma, os projetos a serem desenvolvidos nas escolas não podem ser meros convites para compartilhar idéias como se pode fazer nos educandários ou faculdade e as pessoas muitas vezes já engatam numa reflexão altamente simbólica, porque estão com as necessidades concretas já saciadas.

Por mais que seja interessante o convite para pensar e refletir, para a população geral ele não é suficiente, as pessoas se sentem mais envolvidas quando lutam por uma causa, por uma conquista, por posição, por algo concreto, por um salão na comunidade, por um posto policial, por uma enfermaria, então se é assim, que assim seja. Principalmente nas escolas B e C.

Convidar os pais para uma reunião na escola nem sempre parece muito convidativo, mas convidar os pais para comparecerem na escola pra organizar alguma promoção ou festa para viabilizar algum benefício para a comunidade em geral tem outro convite, que é venha fazer parte, se adquirirmos isso, a comunidade geral vai poder usufruir, você vai ser mais assistido, mais cuidado.

Foucault escreve numa linguagem que conforme cada olhar, de um ângulo ou de outro, praticamente todo mundo entende alguma coisa e faz alguma reflexão, por isso, de

fácil acesso ao público das escolas A, b e C. E o que fica subentendido é que todo o projeto e principalmente nas escolas, os movimentos e as mudanças precisam acontecer envolvendo todas ou a maior parte possível de envolvidos para que o número de boicotes em relação a tais mudanças possa ser o menor possível.

Para desenvolver um projeto numa escola, por exemplo, o primeiro passo é atentar para a trama de poderes que circulam em todas as instâncias, em sua capilaridade que atinge a todos os indivíduos dela participantes.

É preciso conhecer a realidade de cada escola e comunidade para depois entender a multiplicidade de funcionamentos transversais, como um mosaico composto por vários elementos de grupos ou sujeitos humanos que se debatem em conflitos marcados por questões internas subjetivas, econômicas de dominação, mas também por questões étnicas, culturais e religiosas que impregnam norteiam e constituem a sociedade em geral.

A partir daí de um certo conhecimento dessa realidade é que esse projeto começa realmente a ser construído, caso contrário é fazer um remédio sem saber qual a doença que precisa ser curada. Com isso pode-se pensar que cada escola tem suas particularidades, portanto os professores quando chegam numa comunidade deveriam ter contato também com os pais de alunos e mereceriam ao menos uma prévia noção de como é o funcionamento real da comunidade.

Esse funcionamento que coloco como real, vai além da condição sócio-econômica, do senso comum e do humor das colegas e da diretora, os professores mereceriam e deveriam ter noção em termos de números de habitantes daquela comunidade, escolaridade dos pais dos alunos, número de habitantes por residência, enfim os dados existem, mas nem sempre são debatidos e refletidos por aquele grupo de professores que trabalha com determinada clientela.

Então surge o questionamento como é que uma escola vai desenvolver um mesmo projeto que outra, o protótipo, o esqueleto do projeto até pode ser o mesmo, mas o resultado deste vai depender inteiramente do funcionamento daquela equipe de professores, da relação entre eles, com os alunos e com a comunidade escolar como um todo, e isso é ciência tolerante e racional.

Percebemos que a modernidade trouxe consigo tolerância e mais racionalidade, já que:

O sofrimento físico, a dor do corpo não mais são os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. Se a justiça ainda teve que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará à distância, propriamente, segundo regras rígidas visando a um objetivo bem mais elevado. Por efeito dessa nova retenção, um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores; por sua simples presença do lado do condenado, eles cantam à justiça o louvor de que ela precisa: eles lhe garantem que o corpo e a dor não são os objetos últimos de sua ação punitiva²².

Atualmente se os pais castigarem fisicamente seus filhos ou filhas, seja por algum comportamento inadequado ou pela gravidez na adolescência, a agressão é criminosa, existe lei, justiça para prevenir ou punir a violência física.

Por mais que somente a confirmação física tenha como ser comprovada pelo exame de corpo e delito, ainda resta trilhar um longo caminho rumo ao psiquismo. Isto porque a adolescente grávida, assim como toda a gestante, tem o direito a ser protegida, amparada e respeitada física e psiquicamente.

Muito diferente do que acontecia nos séculos passados com as jovens que engravidavam antes do casamento, se o homem fosse livre, eram obrigados a casar, e se ele fosse comprometido, ela era expulsa de casa, sendo aceita somente em prostíbulos, e ainda corria o risco de passar por algo semelhante ao que *Damiens*, passou²³.

Atualmente isso é um tanto distante, porque a atualidade trouxe consigo uma grande explosão discursiva a respeito de direitos humanos, tolerância e racionalidade sobre muitos aspectos e também sobre a sexualidade. Mas, mesmo assim, os dados analisados indicam que a dificuldade de os pais falarem sobre sexo com seus filhos repousa muito no fato de que seus pais, os avós desses adolescentes não falavam, a esse respeito ou muito pouco o fizeram.

22 Idem, p. 17.

23 FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 3.ed. Petrópolis-Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1984. O caso explanado em vigiar e punir. Damiens foi torturado da maneira mais horrenda que um ser humano pode morrer, foi despedaçado, teve quatro cavalos amarrados aos seus membros, sendo que para que arrebentassem as pernas de seu corpo foram necessários mais um cavalo em cada membro e como se não bastasse, o sujeito era forte demais, tão forte que para que o feito fosse alcançado um padre teve que com uma faca dar-lhe sua contribuição, senão teria durado ainda mais o sofrimento do pobre infeliz que quando foi jogado ao fogo restando-lhe somente o tronco, ainda tinha vida.

Atualmente as relações se modificaram, as informações se apresentam em maior número, numa maior quantidade e numa velocidade praticamente assustadora, mas, porque será que ainda ronda de forma tão presente o fantasma de que o sexo é pecaminoso?

Podemos pensar que Freud explica quase tudo para quem quer conseguir entender. Que aquilo que os pais não conseguem clarear, esclarecer ou abordar com seus filhos não está somente ligado ao fato de não terem conversado sobre isso na geração passada, mas sim, no fato de que as coisas ainda não são muito claras nem para esses pais.

Que muitas vezes podem não estar suficientemente interditados ou recalçados como diria Freud, falar ainda se encontra muito parecido com fazer, como diria a moral judaico-cristã, que aquilo que é pensado já é considerado pecado, e mais ainda se for falado fora da confissão, então aí sim que o pecado é maior. A repressão pode invocar interdição, mas, também exclusão e dificuldade em abordar o assunto ou assuntos que envolvam vida, morte, sexo e Deus.

Os dados analisados nesta pesquisa indicam que muitos pais acreditam que falar sobre sexo pode causar excitação no jovem e motivá-lo a esta prática. E é aí que reside o engano, pois, a psicanálise nos indica que tudo aquilo que é falado, passa pela palavra e mantém uma certa distância da atuação, do ato ou efeito real, porque passa pela simbolização, pelo pensamento e sai do automático ou do direto em ato.

E isto é desconhecido pela grande maioria dos pais e educadores. Então, os pais que conversam a respeito da sexualidade e de sexo propriamente dito, com seus filhos, contribuem para que estes evitem ser pegos “de surpresa”, isto é orientação, isto é informação, isto é lidar com o real e viver a vida real.

Porque se a boca cala, o corpo fala, se a boca fala o corpo pode até ouvir, entender e provavelmente controlar o que se sente, porque o que era sentido antes, se compartilhado deixa de ser tão assustador.

Um grande percentual de pais emite respostas diferentes de *irresponsabilidade* e ou *falta de diálogo*, mas sim *outros* elementos, tais como: susto, medo, muita tristeza ou até preferência por não pensar no assunto em função da magnitude do resultado que o fato de uma adolescente engravidar pode provocar na sua vida e na dos demais que a rodeiam.

Ou ainda, não responder a questão, o que pode ser entendido de diversas formas, mas principalmente a ausência de respostas satisfatórias para os próprios pais. Um relacionamento satisfatório e educativo entre pais e filhos requer um conjunto de habilidades sociais que implica na necessidade de muitos elementos.

Tais como: diálogo, elogios ao comportamento adequado, expressão de amor, afeto

e agrado, troca de idéias e opiniões, pedido de mudança de comportamento quando as regras são quebradas ou ignoradas e desculpas diante de algum erro, a que ambas as partes são suscetíveis.

A criação de filhos pode ser abordada como uma das responsabilidades mais difíceis que alguém pode assumir, além de ser uma responsabilidade para a qual a maioria das pessoas tem pouco preparo ou nenhum treinamento²⁴.

Os pais precisariam passar por treinamento, porque somente o senso comum não abarca mais a necessidade de relacionamento que é exigida do homem atual, o senso comum e as conversas entre comadres ou vizinhas apresenta-se carregado de folclore e de limitações.

Nos questionamentos dos pais apareceram dúvidas e perguntas que se forem feitas numa dinâmica de grupo, podem ser encontradas respostas de fácil entendimento dentro do próprio grupo, porque o compartilhar de idéias facilita o esclarecimento e os relacionamentos. Surgiram no questionário, perguntas que envolviam gestação, como: se o pai for alcoolista ou usuário de drogas, a criança pode ter seqüelas ou problemas?

Ou ainda, o que fazer quando a criança fica muito revoltada durante o desmame? Como agir quando pegamos duas crianças de quatro anos se beijando na boca ou se tocando nos genitais? É bom ou ruim a criança tomar banho com os pais e se for positivo, até que idade é o permitido? Como agir quando a criança se inferioriza demais ou é muito agressiva em outros momentos? Qual seria o melhor método para criar um filho único? O que responder quando o filho pergunta o que é que vocês fazem quando se trancam dentro do quarto e eu escuto alguns barulhos estranhos?

Estas perguntas não podem ser respondidas de roldão, numa palestra, porque uma resposta merece um estudo do caso para posteriormente uma análise e depois uma devolução e quando isto acontece num grupo pequeno, no máximo com dez participantes, uma “comadre” já tenta explicar para a outra e o dinamizador (profissional da área da saúde ou da educação) precisa conduzir somente aquilo que entra em conflito com a ciência ou com aquilo que já foi bastante estudado, mas muitas respostas já estão na própria comunidade.

Essas conversas entre “vizinhas” têm o seu valor constitutivo para o ser humano, mas a partir desse conhecimento se faz necessária uma releitura das práticas exercidas até então, para assim podermos elaborar novas estratégias rumo a um desenvolvimento mais

24 NEWCOMBE, N. *Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussen*, 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

sustentável a nível interno e externo do indivíduo.

Pesquisas já realizadas com treinamento de pais têm encontrado resultados extremamente positivos. Autores como Wyk, Eloff, dentre outros encontraram resultados comprobatórios de que os filhos do grupo experimental apresentaram uma visão de seus pais como mais compreensivos e mais sensíveis do que os filhos dos pais do grupo controle²⁵.

Temos a clareza de que para modificar ou tornar mais saudáveis as práticas parentais, precisamos muito mais do que palestras expositivas e dinâmicas de grupo nas comunidades, já que as relações geralmente se repetem consecutivamente entre as gerações.

A realização de encontros periódicos, atrativos, treinamentos práticos, onde os pais possam ter participação ativa pode vir a contribuir para que os pais tenham vontade, desejo de ir também até a escola, que pela grande maioria dos pais é tida como um ambiente chato, de cobranças, e de repetições, onde se fala sempre da mesma coisa e os professores fazem sempre as mesmas cobranças e não oferecem soluções.

Se os encontros periódicos fizerem parte do funcionamento escolar, é muito provável que isso se reflita em mudanças no comportamento dos filhos/alunos e numa compreensão maior por parte do professor, pois quando o professor conhece melhor os pais do aluno, passa a ter uma idéia e um entendimento do porque o aluno apresenta determinadas atitudes ou comportamentos, que se ficarem no não conhecimento do professor, é como se fosse só má educação, agressividade ou desleixo.

1.2 Professores

Os educandários têm o papel de proporcionar aos alunos inicialmente a socialização. Por mais que esteja existindo um grande investimento na educação infantil do Brasil, infelizmente muitas crianças ainda podem ter como a sua primeira experiência de convívio na participação de um grupo, da escola, quando alcançam a idade para cursarem a primeira série. Fato este que se encontra respaldado e amparado pela lei, quando existe a obrigatoriedade de os pais terem a responsabilidade civil de matricular

25 VAN WYK, J. D. ELOFF, M. E. & HEYENS, P. M. (1983). The evaluation of an integrated parent-training program. *Journal of Social Psychology*, 121, 273-281.

todos os filhos em idade escolar.

Devido ao fato de muitas mães estarem inseridas no mercado de trabalho, o ingresso das crianças na educação infantil está acontecendo cada vez mais cedo, o que facilita a adaptação e contribui com o bom andamento nas séries iniciais.

As práticas educacionais atuais, vigentes estão calcadas sobre inúmeras defasagens e deficiências, isto se levarmos em conta as estatísticas brasileiras de gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a AIDS e os *saltitantes* números que mostra a prostituição infantil e o número de analfabetos funcionais no Brasil.

A escola precisa utilizar todas as suas forças para tomar medidas sócio-educativas que tenham uma abordagem da sexualidade de forma humanizada, histórica e socialmente significativa. Esse é o desejo que nos faz buscar maior clareza sobre a vertente filosófica do discurso sobre sexo, educação, sexualidade e maioridade, haja vista, a dimensão que tal assunto abarca em nossa sociedade e a influência positiva que pode ter na autonomia e cidadania das pessoas. Por isso, a expectativa em Foucault, por ele ser filosófico e ao mesmo tempo acessível.

A expectativa da ação é a de formação continuada de professores, contribuindo para a construção de uma nova cultura de saúde, na qual a educação e a saúde tenham sentidos e significados mais integrais e que resultem na elaboração e na prática de vidas mais saudáveis.

Sabemos que para que seja viabilizada a possibilidade de que os PCNs sejam trabalhados em sala de aula, precisamos desencadear uma reflexão sobre as práticas de saúde dos próprios professores, alunos, funcionários e comunidade escolar²⁶.

Afinal, as sugestões contidas nos Parâmetros, como diz o nome, mais que orientações metodológicas, são contribuições para que o professor possa contextualizar e dar sentido às questões de saúde que o rodeiam.

Com base nos dados analisados na pesquisa, levantamos que é no mínimo eticamente questionável a forma como as atuais políticas públicas vêm até então abordando este tema. O que mostra a necessidade de um grande investimento em pesquisas, projetos e políticas públicas que possam nortear a prevenção à gravidez não planejada²⁷ e educação para uma sexualidade e acima de tudo, uma cidadania mais emancipada.

26 PARREIRA, C.; TEIXEIRA, A. *Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação*. A promoção da saúde no contexto escolar.

27 Coloco não planejada, porque não acredito que exista gravidez indesejada, já que desde os primórdios se descobriu e então se aliou que a gestação é o resultado do ato sexual, então diante da enorme gama de métodos anticoncepcionais ao acesso da população, torna-se difícil conceber que exista gravidez indesejada.

Consideremos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se falava em sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo²⁸.

Mas ainda há mais, o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral, como um problema público²⁹, a partir do momento em que a sexualidade do adolescente passa a ser vista como um problema ou uma questão pública, outras formas de abordagem têm de ser criadas para dar conta de responder tantos questionamentos que ora surgem. Tais como, se os adolescentes podem ou não se relacionar sexualmente, se somente os rapazes, ou se as moças devem continuar no puritanismo vitoriano e sacro?

Freud em 1893 coloca que para prevenir distúrbios sexuais do primeiro período, o da adolescência, (em função de prevenir a sífilis e a blenorragia³⁰, perigos que ameaçavam todos os que renunciavam à masturbação) deveria se facilitar as relações sexuais, eliminando riscos somáticos das doenças venéreas³¹.

Para o mesmo autor, o único outro sistema viável seria autorizar as relações livres entre jovens de ambos os sexos, de boas famílias, mas isso só poderia ocorrer se dispusesse de métodos anticoncepcionais inofensivos³².

A partir desse texto do período freudiano arcaico, vemos até que ponto nos acercamos de algumas afirmações contemporâneas; mas isso é apenas uma das primeiras etapas do pensamento freudiano, pois falta aqui a mediação da representação simbólica.

A representação simbólica se passa no psiquismo, no imaginário, pois sem ela será impossível explicar o fato de que certos indivíduos que têm uma vida sexual pouco ativa, e até de completa continência, nem por isso tenham crises de angústia, talvez, precisamente, porque têm uma vida fantasmática sexual suficientemente desenvolvida.

Posteriormente, Laplanche coloca que:

28 FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 12.ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988, p.30-31.

29 idem.

30 Gonorréia, que ainda não tinha cura, porque não era conhecido o poder da penicilina.

31 LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: A angústia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

32 FREUD, S. La naissance de la psychanalyse, op. Cit., pp.61-67.

Não basta, de maneira nenhuma, reinvestir o orgasmo de suas prerrogativas, nem de facilitar “as relações sexuais entre jovens de boas famílias”. O que falta, em primeiro lugar, é a ausência de psiquização ou, como se diria num vocabulário mais moderno, a ausência de “simbolização” da excitação somática³³.

Em meados de 1880, os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos para proferir-lhes prescrições, os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades, para que eles confirmem se está dentro dos padrões esperados para a época, se não está demais ou de menos. Os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes³⁴. Exemplos esse que tentam explicitar o que fazer e como fazer, nas mais variadas situações da vida.

E em todas essas medidas a criança não deveria ser apenas um objeto mudo e inconsciente de cuidados decididos exclusivamente entre adultos; impunha-se-lhe, um certo discurso razoável, limitado, canônico de verdadeiro sobre o sexo³⁵. Aí tudo o que diz respeito à sexualidade, se passar pelo crivo científico deixa de ser *pornográfico, sem vergonha* e passa a ser aceitável, nomeado, classificado e científico.

Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”. Em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções. Solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiam os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele³⁶

A sociedade de consumo é definida pelos filósofos contemporâneos como a sociedade da sexualidade mercantilizada, depois de milênios de uma tradição repressiva, cristalizada na Idade Média. Iniciando essa superação com uma suposta lógica da afirmação moderna da subjetividade e das liberdades burguesas até atingir a identidade de mercadoria, na sociedade atual.

33 LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: A angústia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

34 FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 12.ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988,p. 30-31.

35 Idem.

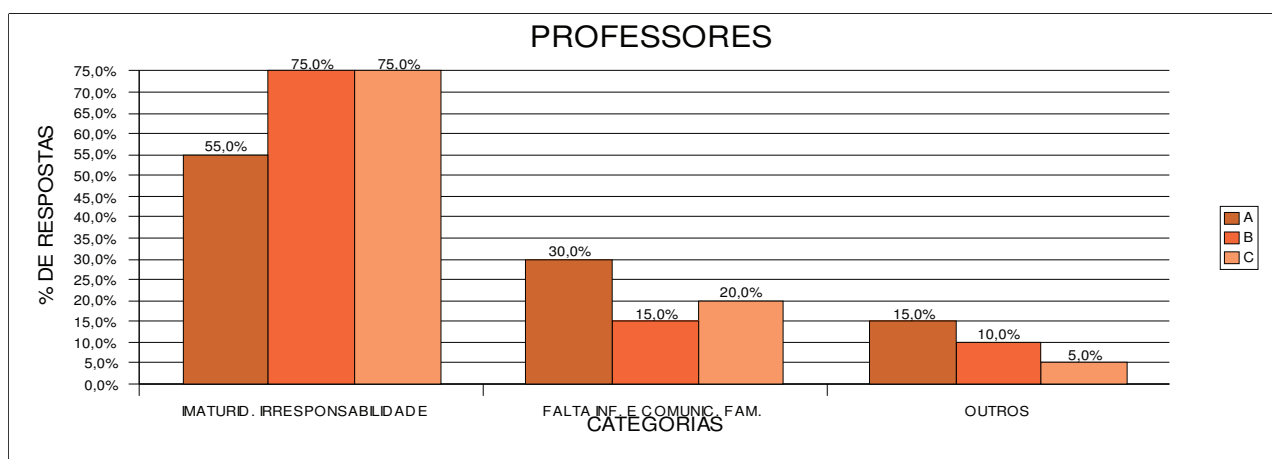
36 Ibidem.

É dever da escola proporcionar a aprendizagem de conteúdos, mas também instrumentos que permitam autonomia na construção do conhecimento rumo à humanização, ao esclarecimento no sentido de autonomia, independência e responsabilidade, para que possam estabelecer relações que contemplem afeto, carinho, compreensão e simbologia da sexualidade, com aval psíquico que auxilie no sustento do ser humano autônomo e que conhece a si mesmo.

Simbologia, porque o ato é muito mais do que ele mesmo se for somente o coito, nada mais é do que selvageria e bizarrice, mas se estiver entremeado e permeado pelo afeto, aí sim se constitui relação humana e psíquica. Para tanto, temos que nos mobilizar apresentando propostas, estudos e projetos, para que o poder público possa priorizar verbas na intenção de oferecer programas efetivos de orientação sexual, planejamento familiar e acima de tudo conscientização de que se pode viver de uma forma mais digna e menos sofrida, com menos privações e nem tantos sofrimentos, como a maioria da população mundial vive atualmente.

Sabemos que a solução não está somente nas mãos do Estado, mas em contrapartida sabemos também que algumas ações podem e devem ser feitas, na tentativa de diminuir o problema da banalização da sexualidade sem cuidados e proteção e também a incidência do problema da gravidez na adolescência. Com isso pretende-se também minimizar efeitos negativos na vida dos adolescentes e o impedimento da perpetuação de um problema social que gera violência, miséria, e inúmeros outros problemas sociais.

Em relação à questão o que é gravidez na adolescência? Os professores responderam 68,3% *imaturidade e irresponsabilidade*, 21,7% *falta de informação e comunicação familiar* e 10,0% *outros*.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir das respostas encontradas e analisadas no questionário aplicados a pais professores e adolescentes.

Instala-se aí uma grande demanda, para que se possa estudar a sexualidade numa dimensão histórico-cultural, e desenvolver significados que embasam a condição simbólica e a possibilidade rumo à emancipação humana. Isto, num viés também pedagógico para que os educadores se sintam recheados por este conhecimento, não para rotular ou diagnosticar, mas, para proteger, encaminhar e acalmar.

Não existe a possibilidade de sucesso político e avanço teórico de uma investigação sobre sexualidade se os projetos a serem desenvolvidos não reunirem condições de superar a abordagem do senso comum ou não contarem com o incentivo à pesquisa. Isto tudo, aliado à informação técnica para conseguir alcançar uma clara filosofia da vida e uma visão delicada e aguda da condição humana.

Condições estas, que exigem escolas com professores preparados para aguçar no aluno o envolvimento íntimo e prazeroso da construção do conhecimento, para que estes possam pensar em ter um futuro produtivo e autônomo. Isto será possível quando a escola se transformar em um espaço onde se vive intensamente e não um lugar onde se prepara para viver. Um espaço onde se pode perguntar e obter respostas, um lugar onde se incentiva e faz reflexão, questionamento e asseguramento das condições necessária para o exercício da liberdade, da autonomia e do desenvolvimento.

Os professores colocaram *imaturidade* e *irresponsabilidade*, dando ênfase ao fato de que o corpo da menina não está maduro para uma gestação e também frisam a questão financeira, como um agravante nas dificuldades de relacionamentos estabelecidos entre a gestante, a família e o pai da criança.

Outro aspecto que aparece com relevância na visão dos professores é a busca pela liberdade, o desejo de casar e conseqüentemente se libertar dos pais. Com um pensamento mágico de que se pode *viver de amor*, que em tudo se dá um jeito, mas quando a realidade se apresenta, ela pode ser muito mais dura do que se imagina.

Aparecem ainda indicativos de preocupação dos professores com a interrupção de uma fase muito importante da vida, sendo obrigada a jovem a assumir responsabilidades para as quais não tem preparo adequado físico, nem muito menos emocional. Estas condições geralmente apresentam-se aliadas ao descuido e à falta de conhecimento sobre o funcionamento do próprio corpo e escasso domínio sobre os próprios impulsos sexuais, amorosos ou hostis.

Fato este que se relaciona intimamente com a noção de capacidade de tolerância à frustração, capacidade de postergar um desejo ou raciocinar e pensar na conseqüência dos seus atos, ou seja, o comportamento impulsivo encontra-se muito presente durante a

adolescência e isto com sérias e irreparáveis conseqüências para a vida toda.

O grande desenvolvimento ocorrido nos séculos anteriores marca grandes mudanças para o mundo moderno: a ausência do homem dentro do conhecimento científico e sua inserção como objeto e sujeito de investigação. Por isso, o fenômeno da gravidez na adolescência, que ora analisamos.

Será que este fenômeno pode ser chamado de anormalidade, se acontece tanto e as políticas públicas não atendem às necessidades sociais vigentes, será que isso é normal ou anormal, comum ou incomum?

Enfim, a escola, querendo ou não, depara-se com situações reguladoras da sexualidade e também do acontecimento ou não da gravidez na adolescência. Seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe ou permite certas manifestações e não outras. Quando opta por informar ou não os pais sobre as manifestações de seu filho, a escola está transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos naquele momento.

A escola como via de proteção aos alunos, tem a responsabilidade de denunciar quando a criança ou adolescente está em situação de risco, as definições de risco e de proteção são primordiais para a compreensão dos construtos de vulnerabilidade. O termo tem sido utilizado no campo da saúde mental, como fator que predispõe a um resultado negativo ou indesejado.

O risco poderá desencadear um distúrbio ou uma doença³⁷, de acordo com sua severidade, duração, freqüência ou intensidade de um ou mais sintomas ou comportamentos. Risco não é um termo estático, portanto deve ser visto como um processo. Pode ser definido por suas implicações nas relações e seus resultados específicos, isto é, qualquer variável pode agir como indicador de risco em uma determinada situação.

Algo que é muito comum é o fato de a escola perceber algum comportamento *de risco* de um aluno e mandar chamar os pais, a partir daí, *um leque se abre*, desde onde os pais podem vir até a escola, conversar com os professores e passar a ter atitudes mais firmes e protetoras com seu filho, até o outro extremo, que é depois de inúmeros chamados e os pais ou responsáveis não comparecem e o Conselho Tutelar é comunicado do fato, que segue ainda por um bom tempo do mesmo jeito.

A complexidade da relação entre alunos, professores e comunidade escolar pode

37 ANTONI, C. KOLLER, S. Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. *Revista Psico*. Porto Alegre. v.31, n.1. P 39-66, jan./jul. 2000.

provocar e promover diálogos criativos e práticas transformadoras nos cotidianos escolares e familiares, naquilo que se refere à compreensão necessária de pais e educadores sobre a pluralidade existencial que caracteriza o ser jovem e estudante e a família de onde cada um provém.

Permitindo assim, que o olhar do professor possa se voltar para o reconhecimento de que os alunos são sujeitos culturais de múltiplas e variadas vivências e sobrevivências para além dos tempos e espaços escolares e que o espaço escolar também pode inaugurar e fazer germinar comportamentos positivos que sejam levados para além da escola.

Desta forma, compor um mosaico expressivo da realidade, nem sempre evidente para o “adulto educador”, de que os alunos vivenciam diversas e desiguais condições de vivência no tempo da transição, em geral concebida como momento de imaturidade e crise, frente a um ideal de maturidade positiva situada nas “idades adultas”.

Então, urge uma maciça democratização de informações sobre estudos, pesquisas e práticas inovadoras relacionadas com a temática da sexualidade e gravidez na adolescência. E isto não acontece com campanhas estanques em um ou outro mandato político partidário, mas sim, com construções curriculares e constantes treinamentos e preparação dos educadores para o enfrentamento da realidade que ora se apresenta.

Diante disso, a questão capital para que o educador possa realizar a escuta das ansiedades dos alunos é que suas questões internas estejam ao menos de certa forma silenciadas, senão ninguém se escuta e conseqüentemente ninguém se entende. Esse acomodamento positivo das aflições internas, se bem conduzido, pode ser viabilizado a partir da troca de experiências entre os próprios educadores.

Outra categoria que compõe a posição dos professores é que existe *falta de informação e comunicação familiar*, desde a tenra infância, porque os pais também se encontram muito desinformados e pouco esclarecidos, problema este que é reforçado pela ausência real, física e simbólica dos pais, pelo corre-corre do dia-a-dia e por suas dificuldades gerais de comunicação.

Na análise dos dados observados, podemos encontrar elementos que mostram a posição dos professores colocando que a gravidez na adolescência se apresenta como um problema social e para quem o vive de perto, um problema emocional, físico, financeiro e principalmente psíquico. Alguns professores não vêem como problema a gravidez em si, nela mesma, mas após o nascimento, toda a gama de cuidados que necessita um novo ser.

Tais fatos podem ter implicações tão sérias na vida dos envolvidos, que aparecem relatos até de que a gestação na adolescência serve como estopim de separação de pais, de

desestruturação familiar, onde o casal de pais não suporta a cobrança interna e joga tudo para o cônjuge, que conseqüentemente faz a mesma coisa, gerando assim, situações insustentáveis de convívio sob o mesmo teto.

Os professores relatam ser muito corriqueiro ver o abandono dos estudos quando a adolescente engravida e a protelação, adiamento ou impedimento por completo de sonhos, planos de carreira, trabalho e salário dignos, isto tudo, em função ou bem permeado pela gravidez na adolescência, que não sabemos se é causa ou conseqüência de uma vida repleta de frustrações e impedimentos financeiros, afetivos e de todos os âmbitos.

1.3 Alunos

A adolescência em si já é um processo de grandes mudanças tanto físicas, quanto psicológicas. Então engravidar nesta fase constitui uma situação adversa, pluralmente complicada. Porque denuncia e expõe a fragilidade do sistema pessoal, educacional e familiar, que apresentam dificuldades e angústias desde sempre.

A adolescência é um processo que envolve e desenvolve-se em múltiplas fronteiras, principalmente entre o psíquico e o somático, o corporal, o físico; o mundo interno e o mundo externo; o individual e o familiar, o pessoal e o cultural, além da fronteira permanente entre o normal e o patológico.

Atualmente vivemos grandes mudanças, onde a modernidade é fortemente sacudida pela pós-modernidade, e com isso sentimos intensa necessidade de compreender o seu impacto sobre nós mesmos e também sobre o processo adolescente. Nele vemos as modificações culturais expressarem-se de um modo evidente.

Observamos o processo sendo modificado, antecipado, prolongado, intensificado. Em suma, é como se assistíssemos a adolescência sendo torcida e revirada sob os nossos olhos. Diante disto, percebemos que não há uma teoria única ou um ponto de vista único que possa dar conta de um acontecimento de tamanha complexidade³⁸.

Percebe-se uma preocupação muito grande com o bem-estar da criança e do adolescente, que têm seu lugar reservado no bojo da família e seus direitos garantidos pela

38 LEVY, R. Adolescência: o re-ordenamento simbólico, o olhar e o equilíbrio narcísico. *Revista de psicanálise da SPPA*, São Paulo, v. 13, n.2, p. 233-245, agosto 2006.

lei³⁹. Em contrapartida, o que podemos ver é que existem muitas crianças e adolescentes em situação de violência doméstica, e que se encontram sob os mais variados riscos, em locais que, pelas leis atuais, deveriam trazer e oferecer segurança e proteção, “suas próprias casas”.

A juventude é caracterizada por um processo de transição para vida adulta e nesse percurso as mudanças ocorridas são consubstanciadas por condições sociais muito distintas, como gênero, escolaridade e classe social.

É próprio da contemporaneidade que essa passagem seja marcada pela multiplicidade de situações expressa nas “primeiras vezes” em que o/a jovem realiza uma nova experiência, entre as quais se destacam: como se dá a iniciação sexual, ou seja, as primeiras vezes que uma garota se relaciona sexualmente, está fortemente associada ao comportamento que adota como postura sexual na vida adulta.

Muitos elementos compõem a ciranda do tema gravidez na adolescência, tais como: a idade menor da menarca ou menstruação que tem se antecipado cada vez mais, o início da vida sexual mais cedo do que em tempos anteriores e casamento mais tardio. Contribuindo para que a adolescente permaneça por um tempo mais longo de sua vida sexual ativa, exposta a uma gravidez não planejada, porque gravidez indesejada não existe.

Outros aspectos também se salientam, como aumento da liberdade dos jovens, necessidade de afirmação da adolescente e o desejo de entrar em confronto com os pais para mostrar que têm opinião própria. Algo muito presente durante a adolescência é o pensamento mágico e atitudes sem compromisso e com o pensamento de que “isso não vai acontecer comigo”.

Neste sentido, conta muito, a pressão dos pares para que se *transe*, a pressão do namorado em relação às namoradas, para que não usem preservativo e até os exageros que são oferecidos pela mídia, como banalização do corpo, campanhas mal elaboradas, como se a pessoa usando camisinha pudesse se transar com “todo o mundo”, que não tem problema algum.

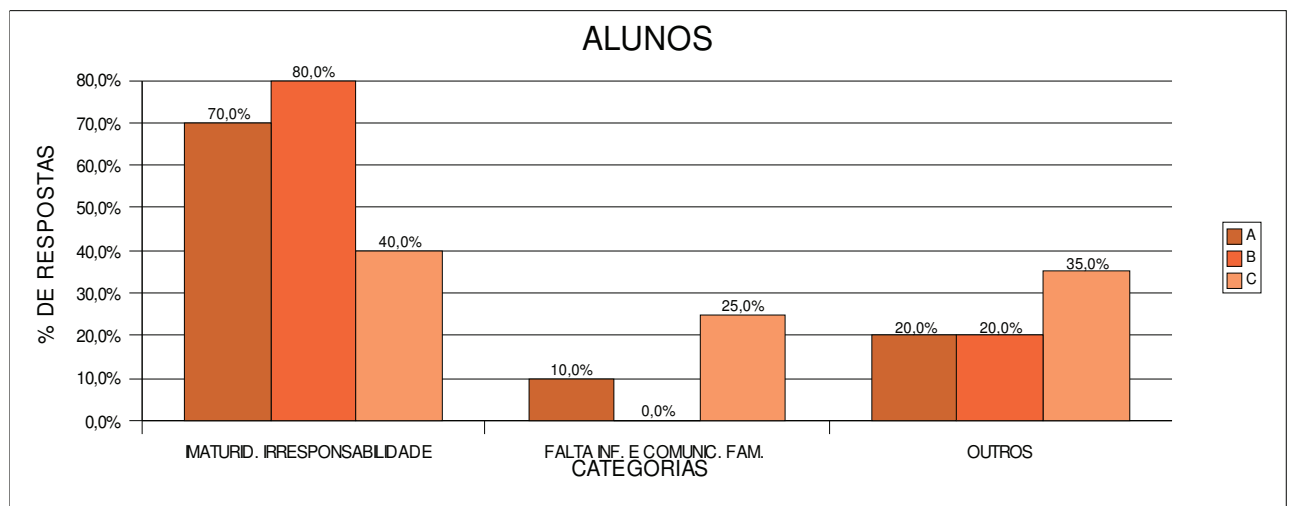
Isso tudo, aliado à falta de informação, dificuldade para a manutenção de práticas anticoncepcionais, instabilidade emocional típica da adolescência, dificuldades escolares, ausência de projeto de vida ou de um futuro promissor, juntamente com a vontade de correr riscos e de sair de casa acabam levando a adolescente a enxergar a gravidez como única saída.

39 GUERRA, V. N. De A. *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.p.69

A primeira gravidez pode estar também relacionada a este início e o primeiro filho conseqüentemente também, abordamos a primeira gravidez e depois o elemento primeiro filho, porque nem sempre a primeira ou as primeiras gestações são levadas a termo.

Já que muitas são abortadas de forma involuntária ou até mesmo voluntária, o que também acaba por oferecer inúmeros riscos à saúde e à vida da adolescente. Isto em função de que os abortos na sua imensa maioria são realizados na clandestinidade e por isso em péssimas condições sanitárias, o que pode levar desde a infertilidade até a morte da jovem.

Do total de alunos A, B e C, 63,3% responderam *imaturidade e irresponsabilidade*, 11,7% falta de informação e comunicação familiar e por último 25,0% outros.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

A maioria dos alunos respondeu *imaturidade e irresponsabilidade*, porque acreditam que a gravidez na adolescência na maior parte das vezes é uma grande falta de responsabilidade e de atenção, tanto da adolescente quanto do adolescente, ou seja, de ambas as partes.

Os adolescentes da escola A colocam-se mais como autores do processo de desenvolvimento e de suas posturas até então adotadas, as idéias são mais elaboradas se correlacionarmos as mesmas com os alunos da escola B e C, claro que devido ao acesso a melhores condições de vida.

Essa maior fluência na explicitação de suas posições encontra-se intimamente relacionada ao quanto os jovens de melhor condição financeira têm mais acesso a informações e mais esclarecimento em relação ao funcionamento do próprio corpo em termos anatômicos e fisiológicos. A maior parte dos jovens da escola A, se vê responsável

pela escolha de se proteger e se prevenir da gravidez na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis.

Uma pequena porção dos alunos A, acredita que a gravidez pode ser fruto de falta de informação e ou comunicação familiar, tendo assim a clareza de que uma gravidez na adolescência *estraga a vida*.

Aparecem nas respostas dos alunos em geral, elementos que indicam *descuido* do adolescente, *falta de informação*, a *falta do diálogo na família* e *esclarecimento* na escola. Essas respostas reforçam o quanto os adolescentes acreditam que a escola também é responsável por informar e esclarecer os alunos sobre a gravidez na adolescência e de que forma podem se proteger para que isso não aconteça.

Os adolescentes da escola B, que é uma escola que atende a alunos de todas as regiões da cidade, estes alunos na maioria sentem-se bem informados e bem atendidos diante da expectativa de informações que esperam receber na escola, pensam que tem a posse de todas as informações necessárias para que isso não aconteça e provavelmente têm, só mesmo assim os índices de gravidez são altos.

Isto porque na prática e na realidade as coisas se passam de forma bem diferente, como um *embebedamento* juvenil, onde a camisinha é usada somente nas primeiras relações sexuais, depois já vem o que eles consideram como intimidade, algo que funciona como uma suposta imunidade ou teste negativo para Aids e doenças sexualmente transmissíveis.

Mesmo considerando eles, que sabem utilizar os métodos contraceptivos, estes alunos ainda não conseguem mudar as estatísticas de gravidez na adolescência e DSTs, em função de que muitas vezes engravidam porque querem, ou porque acham isso normal, porque pensam que sabem e que têm a certeza de que estão fazendo a melhor coisa neste momento.

Na melhor das hipóteses, o apoio e amparo da família da menina como do rapaz, quando eles a possuem, é de fundamental importância, tanto pelo lado financeiro, como pelo lado emocional. Na tentativa de amenizar o solavanco das repentinas mudanças na vida familiar

Os alunos da escola C apresentam respostas bem variadas, isso pode também ser em função de que na mesma série estudam alunos que tem desde 14 até 18 anos de idade. Então eles se encontram também em fases de desenvolvimento muito diferentes uns dos outros. Este fato diversificou mais a análise dos dados encontrados nas respostas dos mesmos.

É no cotidiano escolar e na escola, como espaço privilegiado de formação, que acontecem as relações com o conhecimento, com os grupos de alunos, de pais, de professores e com a comunidade geral. Portanto, a partir dessa pesquisa, objetiva-se também fornecer informações ou subsídios para a formulação e implementação de políticas públicas educacionais mais inclusivas e conseqüentemente menos excludentes.

A formação de filhos e alunos esclarecidos requer maneiras mais eficientes além daquelas que os pais tenham condições de oferecer. Por isso muitas e muitas vezes a escola apresenta-se como única possibilidade ou chance de esclarecimento e inclusão, para que os alunos possam ter mais autonomia e com isso possam fazer melhores escolhas e traçar metas que lhe levem a uma melhor condição de vida do que aquela que seus pais tiveram.

Este estudo também visa à explicitação da necessidade de as escolas realizarem parcerias com profissionais como psicólogos, médicos, sexólogos e psicopedagogos para o desenvolvimento de programas que proporcionem a escuta dos pais. Porque os pais já são produto e conseqüência de um sistema educacional com muitas lacunas, pais estes que muitas vezes encontra-se completamente desamparados e sem saber quais são as vias de acesso a seus direitos, suas obrigações e os papéis a serem exercidos.

Já que seus filhos adolescentes apresentam comportamentos tão distantes dos apresentados por eles em sua adolescência, vivida num tempo não muito distante cronologicamente, mas, imensamente longínquo em termos de afetividade e linguagem, comportamento, gírias, e principalmente comportamento sexual.

No Brasil, como em outros países, independente de classe social ou cultura, crianças sofrem violência e abuso sexual doméstico, gerando assim um ambiente hostil que torna muito difícil o pleno desenvolvimento dessas crianças.

As dificuldades gerais de relacionamento prejudicam em nível individual, familiar e social, ou seja, a criança que não está bem pode se isolar do grupo ou até prejudicar o grupo, isso na tentativa de explicitar o seu sofrimento e o que se passa com ela.

Por isso, a grande necessidade de treinar, preparar e qualificar os professores para que estes possam e consigam escutar esses silenciosos gritos ou gritos silenciosos que clamam por socorro, proteção, amparo, carinho e tradução de sentimentos carentes de correspondência.

Então, apoiar e fortalecer os pais para que eles mesmos se sintam mais seguros para lidar com seus filhos, manejar práticas educativas oportuniza que todos os envolvidos possam colher os frutos desta evolução no relacionamento geral.

Os alunos da escola A acreditam que quando uma adolescente engravida a escola geralmente não oferece apoio e a família também não, fazendo com que ela se sinta muito mal, porque a adolescente fica incapacitada para fazer algumas coisas e tem medo. Na escola ela para de estudar e na família ela fica com muito medo de contar, mas, que depois de grávida não pode fazer nada, todo mundo tem que acolher essa pessoa.

Um pequeno percentual de alunos coloca que observam o fato como normal, o dia-a-dia normal só que com um filho, a escola é normal, e a família pode cuidar do bebê enquanto a filha tem seus compromissos. Na escola A aparecem esses elementos que podem indicar *imaturidade* por parte do adolescente e isto pode estar associado ao não conhecimento da realidade como ela é, diferente do que acontece na escola C que quando as adolescentes já estão em idade fértil, a mãe ainda continua tendo filhos.

Na escola C, alguns alunos vêem a gravidez na adolescência como uma coisa normal sem preconceito, só que algumas deixam de estudar para não mostrar a barriga, por isso acreditam que os pais devem ser mais rigorosos.

Os alunos da escola B apresentarem respostas bem variadas, que oscilam entre prevenção, colocando que isto tem como ser evitado, que na escola se aprende sobre métodos anticoncepcionais, até que se a pessoa tem vontade e se acha com responsabilidade, deve então ter um filho, isso é preocupante também porque se ela quer engravidar, é claro que ela ou ele pode, mas e o sustento dessa criança como vai ser provido e os cuidados, enfim...

Os alunos da escola C exprimem ter consciência de que o que acontece realmente é o abandono da escola, por mais que seja difícil interromper este ciclo, todos manifestam saber ou ter ciência do quanto isso é prejudicial. Os jovens já sabem que se engravidarem nesse momento não existe mais a ilusão de que isso pode ser bom, estes já conhecem a realidade, que é dura mesmo.

A gravidade e a amplitude do tema requer atenção, pois, há uma tendência continuada dos aumentos dos índices de gravidez na adolescência. Portanto, isso gera uma nova sensibilização em relação à discussão dos contextos nos quais ocorrem essas gestações e esse funcionamento social repetitivo, que se torna cada vez mais precoce e que parece estar fora de qualquer controle.

Temos que considerar também os motivos que muitas vezes levam uma adolescente a ser mãe, pois algumas apontam para o fato de que alimentam um sonho de serem reconhecidas como mulheres, auto-afirmando-se como adultas.

Sentimentos estes que são compostos por um misto de negação da realidade que

transar pode resultar em gestação, aliado a isto se encontra a imaturidade e a onipotência juvenil que fazem com que os jovens pensem que conseguem sempre ter o controle da situação e que um filho pode trazer a conquista do respeito e a maturidade.

Existe também a falta de prevenção e até mesmo de esclarecimentos sobre a sexualidade que acabam resultando em uma gravidez indesejada. E também nisso a denúncia da solidão adolescente, pois muitas meninas se sentem solitárias, carentes, abandonadas e isso pode ser fato determinante na escolha por uma gravidez nesse período da vida.

Com base nos dados analisados, nas escolas B e C, percebe-se nas respostas desses alunos e principalmente no universo feminino que ingenuamente raras vezes, mas, ainda acreditam que se a menina engravidar de um rapaz que tem uma situação financeira um tanto melhor do que a dela, a sua vida está assegurada numa melhor qualidade de vida.

Que irá receber uma pensão, provavelmente proveniente dos rendimentos dos pais do rapaz, irá morar num apartamento no centro da cidade, por mais que seja alugado e quem sabe até ganhar um *carrinho* para levar e buscar a criança na escola. Isto é visto com naturalidade, um fato *normal e bem aceito pela sociedade*, estas são as palavras usadas pelas adolescentes e, dando ares até de ocupação, de emprego, como se fosse algo muito tranqüilo, sem muitos problemas.

Só que na realidade os efeitos são diferentes e muito mais sofridos, se pensarmos que quando isso acontece ocorrem relações onde se instala a submissão feminina e o “uso” da criança ou do filho para conseguir algo que a mãe ou mulher não enxerga outra via possível, como um rendimento “garantido” por exemplo, renda essa que é representada pela pensão alimentícia, que de alimentícia pode passar longe.

Conforme os dados analisados os adolescentes nem sempre vêm a gravidez na adolescência como um problema ou uma dificuldade, por exemplo, quando colocam respostas que indicam que se não for bem planejada *pode estragar* por completo e ser um estorvo na vida não só da adolescente, como do menino também. Isto passa a idéias de que em boa parte das vezes os adolescentes planejam e se permitem *deixar engravidar*.

Mas, mesmo assim, apresentam uma certa consciência de que a maior responsabilidade sempre recai sobre a mulher, que se o rapaz quiser, ele continua *fazendo festa, pegando gatinha*, mas com elas, as “mamães” é um tanto mais complicado porque *estraga o corpo*, deixa marcas e também porque os cuidados com o filho são pertencentes ao universo feminino.

Esse corpo *estragado* pode ser esse estrago em função do aumento de peso durante

a gestação, estrias e também lacerações ocorridas em parto natural quando o bebê é muito grande e não se faz cesárea existe a necessidade muitas vezes do uso do fórceps para auxiliar o nascimento do bebê ou ainda quando na hora do parto a expulsão do bebê acontece de forma rápida demais as lacerações podem ocorrer e elas inevitavelmente deixam marcas e cicatrizes.

Essas marcas e ou cicatrizes na etapa da adolescência pode provocar pensamentos de que a menina-mãe não vai mais conseguir ter relações sexuais ou não vai mais encontrar algum rapaz ou homem que queira se relacionar sexualmente com elas devido a esse *flagelo*.

Isso é um pensamento fantasioso, mas ao mesmo tempo extremamente real para a adolescente que se sente mutilada, sem companheiro e muitas vezes sem o amparo da família porque esta família também é desamparada ou não tem condições de contribuir com algo que acalme ou acomode esses pensamento e esses sentimentos.

Como a realidade da maioria dos alunos da escola C, assim como boa parte da população brasileira é o atendimento pelo Sistema Único de Saúde, sendo assim, muitas meninas que tiveram irmãs mais velhas que já engravidaram ou que ainda a mãe continua tendo filhos, esta meninas têm acesso a esses relatos, a essas informações que apresentam a dureza da realidade de uma gravidez na adolescência ou de um parto um tanto desassistido.

Os alunos da escola C, os menos favorecidos socialmente, acreditam que a gravidez na adolescência pode ser boa ou ruim, dependendo se a pessoa quer ou não quer. Que algumas vezes pode acontecer por descuido ou realmente de propósito, de caso pensado, quando a menina tem medo de perder e quer segurar o namorado.

Mesmo diante dessas respostas que indicam naturalidade, muitos dos alunos da escola C colocam que a gravidez na adolescência na realidade é um *problema*, porque a adolescente está estragando parte da sua vida, porque filho é para sempre. E que nem sempre a jovem encontra apoio de quem ajudou ela fazer o nenê e nem dos familiares, aí sobra só sofrimento.

Como já foi citada no desenvolvimento deste trabalho, a gravidez na adolescência, nas camadas mais desassistidas é um fato que se repete consecutivamente nas gerações, uma história comum nas relações estabelecidas. Olhando por este ângulo até parece que não é em vão que as campanhas publicitárias e os programas de políticas públicas e os micropoderes parecem não enxergar a realidade de nosso país.

Uma das grandes novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da “população”, *como problema econômico e político*: população-riqueza,

população mão-de-obra ou capacidade de trabalho, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes de que dispõe⁴⁰. Ou contrário crescimento além das riquezas que dispõe, para que alguns interessados possam manipular como melhor lhe convém, essa camada desfavorecida.

Os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um “povo”, porém com uma “população”, com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e de habitat.

Todas essas variáveis situam-se no ponto de intersecção entre os movimentos próprios à vida e os efeitos particulares das instituições⁴¹. Então, as instituições se fortificam para ter o comando do que vai ser feito com esses sujeitos e também com seus objetos de desejo, de produção ou de mão-de-obra *barata*.

O futuro e a fortuna de uma nação estão intimamente ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo⁴². Precisamos saber se *esse* sexo é usado para procriar, para descarregar tensão, como profissão ou ainda como perpetuação de um funcionamento que se repete há muitas gerações?

Passa-se das lamentações rituais sobre a libertinagem estéril dos ricos, dos celibatários e dos libertinos, para um discurso onde a conduta sexual da população que é tomada, ao mesmo tempo, *como objeto de análise e alvo de intervenção*.

Passa-se das teses maciçamente populacionistas da época mercantilista, às tentativas de regulação mais finas e bem calculadas, que oscilarão, segundo os objetivos e as urgências, em direção natalista ou anti natalista⁴³. Sendo ditada esta necessidade por quem no momento tem o poder de escolher e fazer valer essa escolha, ou seja, a quem detém o poder.

Esse fato pode estar relacionado à mão-de-obra barata, porque quando um casal de adolescentes pobres engravida, eles “já sabem o caminho da roça”, os dois param de estudar, montam um barracinho pros três, provavelmente no mesmo pátio de um dos avós da criança, ele vai trabalhar num subemprego, por um salário infinitamente baixo, o mínimo e ela tem que cuidar da criança e/ou das crianças que surgem como degraus de

40 FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 12.ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988, p. 28.

41 Idem.

42 Ibidem, p. 28-29.

43 ibidem

uma escada, um depois outro, depois outro e assim sucessivamente.

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; *elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam-no, sujeitam-no a trabalhos*, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais⁴⁴.

A crítica e repúdio não aparecem somente em relação às políticas públicas, mas ao quanto o sofrimento parece naturalizar-se e banalizar-se nas camadas mais pobres de nossa sociedade, porque se ambos os jovens já conhecem a realidade, mas não conseguem tomar consciência da mesma, como é que não surgem forças para pelo menos tentar interromper esse processo de escravidão “civil”?

Corroborando com esses fatos, Foucault coloca que:

A partir de uma tecnologia política do corpo onde se poderia ler uma história comum das relações de poder e das relações de objeto. ...Mas que elas estão ligadas a toda uma série de efeitos positivos e úteis que elas tem por encargo sustentar e manter os mecanismos punitivos e suas funções, assim, numa economia servil, os mecanismos punitivos teriam como papel trazer mão-de-obra suplementar – e constituir uma escravidão “civil” ao lado da que é fornecida pelas guerras ou pelo comércio”

Ou ainda pela gravidez na adolescência, como elemento perpetuador do sistema atual vigente, onde tantas adolescentes sabem sobre os métodos anticoncepcionais, mas não conseguem utilizá-los a seu favor.

Porque já tem alguns séculos que se descobriu e associou que a relação sexual resulta em filho e posteriormente, mas também já há várias décadas descobriu-se que os anticoncepcionais podem interromper a gestação e que ter relações sexuais não necessariamente precisa resultar em exposição à gestação.

Fato este que parece que está difícil de ser entendido por uma parcela da sociedade. Este entendimento é algo diferente da teoria repassada na escola, diferente das manchetes de prevenção anunciadas pela mídia, porque ele diz respeito ao autoconhecimento e à capacidade de teorização a respeito dos próprios entendimentos, ou melhor, dos não entendimentos que o adolescente não consegue fazer porque acha que isso, a gravidez na adolescência nunca vai acontecer com ele.

44 FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 26-27.

Foucault coloca que uma verdade posta como unívoca provoca resistência, e isto parece muito se acomodar quando os adolescentes ouvem que têm que primeiro estudar, trabalhar para depois constituir família, é uma verdade que não encontra correspondente interno, então fazem o contrário.

Por isso tamanha necessidade de promover palestras informativas, aulas expositivas e que estas sejam acompanhadas de posterior discussão do tema e entendimento daquilo que ficou no nebuloso, no pensamento de “acho que entendi”, porque na hora H, a informação que ficou perdida no vazio interno é a que faz falta e nessa lacuna é que pode estar a *brecha* para que ocorra a gravidez na adolescência.

Quando uma adolescente engravida, por mais que seja inconsciente, ela pensa ter um ganho, um bônus, porque aí “*não pode*” mais estudar porque tem a criança para cuidar e conseqüentemente nem trabalhar, porque os cuidados com os filhos pertencem a um universo predominantemente feminino.

Essa sujeição não é obtida pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto ser violenta; *pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem terror, e, no entanto continuar a ser de ordem física*⁴⁵.

Este problema se alastra e se firma principalmente, se logo vem outro herdeiro desta miséria, e a ciranda se põe a rodar novamente de geração em geração. Este é um problema que não tem uma localização específica, mas está interligado, um fato passa a ser conseqüência do outro. Uma cadeia sucessiva de comportamentos não pensados, não sentidos nem entendidos, mas tudo isso certamente no intento de sobreviver, de viver e viver melhor.

Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e dominação; mas em compensação sua *constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso nem sistema de sujeição (onde a necessidade também é um instrumento político cuidadosamente organizados, calculados e utilizados)*, o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso⁴⁶.

45 Ibidem

46 FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. 3. ed Petrópolis: Vozes, 1984, p. 26-27.

Foucault aborda que existe uma dominação sobre os corpos, e essa dominação depende do quanto os sujeitos permitem-se ou não conseguem se dar conta de que estão sendo *usados* ou dominados. E essa é uma das possibilidades que pode ser descortinada com a realização de grupos de reflexão.

Então as práticas escolares devem ser modificadas para que se possa interromper essa sucessão de submissões e esclarecer aos sujeitos sobre quais as vias para que possam se livrar destas amarras da repetição e perpetuação da miséria, ignorância e violência que atualmente alcançam níveis assustadores em nosso país.

Quer dizer que pode haver um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo⁴⁷, ou ainda, saúde psíquica.

Ou seja, não basta somente que as adolescentes saibam sobre o funcionamento do seu próprio corpo para que evitem a gestação na adolescência, é preciso que tenham outros objetivos que se coloquem antes da gestação, tais como: perspectiva de emprego, objetivo de cursar faculdade, vontade de se independizar de forma efetiva a ponto de ser protagonista de sua própria história.

Essa tecnologia é difusa, clara, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõem-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si. O mais das vezes, apesar da coerência de seus resultados, ela não passa de uma instrumentação multiforme⁴⁸.

Além disso, seria impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do Estado. Estes recorrem a ela, utilizam-na ou impõem algumas de suas maneiras de agir. Mas ela mesma, em seus mecanismos e efeitos, se situa num nível completamente diferente.

Nível este que não pode ser localizado num único lugar, com causa específica, pois, se encontra permeado por inúmeras variantes que influenciam mais ou menos seu acontecimento, dependendo da condição social e da capacidade de autonomia dos sujeitos em pauta, ou seja, essa questão, da gravidez na adolescência apresenta muitas facetas.

Diante disso, estamos todos imbricados em questões que exigem participação, ativa,

47 Idem.

48 Ibidem.

consciente e lúcida, onde quer que nos encontremos, seja na vida cotidiana, em nossa prática profissional, nas instituições, precisamos encontrar mais e mais elementos que norteiem e embasem nossas tomadas de decisão para que possamos contribuir para uma sociedade mais digna e justa onde saberes e poderes estejam e sejam acessíveis e a serviço do “cuidado de si” e também “do cuidado com os outros”.

II – SOBRE A RESPONSABILIDADE DE ESCLARECIMENTO

O objetivo desse capítulo é colocar a quem, pais, professores e alunos atribuem a responsabilidade de esclarecimento em relação à prevenção da gravidez na adolescência. E também exemplificar de que forma esta dinâmica acontece. Utilizamos Foucault nessa análise porque ele transforma o que pensa e fala numa linguagem compreensível, entendível, de fácil acesso, independente da formação do sujeito leitor de sua obra, aquilo que ele escreve pode ser aproveitado em todas as áreas.

Não que ele seja *pau pra toda obra*, mas realmente sua obra perpassa boa parte das ciências, sejam elas sociais, humanas ou exatas. Foucault parece colocar a arqueologia como uma possível análise do conjunto de expressões que comunicam algo, ao nível dos enunciados e da forma de positivities de um discurso. Discurso que é pronunciado ou também que fica subentendido.

Por isso, mais uma vez a certeza de que o questionário aplicado na realização desta pesquisa precisava conter questões um tanto livres, que permitissem ao sujeito colocar suas considerações particulares, aquilo que pensa, sente ou mesmo aquilo que pensa ser importante e não foi abordado.

As respostas encontradas são bastante *abertas*, subjetivas, maleáveis, aproveitáveis. As respostas de uma pergunta também podem ser utilizadas para complementar outra e vice-versa. Foram diluídas e abordadas ao longo e no decorrer dessa dissertação, funcionando como recheio para dúvidas e questionamentos que surgiam e ao mesmo tempo, respondiam indagações entre as questões e a análise das respostas.

Tornando assim, a pesquisa mais personalizada, além de quantitativa, também qualitativa colocando temas que envolvem uma análise mais arqueológica e uma

contextualização maior do porquê os sujeitos podem ter colocado determinadas respostas ao invés de outras.

Foucault em sua obra analisa “regimes de práticas” que não podem nem devem ser reduzidos a uma forma histórica de realizar ou praticar, não mais do que dizer pode ser reduzido ao reino da teoria e ela fica inócua. Como se o que separa dizer e fazer possa ser comparado à distância que existe entre ver e falar, entre saber que existe e conhecer métodos anticoncepcionais e ainda, utilizá-los de forma correta, como se não existisse significado essencial nas coisas.

O que o autor também chama de arquivo é o conjunto das práticas discursivas, que findam sistemas instauradores de enunciados como acontecimentos e de coisas. Ou seja, as pessoas vivem, agem e respondem conforme são os elementos arquivados dentro de si. O que se forma por dentro e simbolicamente segue a mesma ordem quando faz o caminho inverso, de dentro para fora ou do simbólico para o real ou concreto. Então, como pensar que os filhos de adolescente também não se tornem pais e mães adolescentes?

É, digamos que todas as palavras e todas as coisas que compõe o nosso cotidiano e também, o nosso filosofar, ocupam algum lugar, alguma categoria, alguma classificação, mas, o que de maneira alguma pode fazer-nos pensar que tanto as palavras, quanto às coisas, possam ter um lugar fixo, uma categoria determinada ou uma verdade última.

Posições estanques e deterministas só fazem fermentar discussões estéreis e o que Foucault instiga é o questionamento, a visão de vários ângulos, as mudanças que se operam a partir da troca de algumas coisas, de algum lugar para outro, como numa escada onde se sobe um degrau acima, para poder enxergar um pouco mais longe.

Enfim ele é um autor que nos provoca questionamentos, angústias, deslocamentos, nos exige maleabilidade, mas, tudo isso na direção de um maior conhecimento tanto de si quanto do outro e também do mundo e jamais como alguma nuance de verdade absoluta ou teoria inquestionável.

A arqueologia do saber marca um estágio relevante na obra de Foucault, pois nela “o autor aborda de forma conceitual a formação dos saberes, sejam eles científicos ou não”⁴⁹, buscando estabelecer as condições de sua existência e não da validade, considerando a “verdadeira verdade” como uma produção histórica, cuja análise remete às suas regras de aparecimento, organização, transformação ao nível do saber e elaboração psíquica. Isto, porque para se ter uma certa idéia, seja a respeito do que for, esta idéia

49 EIZIRIK, M. Poder, saber e práticas sociais. *Psico*, Porto Alegre, v.37, n.1, 23-29, jan./abr. 2006.

precisa ter um início, um meio e algo que sugere um fim, provisório, mas necessário, mutável, transferível e ascendente.

Esta mesma obra, também pretende esclarecer um pouco mais a respeito da regularidade intrínseca dos saberes, estabelecer compatibilidades e incompatibilidade e individualizar formações discursivas. Ligando umas às outras e também podendo fazer algumas diferenciações entre elementos como sexualidade e genitalidade que parecem tão iguais, mas são bem diferentes.

A sexualidade é o que existe de mais íntimo e uma das coisas mais prazerosas para os humanos e aquilo que nos reúne globalmente como espécie humana. Também aquilo que determina o quanto um sujeito pode ser humano ou selvagem. Está inserida entre as “disciplinas do corpo” e participa da “regulação das populações”. Então, por que não convidar pais, professores e alunos adolescentes a associar livremente, trocar idéias, refletir sobre suas práticas diárias? Isso pode ter um resultado muito importante e positivo.

A sexualidade é um “negócio de Estado”, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie. E também, o quanto, uma nação pode ser auto-sustentável ou miserável. Por sua vez, este assunto está relacionado à produção de riquezas, ao controle da situação para aqueles que se encontram no poder ou almejam alcançá-lo, à capacidade de trabalho, ao povoamento e a todas as forças ou fraquezas de uma sociedade.

Trata-se de alguma maneira de uma *microfísica do poder* posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças⁵⁰

Compreende-se também que esse tipo de *poder* foi indispensável no processo de organização da sociedade, afirmação do capitalismo, que pode desenvolver-se a custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos vigentes, desejáveis ou indesejáveis. E nesse bojo a gravidez na adolescência encontra entrada para discussão e reflexão.

Além do foco de disputa política, a sexualidade possibilita vigilâncias infinitesimais, controles constantes, organizações espaciais meticulosas, exames médicos ou psicológicos infinitos. A sexualidade e conseqüentemente o problema da gravidez na adolescência é uma via de acesso tanto a aspectos privados quanto públicos. Para proteção e para controle, para o bem e para o malefício também.

50 FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. 3. ed Petrópolis: Vozes, 1984, p. 26-27.

A história da subjetividade é ao longo da obra de Foucault uma preocupação constante, mas também o enfoque sobre essa subjetividade constata que ela é o resultado de práticas discursivas. E o maior entendimento do mundo e a maior quantidade de prazer geral que um sujeito pode obter na vida, deriva da percepção completa da posição social de uma pessoa na sexualidade. O prazer, portanto, não é o resultado da transgressão ou de conduta ilícita, como era colocado pelo cristianismo, mas é realizável no casamento.

Em *o cuidado de si*, Foucault analisa o conceito de autocontrole e sublinha o modo como os gregos dedicavam tanto esforço desenvolvendo vários sistemas de regras a serem aplicados a uma grande variedade de condutas. Sem trabalhar o *self*, levando a um autocontrole cada vez maior, o acesso tanto ao prazer quanto à verdade tornam-se um tanto limitado. Para uma vida dominada pelo cuidado do *self*, o excesso, mais do que o desvio é o perigo; não o sexo fora do casamento, mas muito sexo dentro dele também pode ser um problema.

Esta sexualidade suscita mecanismos heterogêneos de controle, manipulação ou desenvolvimento que se complementam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber. Desse modo, se a escola é uma das instituições onde se instalam mecanismos de dispositivo da sexualidade, há de se questionar:

Como isto ocorre? De que maneira a sexualidade perpassa o espaço escolar, penetra na Educação, disseminando micro poderes sobre os corpos? Isso se dá cotidianamente com atos, manifestações ou omissões de pais, professores e alunos.

A teoria e as descobertas freudianas desde os fins do século XIX constataam um mal-estar na civilização, a angústia desligada de entendimento, a ausência de mediação entre a falta e o excesso, entre o cuidado e a invasão, entre o prazer e a dor, entre amor e ódio e entre o que é de vida e o que é de morte. E acima de tudo como se dá o inter cruzamento dessas pulsões e desses funcionamentos que envolvem tantos sujeitos quanto muitos objetos, tanto poder quanto submissão.

Esta trama se inicia a cada ser que vem ao mundo e como vai se dar essa relação deste com seus “cuidadores”. Porque a criança que foi suficientemente maternada, foi valorizada como pessoa, como ser em sua essência e também no seu gênero, dificilmente se colocará em situações de risco, de abandono, submissão ou de mau-trato. A vida é uma repetição, fazemos aos outros e conosco aquilo que os *fundadores* de nosso psiquismo fizeram conosco.

E quando o que foi feito foi danoso, nos restam algumas opções, a repetição na tentativa de elaboração e entendimento, a religião como forma de afastamento e contra-

investimento, a intervenção policial ou ainda análise para criar assim, a neogênese.

Neogênese faz referência a uma nova vida, uma nova descoberta, por exemplo, que não podemos modificar o outro, que é difícil até lidar com nossas próprias descobertas que nos cobram mudança, através de novas posturas e atitudes diferentes, porque temos apego a tudo o que é conhecido e temor ao que é novo, independente de ambos serem benéficos ou maléficos.

Então, se torna impossível pensar em modificar nossos pais, suas atitudes ou aquilo que erraram conosco, mas podemos nos analisar, ter conhecimento de nosso funcionamento interno e assim termos autonomia para impedir que façamos com nossos filhos aquilo que não concordamos que foi feito conosco ou acreditamos que tenha nos feito sofrer.

Diante daquilo que a história conta como verdade, e também o que comprovam os fatos, a orientação sexual, o conhecimento do funcionamento do próprio corpo e o exercício da cidadania através das mediações que o professor pode proporcionar e deve *impregnar toda a área educativa*, sendo a sala de aula, um espaço privilegiado de intervenção e potencialização do desenvolvimento global humano.

Para que este espaço e esta consciência possam realmente se constituir e se tornar mais fortalecida, é preciso que se estabeleçam aparatos políticos que permitam o fortalecimento da autoconfiança da nação brasileira, e a escola se faz via primária e canal aberto para este trabalho de tão grande e capital importância.

Este movimento pode ocorrer a partir do fortalecimento das relações entre pais, professores e alunos, para que estes possam se engajar em alcançar o mesmo objetivo, que é a formação de cidadãos mais confiantes, autônomos e desenvolvidos física, social e emocionalmente para encarar a competitividade do mundo atual.

Diante disso, a escola oferece-se ou pode se constituir como via de fortalecimento e de formação continuada para os professores e noutro momento quando os mesmos estiverem preparados e mais próximos do *cuidado de si*. Isto pode ser viabilizado através da escuta e cuidado para com *os outros*, esses pais e alunos que carecem tanto de escuta, compreensão, entendimento e encaminhamento para órgãos competentes, como psicólogos, médicos, dentista, fonoaudiólogos e tantos outros profissionais que podem contribuir com uma melhor qualidade de vida das pessoas.

Se pensarmos, como poderemos fazer isso através da escola? E dentre tantas possibilidades, surge primeiramente a idéia de preparar os professores para que possam ministrar aulas além de qualitativamente expositivas, que estas sejam muito reflexivas.

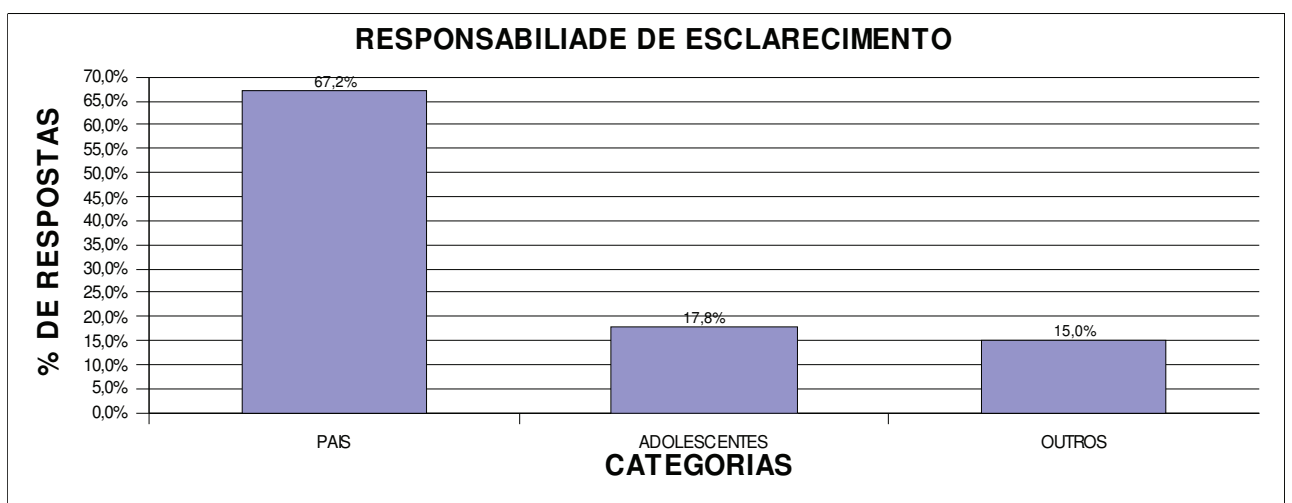
Porque existe uma diferença muito grande entre ensinar de maneira didática e provocar o entendimento a partir do histórico vivencial de cada aluno.

O primeiro passo é a exposição didática a partir da figura do professor, mas para que esses conteúdos possam homogeneizar-se na vida dos alunos, se faz necessário entendimento e assimilação dos conteúdos com a história de cada um dos sujeitos que compõem determinada realidade.

As aulas precisam ser cada vez mais dinâmicas, com trabalhos em grupo, atividades programadas, pesquisas a serem elaboradas, pois estas solicitam ao aluno um envolvimento além do que é tido em sala de aula e isto é uma possibilidade de contribuição com o aumento do desejo do aluno pelo aprender, diante da possibilidade de sucesso na aprendizagem.

Decorar conteúdos para ir bem na prova pode ser um movimento *papagaio*, pois, precisamos ir além, porque aquilo que é entendido fica marcado e registrado para sempre, e este fato encontra-se estreitamente relacionado ao vínculo estabelecido entre professor e aluno. Relacionamento este, que requer atitude filosófica, permanente reativação e verificação constante. Já que, toda a idéia, pensamento e sentimento requerem verificação constante para evitar a estagnação ou o esquecimento.

Na pergunta, de quem você acredita que é a maior responsabilidade de esclarecimento para a prevenção da gravidez na adolescência? No total geral, pais, professores e alunos colocam as respostas de 67,2% *pais*, 17,8% *adolescentes* e 15,0% *outros*, como mostra o gráfico a seguir.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

Não é tarefa nada fácil para pais e professores refletir e conversar com filhos e

alunos adolescentes a respeito da sexualidade, porque essa pode soar como perigosa, já que não se tem um parâmetro fixo, um limite estipulado. Isto pode ser tão assustador porque nas gerações anteriores os filhos quando ouviam *nãos*, tinham que se contentar com o não e ponto final era não porque não podia e porque o pai e a mãe determinavam e *fim de baile*.

Tal fato tem suas conseqüências, porque muitas coisas, muitos entendimentos não puderam ser construídos, algo ficou no *desligado*, sem um real entendimento dos porquês, algo que foi acatado, mas, não se sabe por quais razões os pais tomavam determinadas atitudes, e quando as coisas ficam na fantasia elas podem ser muito diferentes da realidade.

Realidade esta que Foucault reforça que pode, deve e precisa ser explicitada para fermentar e provocar reflexões, entendimentos e muitos outros novos questionamentos carregados de progresso e evolução.

Que bom seria, se fosse mais fácil poder sentir o que é necessário sentir, para dar vazão à angústia, ligar o sentimento ao se afeto correspondente, ligar o que está desligado, colocar em palavras o que “entrou” e permaneceu na representação coisa, *perdido dentro do peito ou da cabeça* provocando dor que não é dor, angústia que não tem nome, medo sem saber do que, sem eira nem beira, invadindo o sujeito de algo que ele não pode fugir porque vem de dentro dele mesmo.

É nesta etapa que se precisa do *outro*, alguém que auxilie na tradução, no entendimento, no *acalmar da criança interna*. Coloco acalmar a criança, porque como agitar uma criança todo o mundo sabe como fazer. Uns agitam com barulho, outros com cócegas e ainda alguns, com risadas e estimulação.

Enfim agitar é fácil, mas e quando é preciso acalmar, a conversa muda de figura e daqueles muitos que haviam se apresentado na primeira tarefa, boa parte *corre da briga* porque não sabe nem como acalmar a própria agitação interna, não sabe porque provavelmente quem os agitava também não sabia acalmar.

Neste momento é que precisam se apresentar pais, professores, psicólogos, enfim, alguém que ajude a pensar naquilo que está difícil de pensar sozinho. Em situações em que os pais ou cuidadores não conseguem se fazer presentes por seus motivos, os educadores deveriam estar preparados para oferecer continuidade a essa alfabetização emocional, que jamais cessa, que é infinita e maravilhosamente rica.

O professor precisa ter espaço para conseguir desenvolver cuidado *consigo* mesmo, e isso implica em ser olhado por algum “cuidador” que auxilie num olhar interior, numa forma de olhar para o corpo e para a alma, atento para o que se passa no seu interior, um aperfeiçoamento constante de si para melhor estar no mundo e consigo, para

posteriormente poder ficar atento a este outro que pode ser aluno adolescente ou alguém da comunidade escolar.

Para que este trabalho possa ser realizado existe a necessidade de que possamos viabilizar instrumentos que aliados ao Pcms possam concretizar formação continuada do professor através de cursos sistematizados, que incluam os educadores periodicamente a uma permanente qualificação e atualização de seus *saberes* para que estes possam *ser* mais também para que consigam se sentir mais recheados de conhecimentos, porque é humanamente impossível que se possa dar ao outro aquilo que não tem.

Só que para que isso aconteça, a formação docente deve estar mais alicerçada pelo viés do relacionamento, do psiquismo, de dinâmicas de grupo que favoreçam autoconhecimento, inter-relacionamento e motivação docente para levar isso tudo e compartilhar com os alunos em sala de aula.

Afinal, combinar atualização, rigor, teoria, técnica, sobretudo singularidade não é uma tarefa nada fácil. Isto, porque ditar regras, repassar teorias e decorar conteúdos torna-se limitado diante da necessidade reflexiva que se sobrepõe no mundo atual. Mas, o que pensar e o que fazer num país onde sequer decorar é possível para muitos alunos?

Parece que diante disso só existe algo a ser pensado, é preciso começar, é preciso querer e continuar acreditando, caso contrário o *projeto*, seja ele qual for, já nasce morto. E isso, já sabemos que positivo isso não consegue ser. Então, vamos lá, vamos pensar e agir.

Conforme esta demanda, existe a necessidade de as instituições educacionais e sociais como um todo, poderem estar organizadas de forma a auxiliarem na socialização e humanização daqueles que porventura não conseguem alcançá-la no início de sua vida. E nesse aspecto, as escolas de educação infantil podem muito contribuir para favorecer a alfabetização emocional das crianças, pois, favorece o estímulo lúdico, a aprendizagem didática e além do mais muito exercício de convívio em grupo.

Durante o processo de aproximação da obra de Foucault por inúmeras vezes tentamos procurar um suposto remédio ou ao menos uma receita para a Educação, e para os problemas do mundo. No entanto, Foucault não é nenhum salvacionista, pois mostra a todo o momento que não existe um caminho traçado especificamente, nem mesmo um lugar aonde chegar e que possa ser dado antecipadamente.

É como dizer que o caminho se faz caminhando e isto é o que determina onde esse caminho vai dar e conforme os olhos do caminhante é o que vai sobressaltar-se na paisagem. Isso é mais ou menos como dizer que não existe nenhum método foucaultiano,

nenhum caminho traçado e, ao mesmo tempo, que isso é muito angustiante, é também muito estimulante e livre, perigoso, mas de grande mérito para quem se arrisca e ousa.

No pensamento deste autor não há lugar para repetição de frases prontas com sentidos determinados. Por isso, a intenção de apresentar cada vez mais Foucault para professores, que independente de citarem ou não o pensador, possam disseminar seu método, suas reflexões e seus questionamentos entre colegas professores e também para pais e alunos.

O trabalho de emancipação para com pais, professores e alunos pode ser de grande riqueza e valia em função de que não existe certo e errado, e palavras como *todos* e *sempre* ficam fora do vocabulário em pauta, porque se abre espaço para o diferente, para o singular e para o personalizado.

Caminho este que pode ser caminhado somente com muita tolerância, racionalidade e libido, levando sempre em conta que o outro pode pensar diferente e que nem por isso está errado e que ambas as partes podem conviver em harmonia. E mais uma vez a escola pode e deve ser espaço para essa construção de diferentes *seres* e *saberes*.

A partir disso podemos pensar que precisamos primeiro tratar de *alimentar* aqueles que precisam “amamentar”, que os professores carecem, têm fome de cultura e somente depois dessa fome amenizada é que poderão ter alguma condição de prover algo para outros seres. Freud colocou uma base biológica para este movimento, um tipo de energia física que ele chamou de *libido*⁵¹. As atividades, pessoas e objetos nos quais a criança investe energia física se modificam dentro de uma forma previsível conforme a criança cresce.

O que sustenta isso é o fato de que os problemas da humanidade são extremamente ligados a pai e mãe ou aos seus representantes e as relações que estabelecem com os mesmos para repetir com o resto do mundo posteriormente. Durante a primeira infância os fatos envolvidos com alimentação e higiene são as fontes mais importantes de gratificação e significação.

Para Newcombe, a concepção de Freud sobre o desenvolvimento social e emocional foi baseada no “pressuposto de que os laços sociais se derivam da satisfação de uma ou mais necessidades fisiológicas”. Ele acreditava que os bebês nascem com instintos biológicos que exigem satisfação. A necessidade que uma criança tem de alimentar-se, de receber calor e de abrandar a dor representa uma luta pelo prazer sensorial.

51 Libido: energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto, quanto à meta e quanto à fonte da excitação sexual.

Quando uma criança é alimentada e suficientemente cuidada, sua energia vai sendo ligada a este cuidador, então, por mais que a criança ainda não fale, a mãe que estabelece diálogo vai dizendo, o bebê está chorando de fome, está com a fralda suja, ou quer tomar banho, está com frio.

Ou ainda, agora é dengo porque a mamãe já fez tudo o que podia, já deu *remedinho*, já trocou a fralda, já amamentou, agora chega de mamar senão vai vomitar tudo, vai ganhar um pouco de *denguinho* e vai ter que sossegar no berço que a mamãe tem mais coisas para fazer, não pode ficar o dia todo com você no colo.

Aí neste não dá para viver no colo, entra a noção de limite, o aprender a esperar e também que a vida em sociedade deve obedecer algumas regras. Posteriormente, neste lugar, de autoridade entram a polícia, a igreja e a escola, para estimular o que não foi estimulado, como o desenvolvimento motor e as capacidades inter-relacionais e também “castrar” aquilo que deveria ter sido feito e não foi.

Castração é também constituição, a criança quando entra na escola tem que aprender a dividir a atenção da professora, os brinquedos e os amigos tem que cumprir as regras da instituição como: fila, horário de entrada, de saída, adotar comportamentos combinados e cumprir regras gerais que determinem o bom andamento das atividades escolares.

Se pensarmos *grosseiramente* no sentido da expressão freudiana *castração* e fizermos uma analogia com o processo cirúrgico que é muito realizado em animais, a castração real, física tem até uma determinada idade, para poder ser realizada, que é no máximo até os dois anos de idade do bezerro, depois disso não se pode mais fazer, senão o animal corre grande risco de morrer.

Nos humanos é preciso que até em torno de três anos, ou antes, ainda, o cuidador possa clarear o que é *sim*, o que é *não*, o porque que pode, o porque que não pode. E que isto é pelo bem dele mesmo, e para o melhor convívio em sociedade.

No entanto, o mais importante é que nos humanos, este processo é um tanto diferente do que se passa com os animais, pois ele não fica impedido de ser feito, não tem uma data certa como nos animais que ficam impedidos de passar pelo procedimento de castração se por acaso o tempo expirar.

Mesmo assim, quando passa da hora ideal, o processo é mais difícil, mais doloroso, mais penoso até, isto para quem realiza, como para quem é apresentado a essa *castração*. Psiquicamente, o ser humano apresenta muitas semelhanças, ao orgânico do animal, já que o cerne da personalidade se forma nos primeiros anos de vida. É também nesta etapa da

vida que o *serzinho* aprende ou deveria apreender o que é ele e o que é o outro, onde se constituem os primeiros esboços de psiquismo.

Também responsável por algumas castrações e adestramentos humanos, foi o elemento da evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão, depois do Concílio de Trento. Onde “cobre-se, progressivamente, a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam”⁵². Nesse tempo, criou-se a necessidade de que, para que o sujeito pudesse ter absolvição dos seus pecados, deveria confessar *tin-tin* por *tin-tin*, a posição respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, etc...

E isso tudo era recomendado com muita insistência, inclusive nas atitudes que envolviam crianças. Devia ser no mínimo interessante, a situação do sacerdote escutando todos os *detalhes sórdidos* de uma transa excepcionalmente acalorada entre corpos ardentes.

Por isso, que precisaria existir algo ou alguma coisa que separasse o ouvinte do narrador, a tão conhecida casinha do confessional, que poderia servir para muitas coisas, tais como para dificultar que esta masturbação psíquica e quem sabe até concreta fosse completamente vista de um lado para o outro, pensando em ambas as partes.

Esta escuta foi usada por muito tempo como instrumento de poder, como maneira de saber o que se passava dentro das casas, do quarto do casal e em tantos outros lugares que eram narrados, já que era obrigatória a confissão e a integralidade dos discursos.

O instrumento de poder que detinha a igreja católica naqueles tempos era algo tão forte, que aquilo que o sacerdote dizia, muitas vezes virava lei interna e externa para o confidente, para os fiéis, enfim, para a população. Então, também tanta discriminação com os negros e índios politeístas, chamados selvagens, porque eram um tanto mais difíceis de domesticar, do que os italianos e alemães que por aqui abarcavam, nesta terra de ninguém, chamada Brasil.

O tempo passou e aos poucos foi acontecendo uma grande diminuição dos mandos e desmandos da igreja, ou quem sabe os mandos até continuam os mesmos, o que mudou foi o cumprimento, ou melhor, o não cumprimento a essas regras que diziam ser ditadas por Deus, tão mal interpretado e ainda tão crucificado na atualidade. Por que será? A serviço de quem? Fica a pergunta.

Invocamos Freud e fizemos um passeio pela história da sexualidade com o pitaco da

52 FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 12.ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988, p.22.

igreja católica, almejando entender Foucault, a fim de expressar algumas contribuições tão significativas para a composição desta atualidade que vivenciamos, cheia de belezas, de evolução de conforto e tecnologia.

Em contrapartida, diante de tanta beleza percebemos e nos preocupamos com a grande parcela da população que vive ainda na Idade da Pedra Lascada, pois existem algumas comunidades bem próximas de nossas casas, que não têm acesso a essas informações e muito menos a um convívio mais humanizado no meio, onde estão inseridas meio este que muitas é quase que sem condições sanitárias ou até abaixo da linha de miséria.

Quando as pessoas não se experimentam, não arriscam, sequer conhecem a si mesmas, não sabem e não ousam provar de sua autonomia, ficam temerosas de que esta quando posta em prática lhes fuja ao controle, lhes falte “freio na língua”, porque não sabem onde estão na relação de poder, e muito menos aonde podem chegar.

Ainda que os outros e principalmente ela mesma venha a se conhecer, já que a palavra provoca a associação livre, então, o entendimento é *a posteriori*, a pessoa fala e ouve a si mesma e pode assim, construir entendimentos daquilo que ela mesma disse ou foge.

Com isso podemos associar a necessidade de pertencer a uma igreja, a um grupo, para que o outro exerça um controle que não existe por si só ou não está devidamente assegurado internamente. Mas, por mais que isso não seja o que existe de mais prudente em termos de autonomia e exercício da liberdade, melhor essa afiliação à religião do que a atuação criminosa. Quando todos os filtros falharam entram em ação, a lei e a polícia para interditar aquilo que não tem lei, nem freio nem coisa nenhuma.

Corroborando com isto, Foucault coloca:

Mas pode ser que essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas réplicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina⁵³

Podemos pensar que a gravidez na adolescência aparece para dizer algo que não foi

53 FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, São Paulo: Loyola, 1996. p.7-8.

dito através de palavras, mas também para comprovar e denunciar que existem inúmeras falhas na instituição familiar, no papel da escola e no auto-conhecimento.

Sendo que, em boa parte das vezes quando a adolescente percebe que realmente está grávida, não consegue entender o que aconteceu, será que é mesmo verdade, o que fazer? Onde andará sua onipotência, já que esta pensava que poderia controlar todos os eventos de sua vida?

São estes questionamentos carregados de sofrimento e ausentes de entendimento e compreensão de vários aspectos, tais como:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grande complexa que não cessa de se modificar ⁵⁴.

Até então, pelo que podemos perceber, as estatísticas mostram que a grande maioria da sociedade encontra-se *freiada*, em relação ao acesso do próprio funcionamento e ao desenvolvimento humano, isto por questões de cunho principalmente ético, o problema da gravidez na adolescência é um problema ético.

Isto em função de que, é repugnante pensar na realidade de que a maioria dos nossos governantes não se envergonha de não pleitearem verbas para que possam de fato realmente colocar na prática os projetos que previnem a gravidez na adolescência.

Se relacionarmos esta cadeia de fatos com o que norteia a obra de Foucault, podemos pensar que os governantes também são fruto de um sistema escolar defasado, onde a ética é algo muito, muito distante, mas por algum lugar as mudanças precisam começar e se não são possíveis no Congresso Nacional, que sejam pela escola como instituição pertencente também a uma sociedade com inúmeros problemas, problemas estes que não a impedem de tentar modificar a realidade que ora se apresenta, com altos índices de gravidez na adolescência.

Isto não é um tema isolado, não basta investir em prevenção da gravidez na adolescência, por que isso é o mesmo que dar antidepressivo para os deprimidos e pensar

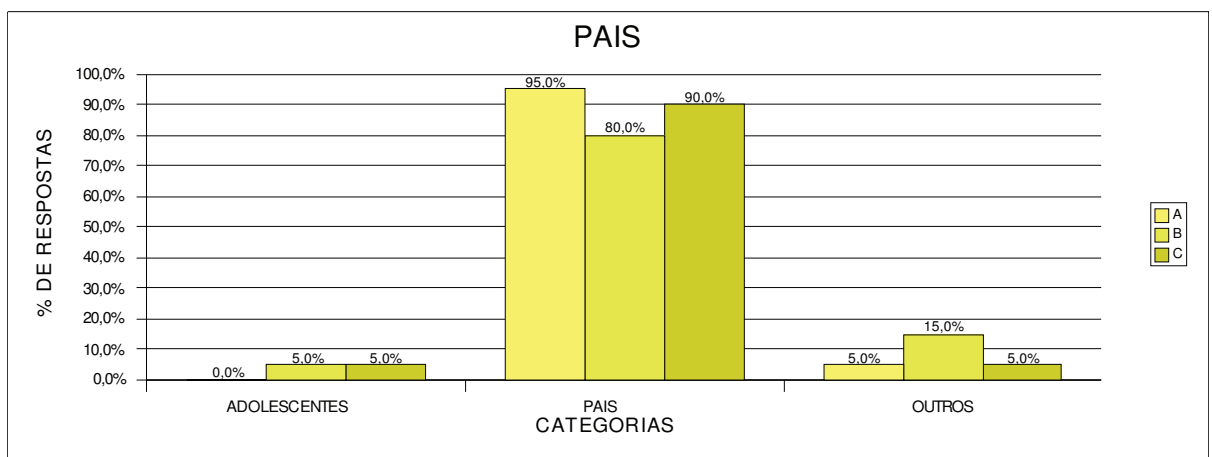
54 Idem p.9

que a depressão está resolvida sem que se descubra o que é que deixa esse sujeito deprimido, sendo que ela se resolve somente quando as causas são eliminadas.

A necessidade real é de investimento pesado em educação, saúde e desenvolvimento global dos cidadãos. Só que, para que algo de bom aconteça, nós cidadãos precisamos unir forças, organizar grupos e rumar às solicitações para que possamos encontrar vias possíveis de disposição de investimentos e opções para a viabilização de qualificação dos professores.

2.1 Pais

Os pais atribuem a *responsabilidade de esclarecimento* em 88,3% aos pais, 3,3% aos *adolescentes* e a 8,3% *outros*.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

Essa questão, *responsabilidade de esclarecimento* para a prevenção da gravidez na adolescência, foi extremamente matizada pela *culpa* atribuída a pais, professores ou alunos, quando a gravidez acontece, ou seja, cada um dos envolvidos pode sentir uma parcela de culpa quando uma gravidez se confirma na vida de uma adolescente.

A pergunta era a quem você atribui a maior responsabilidade de esclarecimento? E as pessoas responderam muito como se lhes estivesse sido perguntado de quem você acredita que é a culpa da gravidez na adolescência.

Os pais A atribuem a *culpa* aos *pais* mesmos, por falta de diálogo, salientando que

desde cedo é preciso dar aos filhos a noção clara de regras, limites e que isso é possível a partir de uma boa relação familiar, que o diálogo é muito importante, mas que precisa estar aliado ao exemplo, que é ainda muito mais eficaz.

Eficácia essa que precisa ser muito investida para que se sustente, porque em função das influências da mídia e da *Internet*, os pais da geração atual precisam estar cada vez mais atentos a diferentes aspectos que antes não existiam ou eram mais facilmente controláveis.

Tais como: forte influência do grupo, participação de movimentos como *gangs*, extremismos ou violência e até o próprio funcionamento dinâmico do jovem considerado “normal” apresenta-se um tanto confuso e conturbado.

No que diz respeito ao psiquismo dos jovens, surgem transtornos que antes não eram sabidos ou inexistentes, tais como: bulimia, anorexia, a mutilação do próprio corpo, os déficits de atenção, enfim, uma gama de malefícios invadem a atualidade, causando ainda mais *mal-estar na civilização*.

A metodologia utilizada para a análise dos dados encontrados nessa pesquisa nos proporcionou ter noção que neste tipo de análise, a qualitativa, é muito rica, pois através desta conseguimos perceber as mais variadas idéias que as pessoas têm sobre o tema gravidez na adolescência.

Tanto o comportamento sexual, quanto à gravidez na adolescência, não são somente, a atuação de desejos puramente instintivos, os sujeitos pesquisados responderam de forma que nos leva a entender que a gravidez na adolescência é também consciência daquilo que se faz e um valor que se atribui a determinado comportamento, como o de engravidar nesta fase da vida e que este pode ser um objetivo neste momento.

A questão sexual não se limita à natureza biológica do sexo. Trata-se em relação ao comportamento e às atitudes das pessoas de um determinado sexo. O papel sexual encontra-se em permanente transformação. E isso foi possível verificar nas escolas A, B e C. através dos depoimentos de pais, professores e adolescentes.

Se o indivíduo desempenha o papel sexual que lhe é reservado de acordo com o período histórico e a sociedade em que vive, está tudo bem. Caso contrário, ele arcará com pressões sociais de toda ordem, como ocorre ainda hoje com homossexuais, que apresentam inclinação erótica e afetiva por pessoas do mesmo sexo, ou ainda mesmo com as jovens que engravidam antes de casar ou de ter independência financeira.

Os dados coletados e analisados nesta pesquisa indicam que os pais A afirmam que ainda existem tabus a serem derrubados no que concerne a conversar sobre sexo, drogas e gravidez, e que isso não é tão normal como a televisão e as novelas abordam. E que

conversar com os filhos sobre assuntos que eles concebiam como *caretice* e falar sobre prevenção jamais fica ultrapassado.

Os sujeitos A, em várias respostas, manifestam de forma elaborada o repúdio em relação ao funcionamento social colocando que *num país onde a ignorância e a falta de educação essencial ainda é predominante, é difícil a prevenção de um problema como esse, a gravidez na adolescência.*

Colocam também, que sempre que acontece a gravidez na adolescência as pessoas procuram encontrar os culpados, crucificar alguém, mas que é preciso criticar o funcionamento da sociedade como um todo e não atacar o jovem, quando o fato se confirma.

Os pais participantes da pesquisa consideram a gravidez durante o período escolar como sendo: negativa, difícil, irreversível, colocam que muitas vezes as meninas são recriminadas na família, mas na escola geralmente recebem apoio. Colocam que a adolescente geralmente fica sem cabeça pra estudar, com grande vergonha e insegurança. Então, acreditam que seja uma péssima situação, maternidade e escola resultam numa combinação que não tem como dar certo.

Que a gravidez nesse período da vida pode ser uma mudança brusca e muito triste para a adolescente, pois vai ter que parar os estudos. Eles colocam, devemos nós pais ajudar cada vez mais para que isso não aconteça, porque é muito triste. Elas depois ficam envergonhadas e se sentem também discriminadas principalmente por pessoa de mais idade.

Os pais acreditam que após ter engravidado imaginam que em torno de 90% das adolescentes não quer mais estudar, sugerem que nesses casos a escola juntamente com os pais deve “forçá-las” a continuar, afinal a vida não pára por causa disso. Mas, como é que alguém vai forçar o *outro* a fazer aquilo que não quer? Então é sobre essas coisas que os pais precisam ser convocados a pensar.

Mães de alunos que foram gestantes durante a adolescência colocam que: fica tudo uma grande confusão choro, briga, medo, vergonha de sair, de ir pro colégio, de sair na rua com aquelas roupas.

Os pais B também enfatizam que é dentro de casa que aprendemos tudo o que é certo e errado. E que quando os filhos nascem, seja menino ou menina, é preciso ter diálogo, muito diálogo, pois a televisão está cada vez mais colocando *as coisas* de forma muito direta, distorcida e precoce, então os filhos que conversam com os pais estão mais preparados para se defender desse apelo ao sexo, à moda, às drogas e a tudo o que diz

respeito ao consumismo e ao descarte dos valores que defendem a vida.

Nas respostas dos próprios pais aparece a necessidade de projetos que envolvam a conscientização dos pais a respeito do seu papel na vida dos filhos, porque não basta a escola dizer que um assunto é de incumbência dos pais e os pais esperarem que a escola o faça, que se for deixado assim, as coisas passarem sem ser faladas, ambas as partes acabarão se omitindo do que realmente precisa ser feito.

Mas, se as necessidades ficarem mais explícitas e passarem pela palavra e pela fala, os desentendimentos diminuem e todos os envolvidos podem opinar, contribuir e participar do processo, que conseqüentemente beneficia a todos.

Os genitores apresentam idéias tais como: palestras com profissionais, técnicos e pessoas especializadas para trabalhar na área de sexualidade e relacionamentos que diminuam a violência e a agressividade juvenil. As sugestões envolvem a solicitação de material específico como folder, vídeos e filmes para discussão de temas variados, atuais e abrangentes.

Por mais agredida que esteja a imagem dos professores e da instituição escolar, ainda existem pais que manifestam confiança na escola, por acreditarem que a escola pode auxiliá-los através de palestras, debates e fóruns a também reforçar os valores morais e éticos para os jovens atuais, que são tão *moderninhos*, mas, ao mesmo tempo tão cheios de dúvidas e insatisfações.

Surge o questionamento de será que esses pais que manifestam ainda acreditar na escola como instituição, fazem isso por crédito real ou para se omitir de fazer sua parte e colocar a responsabilidade toda para a escola? Fica o enigma.

Os pais demonstram através de suas respostas, que quando atribuem a responsabilidade ao adolescente é em função de que muitos jovens pensam que com eles nunca vai acontecer. Porque na adolescência, os sujeitos ainda não estão suficientemente esclarecidos e nem seguros, portanto, arriscam, acreditando num pensamento mágico que podem transar sem se cuidar, que não vai acontecer de engravidar tão fácil, mas acontece.

Nos casos em que os pais atribuem a responsabilidade de esclarecimentos a *outros*, esses outros são: os meios de comunicação, os centros de atendimento integrado a saúde (CAIS) que existem em nossa cidade, e também a escola depois que o bebê nasce.

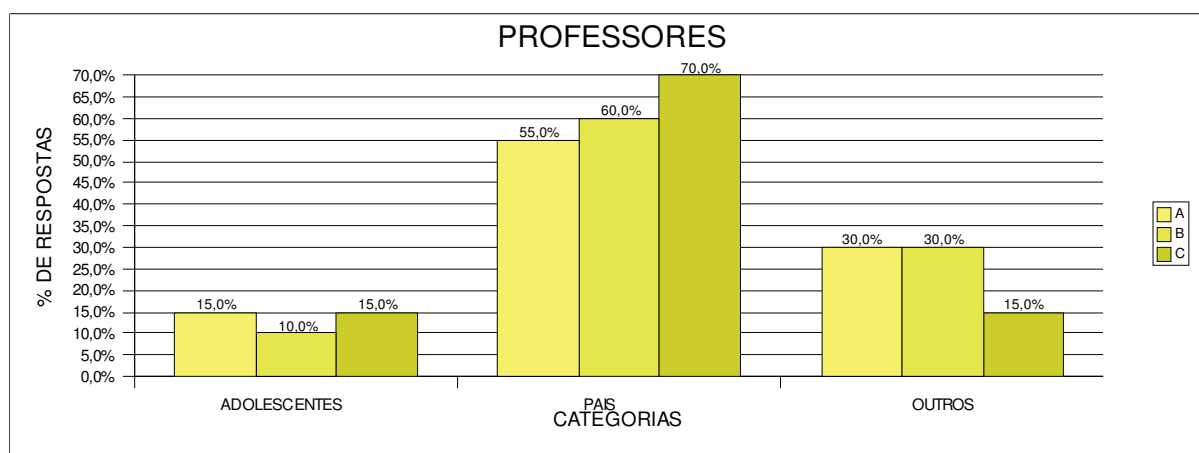
Durante essa pesquisa acessamos também informações sobre as adolescentes que engravidam e que na escola B as adolescentes grávidas, muitas vezes continuam freqüentando a escola e raras vezes, mas num percentual não específico, mas existem algumas que continuam freqüentando a escola.

Já na escola C a imensa maioria abandona os estudos ainda no início do período gestacional e as notícias que chegam até a escola indicam que para que seja viabilizada, a permanência desse filho, com sua mãe adolescente, existe uma maciça participação dos avós maternos, tanto nos relatos das moças como dos rapazes, essa ajuda é sempre significativa, particularmente entre os/as jovens não unidos/as, caracterizando práticas familiares de suporte financeiro, auxílio e solidariedade de pais com seus filhos, cumprindo, assim, em relação aos netos, as funções parentais.

Destacam-se, nesse processo, as avós que assumem as responsabilidades e os cuidados com a criança⁵⁵ reafirmando, dessa forma, a centralidade da mulher nas relações familiares. Esta centralidade feminina se confirma cada vez mais pelo grande número de famílias monoparentais sustentadas somente pela mulher. Outro fenômeno observado na escola B e mais intensamente na escola C, é que muitos pais se tornam avós antes dos trinta anos de idade.

2.2 Professores

No total dos professores, 61,7% atribuem a responsabilidade de esclarecimento aos pais, 13,3% aos adolescentes e 25,0% a outros.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

55 DIAS, A.; AQUINO, E. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 22, p. 1447-1458, jul, 2006.

A maioria dos professores atribui a *responsabilidade de esclarecimento* aos pais. E salientam o aumento da influência da mídia e da Internet na formação dos jovens. E sublinham também que, por mais que os meios esclarecedores de informação contribuam para que os jovens sejam bem informados, cabe principalmente à família abordar e assumir esse papel e essa responsabilidade.

Diante das respostas fornecidas pelos professores participantes desta pesquisa constatamos muitas críticas e poucas sugestões indicando que os educadores se encontram em situação muito difícil onde muitos estão “perdidos”, assustados e principalmente pelo fato de que não sabem o que fazer com as crianças que não têm mãe ou alguém que as maternem, que cuide, que alimente, ofereça carinho e principalmente limite. Essa é uma preocupação e um questionamento constante e uma primeira opção para iniciar dinâmicas de grupo reflexivas e interativas.

Preocupação esta calcada no fato de que os professores não têm a obrigação, mas tem sim, uma grande implicação nisso tudo, carecem de coragem, estômago e motivação, mas acima de tudo de preparo, pois sua formação é muitas vezes academicista e teórica. Faltando-lhes elementos de sustentação diante da prática que ora se apresenta.

A responsabilidade primeira cabe à família, mas e quando não há família? E quando não há respaldo? E quando o Estado não consegue cumprir com todo o seu papel? A realidade constatada nesta pesquisa indica que a escola também pode e deve estar preparada para as adversidades e que nós que optamos por fazer ciência com educação estamos convocados a auxiliar no funcionamento da instituição escolar.

Porque que se todos os alunos tivessem uma família, se todos os pais fossem presentes e se todos os professores também pudessem resolver as questões que se apresentam, os problemas pouco existiriam e os que porventura surgissem, seriam de fácil resolução, que bom se assim fosse, mas a vida real tem nuances um pouco mais complexas.

Os professores vêem relação da adolescente que engravida e a escola, como negativa, difícil, irreversível, porque essa relação torna-se truncada não só durante a gravidez, mas, principalmente, no período pós-parto no desenvolvimento das atividades à distância.

Relatam que é uma relação complicada, mesmo que a escola use todos os recursos para manter esta jovem no banco escolar. Essas dificuldades são geradas pelo papel que ela passa a assumir, diferente dos seus colegas. E também porque ainda existe preconceito, mesmo que “velado”, por parte de alguns educadores, colegas e pais.

Os professores acreditam que os pais possam ter algum preconceito e também muito

temor quando uma adolescente colega de seus filhos fica grávida, porque esse é um fato muito próximo, pois o que separa o filho/a destes pais de ter este mesmo impulso é uma linha muito tênue. Pesquisas realmente constataam que quando uma adolescente engravida, é como se isso se *alastrasse* e contaminasse outras alunas adolescentes com a mesma idéia. Diante disso o raciocínio dos professores em relação ao preconceito dos pais parece encontrar um fundo de verdade na temerosa realidade que se apresenta.

Outros pais, afirmam que a escola sempre procura aceitar, ajudar, porém as adolescentes muitas vezes não aceitam a acolhida, pois pensam que estão sendo julgadas como erradas, como coitadas.

A realidade tanto de alunos como de professores que representam um passado não muito distante de alunos da geração de algumas décadas anteriores, também se encontra sem saber o que fazer diante de tantos problemas, de tanta desestrutura, e então como agir? Ficar de braços cruzados esperando a *banda passar* é que não dá para se permitir, porque ocupar essa posição é abrir mão da função docente, cheia de adversidades, de desafios e de realizações, porque só alcança aquele que tenta, aquele que lamenta, fica no lamento como as carpideiras, que acreditam que o pior já aconteceu e não há mais nada a ser feito, somente chorar.

Podemos observar que toda a proposta ou prática didática fundamenta-se em uma concepção de aprendizagem que se apóia na concepção que cada um tem de “sujeito” e de “objeto”, ou seja, como cada um vê o mundo e ensina o mundo.

O professor, diante da capacidade de contribuição aos esclarecimentos dos alunos, pode, simplesmente, observar seus comportamentos, ou então participar da construção de reflexões, como educador, como cidadão, como pessoa e mais, como pessoa provida de afeto e compreensão, ele é também dignificado por seus feitos.

E a condição básica para que o educador adquira mais competências e capacidades de relacionamentos com seus alunos, é que este professor seja escutado e se sinta assegurado pela instituição onde desenvolve seu trabalho. E isto só ocorre quando o grupo escolar conseguir trabalhar com um objetivo ao menos similar.

Foucault em sua ausência de método que sirva para tudo propõe que os educadores promovam saber, através de formas intrínsecas de cada aluno, porque bancar o “suposto saber” seria automaticamente desbancar o saber e o conhecimento real, que é aquele que é construído a partir de elementos ofertados, mas, que passa invariavelmente pelo recheio interno de cada ser.

Porque sendo assim podemos sair do cartesianismo que coloca o mundo como se

tivesse um lado *iluminado* que é certo e outro *obsuro* que seria o errado. Pensar que a ciência poderia ou teria condições de dizer o que é certo e o que é errado seria muito semelhante ao cristianismo dizendo que algumas coisas são de luz e outras das trevas e do mau.

E é através de uma terceira possibilidade de nem tão céu nem tão inferno, que se constrói ou se possibilita depois de grande preparo e treinamento, o fortalecimento da identidade profissional e da auto-estima do educador, como peça de capital importância na construção de uma sociedade mais digna e menos excludente.

Esta capacitação pode ser feita a partir da concepção de como este ser professor foi olhado, como aprendeu a ver o mundo, enfim, sempre temos como modelo a relação que estabelecemos com pai e mãe ou seus representantes. No entanto quando o educador, assim como todo o ser humano apresentar lacunas nesse relacionamento, ele precisa conhecer e superar essas dificuldades para assim inaugurar e assegurar *o cuidado de si*, para posteriormente cuidar e auxiliar na emancipação de seus alunos.

O professor, além de educador é representante de pai e mãe, para tanto, fundamentamos a importante relevância que pode ter um professor que provoque questionamentos e reflexões nos alunos, e também para que o professor conscientize-se da sua importância, quando a família falha ou quando ela nem mesmo existe.

Objetivamos com isto, que o mesmo possa em sua função, desempenhar um papel de agente de compreensão e reflexão. Compreender é pensar e agir com flexibilidade em qualquer circunstância a partir do que se sabe a respeito de algo. Essa definição é à base da educação para a compreensão. A atual política de ensino não está organizada para produzir compreensão em conjunto, principalmente diante da grande diversidade de comportamentos e atitudes explicitados pelos alunos em sala de aula.

Ensinar para a compreensão requer uma proposta pedagógica, e isso, por sua vez, requer uma nova organização do sistema geral de ensino, para que o professor possa fazer com que os alunos tenham objetivos de crescimento pessoal e profissional. Para que assim possam fazer uso das informações que têm sobre métodos anticoncepcionais e deixar para a vida adulta a tarefa de maternar e paternar, depois de terem condições de gerir a sua independência financeira e sustento de uma família.

Fato este que pude perceber claramente quando lecionei pelo estágio de docência universitária, a disciplina de psicologia da educação no curso de matemática, na Universidade de Passo Fundo.

Ali percebi de forma nítida, a grande diferença na fala e no relato das experiências

dos alunos que tinham a prática de sala de aula, seja esta através de bolsa, estágio, concurso, enfim, algo que proporcionava a vivência, que dava corpo à formação do profissional e ser sujeito do professor, auxiliando até na escolha, certeza ou desistência do curso escolhido até então.

Com base nisto, as práticas devem ocorrer desde muito cedo na graduação, claro que não podemos expor os educandos nem os aspirantes a professores. Ao mesmo tempo em que se torna elementar para a formação docente, além do conhecimento, a aproximação da realidade miserável que a maioria da população se encontra exposta.

Estes alunos da graduação deveriam participar primeiramente de atividades como monitores, auxiliares, estagiários acompanhantes, enfim fazer um ensaio desta prática, a fim de angariar experiências para poder fazer escolhas e obter preparo e qualidade profissional para assim ter realmente “cacife” para *pilotar* uma sala de aula com cerca de trinta crianças, onde cada uma delas é proveniente de uma estrutura.

Ou seja, condições reais de escolher se quer ou não ser professor e se quiser, que seja por inteiro, de verdade e não para ser mais um a engrossar o lamento pessimista de que professor ganha pouco, que não é valorizado, que os alunos não respeitam mais como respeitavam antigamente, lamento não provoca reflexão nem evolução, é preciso reflexão e ações cotidianas eficazes para que possamos daqui algum tempo começar a colher resultados.

Um percentual de 15,0% dos professores A atribui a responsabilidade aos adolescentes, que por vezes não se cuidam, não se protegem e não se valorizam. Em contrapartida se pensarmos que consegue se cuidar, somente aquele que recebeu e que foi cuidado, maternado. Que se protege ou aprende a se proteger firmemente, somente aquele que foi protegido. Então a partir disso podemos perceber e entender um pouco a respeito dos porquês, que tantas pessoas se fazem “aprontes”, se colocam em confusões que só elas mesmas não conseguem enxergar no que estão se metendo e nas conseqüências de suas escolhas.

Um total de 15,0% dos professores C atribuem a responsabilidade aos adolescentes, acreditando que nos dias atuais há muito esclarecimento sobre esse assunto, na mídia, nas escolas. É que todo o adolescente já teve acesso a informações sobre prevenção da gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis. Fato este que não abarca as necessidades, ou seja, não é o suficiente se os educandos não forem auxiliados na construção de um objetivo futuro para suas vidas.

Uma parte que soma 30,0% dos professores A atribui a responsabilidade outros,

fragmentos da sociedade, tais como: família, escola, educadores, meios de comunicação. Dizendo que estes deveriam fazer a sua parcela, no entanto sempre salientam que na família está a estrutura do esclarecimento, o que não isenta os demais de contribuírem.

Um percentual de 30,0% dos professores B coloca que a responsabilidade de esclarecimento é de outros, da sociedade como um todo, pois permite que a mídia incentive relações sexuais precoces e relações sem amor e naturalmente os pais que devem orientá-los. Caso contrário nessa idade são facilmente influenciáveis pela banalização da violência e pela naturalidade com que vêm o ficar e trocar de namorado a todo o momento.

O percentual de 15,0% dos professores C atribui a outros, colocando que: Geralmente acusam a família, mas o problema é de todo um sistema que está aí. Tornando esclarecedor o fato de que quando podemos perceber que não existe um só ou um só grupo de elementos que compõem a temática da gravidez na adolescência, isto porque a sociedade funciona como uma engrenagem, onde todas as peças são fundamentais e quando uma delas falha, o resultado fica prejudicado ou sequer acontece.

O jovem atual sofre muito mais influências da mídia do que, nas gerações passadas, e isto é negativo para aqueles que não têm suporte familiar e escolar para aprenderem a utilizar estes recursos midiáticos. Se o aluno for educado para lidar de forma a tirar proveito da tecnologia e das informações a que pode ter acesso hoje em dia, certamente este jovem terá muitos benefícios também do que a geração que os antecede.

Isto, porque para um bom aprendizado, não bastam novos conhecimentos e informações, mas é fundamental que tenhamos novos questionamentos, novas metas para assim querermos chegar a algum lugar, porque como diz nos diários de meninas adolescentes, “quem não sabe o que procura, não vê o que encontra”.

Então, não basta alfabetizar e encher as cabeças das pessoas de teorias decoradas e vazias, que elas rapidamente serão esquecidas, esses novos conhecimentos precisam estar aliados, aliançados e significados com o cotidiano dos alunos.

Para que estes possam utilizar o conhecimento, principalmente para que possam ter mais autonomia e visão crítica do funcionamento social e possam dessa forma entender que podem sim ser agentes ativos na construção do seu futuro, da sua escolha profissional e do seu planejamento familiar.

Portanto, cada instante é um momento único no aprendizado dos alunos e na prática profissional do educador, que se captados pelo olhar do adulto professor e aproveitados, colocados na pauta do dia. Certamente terão sim, um enorme aproveitamento teórico e

principalmente prático, que poderá ser colocado em prática no cotidiano de ambos e levados para dentro de suas casas e comunidades a que pertencem.

As palavras, as coisas, os acontecimentos e os conteúdos precisam estar profundamente imbricados para que possam encontrar na relação pais, professores e alunos, um bojo de sustentação, para assim poder desenvolver e frutificar os conhecimentos oferecidos pelos educadores.

A palavra educadores, e a função do professor aparecem raras vezes nas repostas dos sujeitos, o que é surpreendente e também fator comprobatório do fenômeno social atual que detecta o professor muitas vezes tímido e mal preparado para a ocupação e o desenvolvimento de suas atribuições.

E quanto o seu papel, assim como a adolescência e o comportamento da sociedade como um todo é como se virasse do avesso, ficasse temeroso de defender uma posição, levantar algum questionamento e melindrar alguém ou mesmo não ter como sustentar nem esboçar respostas aos questionamentos que porventura, possa provocar.

Foucault coloca que a riqueza das reflexões está não no saber pronto, mas nos questionamentos e nas novas possibilidades de respostas que surgem para as dúvidas e perguntas, mas pelo que tudo indica os professores merecem e muito se beneficiariam se lhes fosse clareado tal fato, de que não possuem a obrigação de responder a todos os questionamentos dos alunos, pois isso seria impossível e improdutivo e ainda muito assustador.

Esse susto ou distanciamento da promoção de grandes questionamentos pode estar a serviço de muitas coisas, como por exemplo, se o professor não provocar uma discussão específica, os alunos jamais saberão se este professor tem ou não as respostas para suas perguntas, então, esse jogo de esquiva da situação de enfrentamento com os alunos, parece que por muitas vezes pode deixar o professor com idéia de estar *resguardado* ou protegido desse enfrentamento ou afronta que os alunos podem lhe fazer.

Se pensarmos melhor sobre estes fatos, podemos observar que, todo esse medo do desconhecido, do questionamento, da reação ou comportamento dos alunos pode ser: falta de prática ou insegurança sobre seu embasamento teórico para que o professor possa *se meter* nesse fogo cruzado que é o aluno que quer realmente se emancipar e ser autônomo naquilo que pensa e sente.

Muitas vezes a escola encontra dificuldades em delimitar os papéis, porque estes são extremamente entremeados. Sendo assim, não fala uma linguagem homogênea e conta com escasso suporte teórico, já que a figura do professor está, prejudicada, isso porque

muitos se formam sem se constituírem, sem estarem suficientemente embasados prática e teoricamente.

Esse déficit constitutivo na formação profissional do educador não se dá somente por má vontade, mas porque mesmo esse desânimo que invade todas as instituições parece ser o resultado de todo um sistema social defasado e poroso de lacunas.

Formação e informação podem caminhar juntas, lado-a-lado e de preferência de mãos dadas, porque o ato de aprender a ler e a escrever pode ser muito bem, um companheiro e aliado do aprender a pensar antes de agir, do aprender a ser antes do aprender a ter.

Enfim são habilidades que muitas vezes a família não tem como ensinar porque não as possui e a escola como educandário pode encontrar vias de preparar os professores para que possam oferecer aos educandos esta grande habilidade não de torná-los a-lunos, como sujeitos *sem luz, sem saber prévio*, mas sim educandos, seres pensantes e criativos. É preciso transformar informação em conhecimento e reflexão e além de tudo acreditar piamente que isso é possível, senão passa a ser uma idéia que já nasce morta.

Percebe-se que a teoria geralmente se apresenta tão diferente da prática, porque ela muitas vezes é construída em cima de ideais, é pautada para atender um aluno idealizado, elitizado e sem dificuldades, o que faz com que o professor, que também é fruto deste mesmo método de ensino, tenha uma visão meritocrática e de certa forma cartesiana, quando fica julgando os fatos como certo ou errado.

Quando se trabalha dessa forma, essa prática se torna excludente e sem sentido, porque mais atenção mereceria aquele aluno que encontra as maiores dificuldades, mas o que se verifica na grande maioria dos casos. Em função do despreparo profissional ou dos anos de experiência, o que se vê é a desesperança e o conformismo de que “esse não tem jeito”, “toma remédio e não adianta”, “vai se dar o mesmo que aconteceu com a fila de irmãos mais velhos que já passou pela escola”.

Se refletirmos a respeito dos chavões como: *a educação brasileira está em decadência porque o professor ainda está dando aula somente com giz e quadro negro*, podemos pensar que só giz e quadro negro não fazem mais o que faziam antigamente.

Mas que o professor, por mais que ministre aulas na periferia e talvez nem tenha quadro negro, se ele estiver recheado de conhecimentos, de leitura, de capacidade de envolvimento com aquilo que se põe a desempenhar, o trabalho acontece de maneira efetiva.

Em detrimento disso, é preciso que se façam maiores investimentos de políticas

públicas desde as bases educacionais até aos professores já graduados, que saem da faculdade com muitos questionamentos, dúvidas e perguntas que não puderam ser respondidas.

Não que almejemos encontrar verdades absolutas ou verdadeiras verdades, mas existe ainda, muito a ser feito para que possamos contribuir para um país com menos violência e mais inclusivo e preparatório para a realidade da vida, que apresenta um mundo altamente competitivo e selvagem, que exige, estudo, estudo, leitura, portanto precisamos cada vez mais, ler, ler, ler incansavelmente ler.

Estas colocações que faço são relacionadas às escutas feitas nesses cinco anos trabalhando em escolas. Escuto isso e não faço somente uma crítica ao professor, mas a todo um sistema, que com toda a urgência do mundo, precisa ser modificado, repensado para que possamos dar um passo à frente, rumo à civilização. Porque muitas descobertas vêm sendo feitas ao longo dos anos, mas raras são colocadas realmente na prática.

Um exemplo disso é o século que passou, o século XX terminou, findou sem sequer ter colocado em prática algumas coisas que tinham sido descobertas no século anterior, precisamos fazer com que as coisas, as leis, as regras e os projetos possam sair do papel e não desaparecer no bolso de políticos corruptos.

Mas para que isso aconteça precisamos nos envolver mais, fazer teoria e prática, produzir, publicar e diminuir a distinção entre alfabetização e letramento, contribuindo com capacidade de relacionamento e de autoconhecimento.

Isto pode ser feito por muitas vias como a interpretação de textos e fatos que obrigamos a considerarmos o acesso ao mundo das letras como algo muito superior, muito além de aprender a ler e a escrever. A tal alfabetização tão falada por políticos e gurus educacionais, não se refere somente a uma tecnologia ou técnica de leitura e de escrita.

Ser uma pessoa alfabetizada não significa ter a capacidade de ler sobre os acontecimentos do mundo, o ideal é que a alfabetização e principalmente o entendimento das coisas do mundo científico e do senso comum também possam acontecer simultaneamente, diferente da atual política educacional brasileira.

Coloco isso, porque nada vai acontecer automaticamente, percebemos uma falta de comprometimento e preocupação com as questões educacionais e isto desde o planejamento até a execução, quando, por exemplo, as pessoas que elaboram leis de educação, muitas vezes podem ter até o doutoramento na área, mas sem jamais ter passado por uma escola atendendo crianças no dia-a-dia, e isto faz falta, por isso tantas vezes a teoria não se encaixa com a prática.

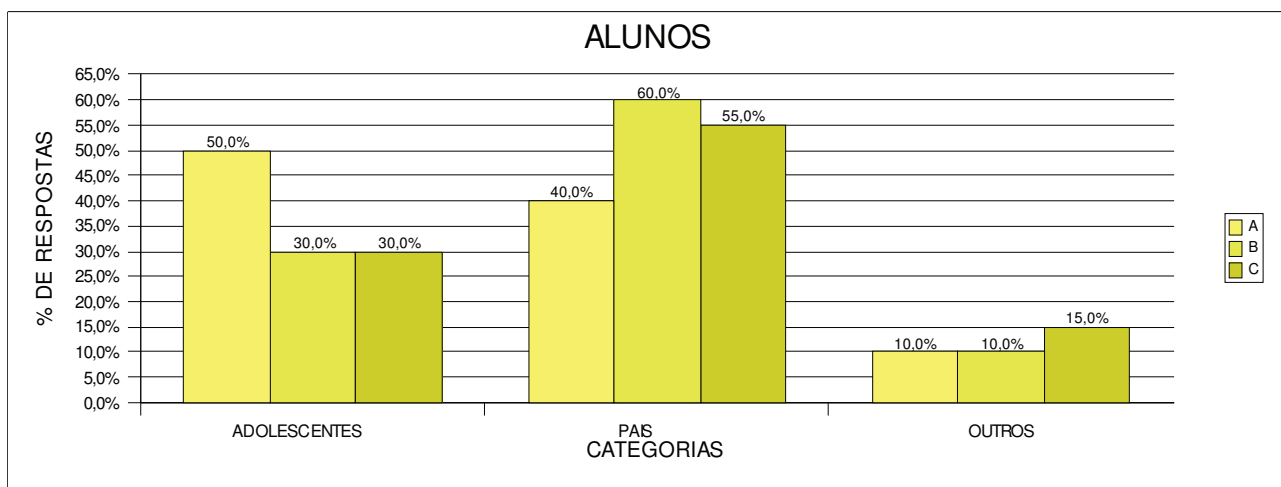
Em relação à execução dos planos educacionais, fica o questionamento muitas vezes, de o quanto é preciso ser firme nos seus propósitos o professor que realmente trabalha com crianças e mais firme ainda, quando atende crianças de classes menos favorecidas, porque este docente precisa se deparar com o mau-cheiro da falta de banho, porque este aluno não tem onde se banhar, como é a realidade de muitos alunos da escola C, com a falta de alimentação adequada, com a mancha roxa da pancada e das surra que levou dos pais enquanto esses estavam bêbados ou tiveram uma crise de loucura e o único que não podia defender, foi o que mais apanhou.

Muitas crianças também rolam de casa em casa, ficam um pouco com a mãe, um pouco com o pai, que geralmente já trocaram de parceiros inúmeras vezes, e quando nem se tem pai ou mãe que estes pequenos passam de tia em tia, de madrinha em madrinha.

Até que, às vezes na melhor das hipóteses são abrigados em alguma instituição ou adotados por uma família que baseada em suas particularidades, quer adotar alguém, para cuidar ou para tantas outras coisas que se noticiam na televisão.

2.3 Alunos

Na questão dois que pergunta de quem você acredita que seja a maior responsabilidade de esclarecimento em relação à prevenção da gravidez na adolescência, os alunos adolescentes no geral responderam 51,7% pais, 36,7%, adolescentes e 11,7% a



outros.

FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

O século XXI já não é mais novidade, com menos fantasia e muito mais realidade do que se imaginava há algumas décadas atrás, o novo milênio traz consigo a forte marca da evolução tecnológica em sua realidade, muitos alunos manuseiam celulares, computador, *lep-tops*, *mouses*, enfim uma gama enorme de elementos tecnológicos que mostram grandes influências ou até fazem parte do cotidiano da sala de aula. Na categoria alunos, surgem respostas diferentes tanto dos pais quanto dos professores, como além de atribuição à família, também às mães, especificamente à mãe.

Na sociedade brasileira, a contribuição familiar se expressa de forma diversificada e fundamental para a sobrevivência dos membros do grupo, tendo em vista o pouco investimento em prestação e assistência sociais pelo setor público, sobretudo quando comparado a países como a França⁵⁶.

Além do financiamento econômico das vias educacionais, um empreendimento muito grande em termos de afetividade e relacionamento interpessoal a partir da escola se faz necessário para que tentemos e consigamos poder entender o que a vida escreve, por mais que as linhas sejam tortas, podemos alguns tipos de leitura realizar e nisso as práticas ficam calcadas, alicerçadas e sedimentadas, para que o resultado possa ser colhido, nem que demore décadas, o que é muito provável, mas para colher é preciso começar a plantar.

E esse começar a plantar implica em conhecer, descrever e estudar a realidade como ela é, ou seja, para que possamos pensar em novas possibilidades de humanização e auxílio para os sujeitos pesquisados, precisamos fazer *aquegenealogicamente* uma construção de seu funcionamento, para depois disso poder vislumbrar qualquer possibilidade de intervenção nesse meio onde eles vivem. Foucault analisa arqueologia e genealogia como dois termos que possuem características e adjetivos além de históricos, pois, nos faz pensar que estes termos sejam mais profundos e mais abrangentes do que só a história dos fatos.

Conforme os dados analisados nesta pesquisa, os alunos colocam que a responsabilidade em relação ao esclarecimento é em parte dos *pais*, porque estes têm que construir uma relação de apego e confiança para poder falar de sexualidade com seus filhos. Caso contrário, pode ficar complicado e os filhos acabam não ouvindo os pais.

Os alunos da escola C colocam que a responsabilidade de esclarecimento é dos pais,

56 PEIXOTO, C.E. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: Peixoto C, Singly F, Ciccheli V, organizadores. Família e individualização. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2000. 95-111.

e também de avós, irmãos mais velhos e amigos, o que sugere que os pais, como figuras masculinas estejam mais ausentes. Não se trata mais, de uma opção, mas de uma questão de saúde pública, que deve ser abordada como um tema presente na formação docente, na atuação institucional da escola e na sociedade em geral.

Trata-se de deslocar as formas pelas quais se estabeleceram os referenciais sobre a sexualidade e educação sexual, de uma dinâmica psicológica individualizante para uma ética sexual emancipatória, alicerçada numa nova estética da pluralidade e numa política da radical democratização das escolhas e práticas responsáveis.

O investimento na escolarização sugere um adiantamento do exercício das funções parentais. Dias e Aquino colocam que chama a atenção, além disso, o baixo percentual de jovens pais e mães que têm inserção universitária, inferior a 1,5% em ambos os casos, quando comparados àqueles que não tiveram experiência de parentalidade na adolescência⁵⁷.

Isso nos faz pensar que o jovem ou a jovem que engravida antes de se inserir na universidade, vê a sua chance de inserção na mesma, reduzida a praticamente nula. Fato este que exige também políticas públicas que favoreçam reflexões e não o assistencialismo. Esse convite ao pensar sobre suas próprias atitudes, este trabalho pode ser desenvolvido inicialmente através de campanhas publicitárias de longa duração, que sejam acompanhadas de treinamento dos professores, envolvimento com os pais e muita, mas realmente muita dedicação ao que os alunos pensam a respeito do tema gravidez na adolescência.

Nos trabalhos de dinâmicas de grupo os jovens se escutam e escutam o que os colegas de aula têm a dizer, então, existe grande troca de informações, curiosidades, desmistificação de muitas coisas obscuras ou entendidas pela metade. Então, se os professores forem treinados e preparados para promover atitudes emancipatórias e reflexivas em sala de aula, dessa forma os trabalhos de prevenção da gravidez na adolescência podem realmente encontrar correspondência e efetividade, passando a compor a programação das atividades escolares e das práticas sanitárias realizadas nas comunidades. Portanto, a solução não está em criar cotas para estudantes pais ou mães, mas sim, investir maciçamente na prevenção da gravidez na adolescência.

As mães, avós e outras pessoas passam a ter a responsabilidade por exercer a função de prevenção, alerta e cuidado. Isto também porque os avós podem ter menos de quarenta

57 DIAS, A.; AQUINO, E. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 22, p. 1447-1458, jul, 2006.

anos, como no caso de uma adolescente engravidar aos quinze anos e a filha depois engravidar aos quatorze, temos aí, então uma mulher que é avó aos vinte e nove anos de idade.

Num percentual de 50,0% dos alunos A, aparece a atribuição da responsabilidade aos próprios adolescentes, quando colocam que se isso acontecer, se a gravidez acontecer o motivo não vai ser informação, porque isso é o que mais tem.

Outros alunos A colocam que a responsabilidade é da pessoa que engravida, que os pais podem e devem alertar, mas a decisão a ser tomada é única e exclusivamente do adolescente.

30,0% adolescentes B registram que a responsabilidade é do adolescente e dos pais, pois os pais deveriam conversar com o adolescente sobre o assunto. Outros ainda colocam que é inteiramente dos adolescentes, porque os pais e na escola todos falam com eles sobre gravidez na adolescência.

Dos alunos B 10% atribuem a responsabilidade a outros tais como: as emissoras de tv porque não há um programa que conscientize os jovens. E os programas que são veiculados parecem que pela exibição de corpos, acabam até estimulando a excitação sexual, muita gente fala tem que usar camisinha, mas, na verdade muitas vezes o jovem não sabe nem como colocá-la direito, por que é que pode estourar, se podem usar duas ao mesmo tempo, se o homem usar a mulher também pode ou qual das duas é mais segura, a feminina ou a masculina?

15,0% dos adolescentes C defendem que a responsabilidade é de todos, principalmente das pessoas que já tiveram experiências. Que uns devem conscientizar os outros, que filho é algo para a vida toda e que não é fácil de criar, principalmente se a guria fica solteira e o pai da criança não assume ou não tem condições de ajudar financeiramente.

Existem relatos de alunas da escola C, que abandonam a escola e não procuram sequer seus direitos civis em relação à pensão alimentícia para a criança, isso pode estar aliado ao fato delas não saberem exatamente que é o pai da criança, o que implicaria numa exposição, já que mais de um homem teria que participar do exame de paternidade.

Não procurar seus direitos pode ser por temer violência física por parte do pai da criança contra essa mulher, sendo que a polícia ou a lei nem sempre ampara de forma efetiva as pessoas que temem .

Alguns alunos atribuem a responsabilidade a outros, como *a escola*. Que deveria falar mais claramente sobre métodos anticoncepcionais, menstruação, masturbação, se

engravida ou não através de sexo oral, anal, se existe alguma chance de engravidar sem a penetração e somente com a ejaculação? São extremamente declaradas as dúvidas e as perguntas dos adolescentes, portanto o professor precisa estar suficientemente preparado para se enfrentar com toda essa realidade, deixar as crendices e os folclores de lado e se firmar também com a ciência.

O adolescente pode sim ser responsável pelo seu comportamento sexual, mas isto, quando vive em condições quase que ideais, uma família “estruturada”, pais presentes, afetivos, carinhosos. O que não é a realidade da maioria das pessoas no mundo atual, então, o adolescente que é responsável, independente, que tem objetivos claros, é escasso, nem parece ser adolescente, isso, mesmo nas camadas mais abastadas, já que se percebe que os pais em geral nunca passaram tão pouco tempo envolvidos nos cuidados e educação de seus filhos como atualmente. Fato fortemente aliado ao ritmo de trabalho geral e ao trabalho feminino fora do lar.

III - O PAPEL DA ESCOLA

Neste capítulo pretendemos focar a questão do papel da escola diante do tema gravidez na adolescência, temos com isso, o intuito de abordar algumas formas de como se dá essa relação, e já que toda a relação apresenta uma certa assimetria, por mais que este desnível ora esteja de um lado da balança, ora de outro, ele sempre existe e certamente encontra-se permeado pelas questões de saber, poder e ética.

E para viabilizar este caminho de uma forma mais abrangente, abordaremos a *episteme*, que Foucault trata como um conjunto de relações que podem ser descurtinadas, para uma determinada época. E que cada época constrói uma maneira singular de olhar para os acontecimentos.

Foucault aborda ao longo de seu trabalho um mecanismo central das ciências sociais: a categorização das pessoas em normal e anormal, que se comportam de acordo ou em desacordo com as regras que as sociedades, as relações entre poder, saber e as ciências humanas definiram, cuidadosamente.

Desde o século XVIII, as diferenças entre normal e anormal usaram, e ainda usam essas definições para regular o comportamento das pessoas. Dois aspectos da teoria de Foucault tornaram-se evidentes em seus dois maiores livros dos anos de 1970: o primeiro colocando o poder enquanto relacionado com o conhecimento e o corpo em castigo e sexualidade e o segundo, o poder compreendido como, distinto da estrutura filosófico-jurídica presente no período iluminista, e sua ênfase no governo representativo. Brevemente, o poder cessa de ter qualquer conteúdo substantivo; e no lugar de ser possuído e centralizado, ele passa a ser visto como uma tecnologia.

Tecnologia essa que vem desde muito sendo utilizada em detrimento do interesse de poucos, deixando de lado a necessidade de muitos. A revolução sexual e a divulgação do

orgasmo provocaram no século XX uma grande transformação alavancada pelo capitalismo e pelas novas relações interpessoais estabelecidas.

Olhando por este viés, com menos intensidade do que algumas décadas atrás, a adolescente que engravida ainda sofre discriminação de todos os meios convive e a escola é um destes. Nos tempos antigos, o louco era aceito como parte integrante da comunidade, as pessoas doentes eram tratadas em casa. Ninguém esperava que figuras deformadas fossem tiradas do convívio social⁵⁸. O estudo da anormalidade é uma das mais importantes formas em que as relações de poder se estabelecem na sociedade.

Embora os loucos fossem apartados do convívio social desde o início do século XVII e embora a medicina passasse para o asilo a fim de tratar os mentalmente perturbados, o asilo havia mudado fundamentalmente quando Tuke e Pinell apareceram em cena para concretizar suas reformas, no final do século XVIII.

A medicina e a internação, assim começaram a aproximar-se uma da outra, não por causa de alguma grande descoberta médica, mas devido a dois fatores indiretamente relacionados: uma preocupação maior com os direitos individuais na esteira da Revolução Francesa e a transformação do asilo em um espaço de práticas terapêuticas, em vez de ser uma instituição unicamente punitiva. É muito provável que naquela época já existisse um fiapo de preocupação com o amontoado de pessoas que ao invés de melhorar só pioravam *trancafeadas* nos manicômios.

O louco também era aquele que não controlava sua sexualidade, que fazia o que queria e dizia o que pensava e sentia. E isso inclui também as questões genitais. No que diz respeito à sexualidade, nos conta Foucault que: "... no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo" as palavras eram ditas sem preocupação excessiva e, as coisas, feitas sem demasiado disfarce, onde se tinha com o ilícito uma tolerante relação de familiaridade.

Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade e da decência, se comparados com os do século XIX. Os gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos exibiam-se com gozo triunfal.

Da forma, como o autor aborda, se não observarmos, uma vírgula, podemos pensar que, as crianças estavam misturadas na sexualidade e o mais forte, na genitalidade adulta, sem incômodo ou desconforto, entre os adultos os corpos eram exibidos, expostos e ao

58 EIZIRIK, M. Poder, saber e práticas sociais. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v.37, n.1, p.23-29, jan./abr. 2006.

mesmo tempo em que isso era natural, aceito e até norma, diante da realidade daquele tempo.

Posteriormente, no século XIX dá-se uma guinada completa, quase como um “nada pode”, nem as palavras nem muito menos, as referências de prazer, de gozo, tudo tem que ser escondido, velado, proibido (mas gostoso), as crianças são puros, assexuados, por isso não há necessidade alguma de falar sobre “coisas feias” com elas, até porque são feitas somente pelos adultos.

“A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa”⁵⁹. E então a tradicional família conjugal a confisca. E com isso acaba por absorvê-la, inteiramente, na seriedade da função de somente reproduzir. A respeito de sexo, nada mais se fala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma e com isso detém a verdade, guarda direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto do casal. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril ou diferente insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções.

Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, elas precisam necessariamente acontecer noutro lugar, onde podem ser reinscritas ou lidas de outra forma, por exemplo, a concernente ao lucro. E é neste fora do quarto do casal que *se enquadra* a psicologia, a medicina, o prostíbulo, a escola e o *transar* entre os jovens, diferente do autorizado pelas regras estabelecidas, porque não acontece mais somente dentro do rendez-vous, nem é pago com moeda corrente.

O tempo passou, muito tempo passou, e pelo que tudo indica ainda não estamos liberados da tutela estabelecida nos séculos passados, certamente Freud muito contribuiu e ainda contribui imensamente para que possamos nos libertar das amarras estabelecidas pela moral judaico-cristã, que defendia que tudo tinha que ser falado, narrado e explicado para por ela ser julgado, condenado. Ou, na melhor das hipóteses ser absolvido se pagasse um preço alto em moeda corrente ou em espécie e promettesse que tal fato pecaminoso jamais se repetiria, por mais que fosse interessante para alguns que se o pecador pecasse novamente, de novo teria que pagar uma quantia considerável.

59 Idem

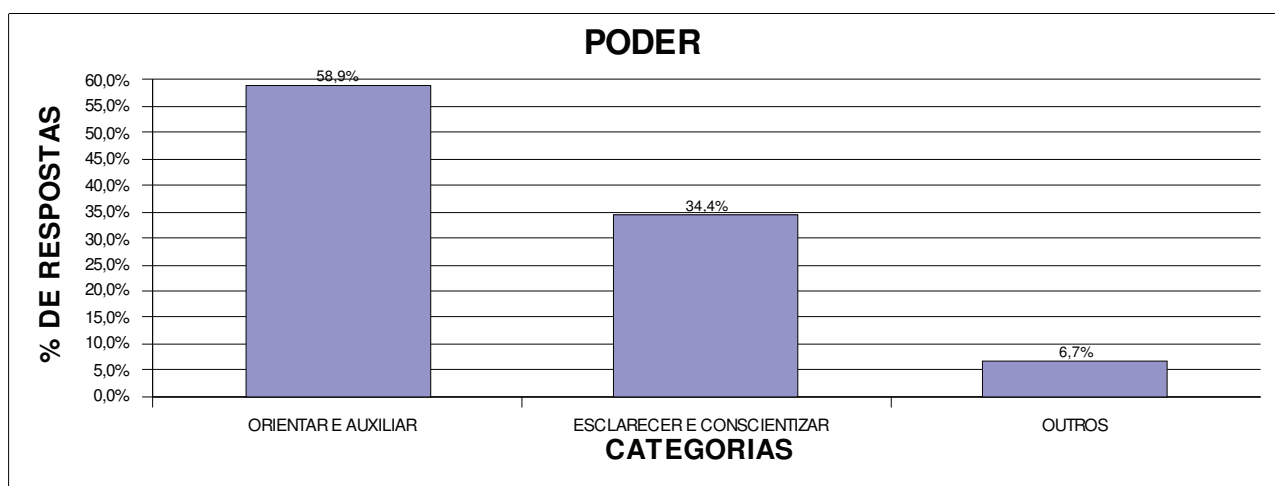
Mais ao final do século XIX a psicanálise entra em cena mais como uma reinscrição, ou melhor, como uma releitura daquilo que já se passou, auxiliando o sujeito a enxergar e esclarecer o alto preço que muitas vezes paga, por alguns comportamentos sexuais que estabelece, que pensa ter como bônus, somente lucro, gozo, mas que também pode ter um alto ônus, que ele nem sabe que paga.

Isto, porque é ou está inconsciente e este é um local que se o paciente não pagar ao analista, se não tiver o simbolismo do dinheiro envolvido, também não vai ter como acessar, porque é necessário que para o bom estabelecimento das questões de transferência e investimento o valor que custam as sessões devem significar boa parte do que o paciente tem como receita para administrar.

Somente assim, acontecerá a recordação e a repetição dos comportamentos de coitadismo, de arrogância, enfim aqueles que a pessoa se utiliza na tentativa de elaboração dos conflitos e sintomas. Este é um caminho possível em função da neutralidade do analista que interpreta e auxilia na tradução daquilo que é desconhecido pelo paciente, ou seja, por mais áspera que seja a agressão do paciente ao analista, este não deve entender como algo dirigido contra ele e sim contra o que ou a quem ele remete o paciente.

Surge então o questionamento, qual será a concepção que pais, professores e alunos possuem sobre o papel da escola em relação ao tema gravidez na adolescência? E também, como será que podemos contribuir com a formação dos professores, participação dos pais e maior envolvimento dos alunos para que estes possam discutir temáticas sociais?

As respostas encontradas na análise dos dados indicam que no total geral de pais, professores e alunos, a questão foi respondida da seguinte forma: 58,9% *orientar e auxiliar*, 34,4% *esclarecer e conscientizar* e 6,7% *outros*.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

Um dos principais objetivos orientação sexual na escola é o fomento de atitudes que envolvem o cuidado de si, preparando sujeitos autodisciplinados no que refere à maneira de viver sua sexualidade, sujeitos que incorporem a mentalidade preventiva e a pratiquem sempre. A sala de aula aparece como um espaço privilegiado para isso, seja devido aos conteúdos e dinâmicas de aula, seja pela relação que se estabelece entre professores e alunos.

O processo de organização da condição humana é uma permanente relação, que se dá entre o sujeito humano e a natureza, ou seja, a comunidade onde esse sujeito está inserido influencia no seu funcionamento e nas suas concepções de mundo. O homem define-se por essa capacidade de construir, a partir destes, uma grade de representação simbólica e institucional, que dá formas à sociedade e à cultura, aos ordenamentos ideológicos da vida social e aos produtos espirituais da prática social.

A educação é a dimensão mais expressiva dessa práxis humana, social e coletiva. Essa *realidade justifica a busca de referenciais filosóficos e práticas políticas de emancipação, capazes de avançar o debate teórico e os marcos institucionais e sociais de conjuntura, para vislumbrar seus condicionamentos e potencialidades estruturais*⁶⁰

Diante dos dados encontrados nesta pesquisa, podemos acreditar que o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola: a escola é apontada como um importante instrumento para veicular informações sobre formas de evitar gravidez e de se proteger de doenças sexualmente transmissíveis, chegando-se a ponto de afirmar que quanto mais baixa a escolaridade tanto das moças quanto dos rapazes, maior o índice de gravidez⁶¹. entre adolescentes. quanto maior a escolaridade, maior é a possibilidade dela aprender a cuidar de si mesma.

Os adolescentes e suas família experienciam as mais diversas situações no seu cotidiano, e dentre elas encontram-se vias de crescimento, mas também muitas escolhas destrutivas. Quando as crises ou dificuldades familiares acontecem, muitas pessoas procuram vias de solucioná-las ou amenizá-las. Mas, no entanto, outras se conformam com a situação gerando assim uma familiaridade ou banalização da violência, seja ela velada ou explícita, como agressões físicas, alcoolismo, uso de drogas ou até abuso sexual por genitores que residem na mesma casa.

Diante da notícia da gravidez de uma adolescente, algumas famílias mostram-se

60 NUNES, C. "ética, sexualidade e educação". In: GOERGEN, Pedro; Lombardi, José Claudinei (orgs.) Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas. Editora Autores Associados. 2005.p.103.

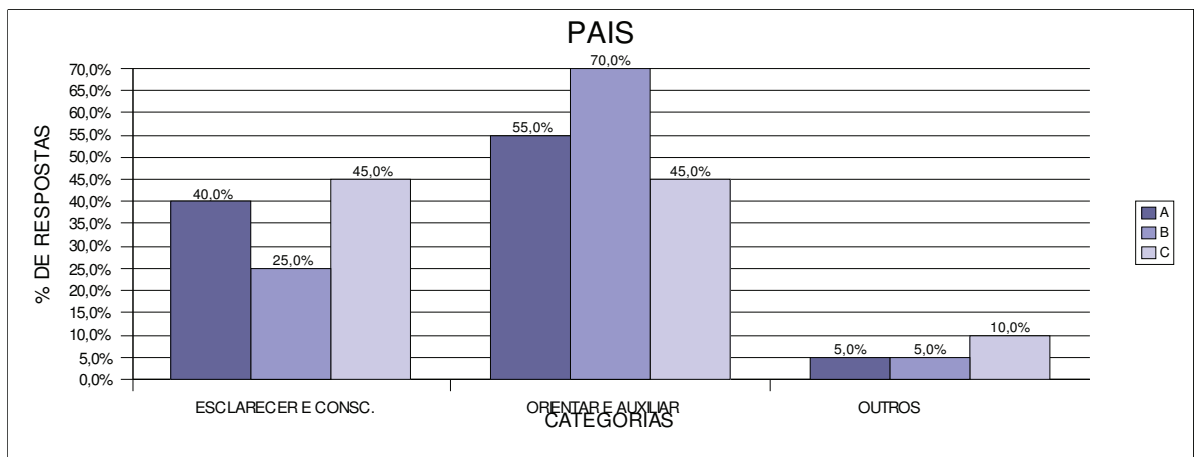
61 DIAS, A.; AQUINO, E. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 22, p. 1447-1458, jul, 2006.

acolhedoras, outras, no entanto são abandonadas por seus familiares e aí precisam pensar se passam a ter uma vida sub-humana mendigando ou se prostituindo para poder sobreviver.

Em contrapartida contar com órgãos sociais criados a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei n. 8.069, de 1990)⁶², que fornece uma diretriz específica para casos de reincidência dos maus tratos no meio familiar. Onde nesses casos, ou mesmo diante da suspeita, a adolescente é encaminhada para uma instituição, de forma temporária ou permanente, até que sua situação seja resolvida.

3.1 Pais

No total geral dos pais, as respostas oferecidas por eles foram que o papel da escola é: 56,7% *orientar e auxiliar*, 36,7% *esclarecer e conscientizar* e por último 6,7% *outros*.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

Pretendemos abordar este assunto da maneira mais neutra possível, para primeiramente observar o que surge e com Foucault poder traçar idéias a respeito e também possibilidades de intervenção junto aos sujeitos.

62 ANTONI, C.; KOLLER, S. Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. *Revista Psico*, v.31, n.1. p.1-178, jan./jul. 2000.

A discussão desse assunto pretende observar a sua *genearqueologia*, para posteriormente construirmos linhas de trabalho que possam explicitar componentes do *sintoma* social, chamado gravidez na adolescência, para que noutro momento possamos contribuir para a diminuição das alarmantes estatísticas que mostram grande crescimento no número de jovens que engravidam ainda em tão tenra idade. Para tanto precisamos saber quais os preconceitos, crenças, sentimentos, idéias ou ausência dos mesmos, que guiam ou provocam dúvidas aos sujeitos participantes da pesquisa.

Os pré-conceitos, eles são constitutivos, por exemplo, que o fogo queima, que o sol nasce de manhã e depois se põe no fim do dia, porque se nos questionarmos onde fica o limite entre preconceito, racionalidade e tolerância? Parece ao que tudo indica que esta medida surge a partir do convívio com um outro que pode responder o que lhe incomoda ou lhe agrada, mas aí se pensarmos onde fica a ética, será que ela é geral ou sempre relativa, contextualizada ou determinada?

Com vistas para isso, como vão se resolver pais, professores e alunos quando se depararem com uma sala cheia, com mais de trinta alunos, da geração do *filiarcado*, onde cada um pensa que pode tudo, que os seus valores é que são reais, como medear essa ciranda? Como amenizar tantos conflitos? Se todos os envolvidos carregam tantos questionamentos, como instaurar tolerância e racionalidade ali, naquele ambiente?

Mesmo assim, a escola como espaço público e de convivência apresenta-se, como via de acesso mais favorável. Acessível a pais, professores e principalmente alunos adolescentes, podendo ramificar essas informações e esses questionamentos e reflexões a todos os âmbitos da sociedade.

Com a aproximação da obra de Foucault vamos percebendo que se confirma cada vez mais, que o método, os questionamentos, a teoria se originam primariamente da curiosidade e da necessidade concreta para a compreensão histórica e real de acesso ao funcionamento do mundo, do corpo, das estruturas sociais, bem como, externas e internas de cada sujeito na constante busca de respostas.

No decorrer da pesquisa foi possível perceber que pais, professores e alunos apresentam muitos questionamentos sobre cuidados pessoais e também com o tema gravidez na adolescência e que a instrumentação intelectual pode favorecer muito o entendimento das funções sociais e também reguladoras que este fato carrega.

Ao mesmo tempo observamos que a condição social ou o saber intelectual não se apresentam como determinantes na relação entre pais, professores e alunos, existe algo além, que se passa nessa proximidade, porque condição financeira é diferente de ética e

ética é diferente de saber e também do que se pensa a respeito de ou do poder.

O autor trabalhou em prol de descortinamento de uma “analítica do poder” que apresentou, ao expor a organização histórica da mecânica do poder, seus pontos de ruptura, suas transformações históricas, cartografando as formas de constituição do sujeito contemporâneo. Então, a condição básica, para que a escola possa descortinar os jogos de poder existentes no funcionamento social, precisa primeiramente enxergá-los e conhecê-los para num período posterior auxiliar pais e alunos a descobrirem também esse funcionamento, identificando as peças que compõem esse jogo para conseguirem assim *jogar* de forma mais autônoma e mais distante da ignorância.

Pretendemos contribuir também para que pais e professores possam atentar mais sobre suas práticas discursivas, porque elas se instituem como instauradoras de enunciados para os alunos adolescentes, pois narram coisas, acontecimentos e sentimentos, que conseqüentemente instigam outros tantos que fazem parte do andamento da sociedade e de uma esperada evolução.

A explicitação de um pensamento em permanente evolução, sempre foi marca registrada de Foucault, ao passar por diferentes movimentos, sempre conduzido pela curiosidade, pela vontade de saber cada vez mais, não apenas sobre o saber, o poder, a ética, mas, sobretudo, pelas relações entre sujeito e verdade, e principalmente o sujeito com a verdade que desconhece existir dentro dele mesmo.

Quando pensamos em saber, torna-se inevitável não fazer referência a obra *a arqueologia do saber*, que é uma técnica para revelar como as disciplinas desenvolveram normas de validade e de objetividade, que se apresentam como “um cuidadoso escrutínio das exigências epistêmicas de uma disciplina, não como um instrumento prévio para rejeitar essas exigências”.⁶³ Mas, como um leque de possibilidades que podem nortear mais saberes. A cultura pode ser algo onde as verdades essenciais foram bem interiorizadas por cada um, caso contrário, aí, então se torna necessário exprimi-las verbalmente ou impô-las a partir da lei.

É claro que, em uma sociedade de direito, seria necessário que o *leque* de coisas não permitidas fosse explícito, mas as grandes crenças em nome de uma liberdade perfeita e também contra a idéia que as restrições são, por definição, o que devemos nos empenhar em fazer desaparecer, entra em choque aí neste momento.

Fazer desaparecer, porque geralmente as grandes crenças são cerceadoras da

63 GUTTING, G. *Michel Foucault's archeology of scientific reason*. USA: Cambridge University Press, 1993.

evolução, do crescimento e o enfrentamento com os conteúdos internos de cada sujeito. Como exemplo disso podemos ter a questão da promiscuidade ou gravidez na adolescência, por exemplo, onde os pais de adolescentes ou o próprio sujeito adolescente não consegue controlar e entender seus próprios impulsos, sozinho, ou pelos seus recursos internos e então se converte para uma religião onde não pode beber, fumar, dançar para evitar situações de risco.

Isso nada mais é do que fuga e contra-investimento. Seria mais autônomo se os adolescentes e suas famílias pudessem se dar conta e analisar que processos e funcionamentos o levaram a ter determinado comportamento, para se livrar do que? Da angústia, do medo, do abandono, da raiva, enfim, isto é que precisa passar pelo entendimento e não “fugir” das situações de risco e continuar sem entendê-las, porque a constituição psíquica não é algo limitado somente ao comportamento.

Porque quando a pessoa não tem a lei introjetada, buscar alternativas de lei, de imposição, podem lhe dar uma certa segurança, mas, em contrapartida uma grande submissão e isso é que pode se tornar perigoso, a alienação, o discurso decorado e o fazer aquilo é imposto sem que se possa questionar, nem pensar no que se faz ou a serviço de quem, isso possa estar.

Coloco fugir entre aspas, porque é ilusório pensar que se pode fugir de algo que está dentro de si. Por isso, também que se alastra de forma assustadora a venda de medicamentos. Sendo assim, as pessoas passam a usar drogas teoricamente legalizadas, os remédios *faixa preta*. Que não é à toa, que apresentam essa cor de faixa.

A verdade é o produto de um sistema de exclusões, é uma rede, uma episteme, que define o que pode, e o que não pode ser falado. O que pode e o que não pode comercializado, sentido, enfim descortinado.

O comportamento sexual, os parceiros escolhidos e a permissão ou impedimento da gravidez passam por este viés. As atitudes adotadas pelos jovens estão intimamente relacionadas à forma como foram cuidados ou não, valorizados ou não.

A sexualidade retrata um aspecto muito importante da condição humana. Pessoal e social. Trata-se de um espaço interno que toma corpo, cria forças e se expressa no mundo. Por isso se faz necessário uma corporeidade consciente Surgindo assim a necessidade e a dificuldade de uma “democracia cognitiva” que nomeie e situe essa sexualidade.

A introdução de uma regulação ética nas ciências exige uma nova consciência, uma reforma do pensamento entre os cientistas e os cidadãos. Quando levado em conta este aspecto, podemos pensar que somos produtos e também produtores, de toda e qualquer

situação, pois estamos inseridos numa vida globalizada, interligada e dinâmica.

Podemos pensar também como condutores de parte da sociedade, isto tudo para não ficar estagnado pensando como expectador do mundo, como o sujeito que fala: *existe uma conspiração oculta que faz a economia e o mundo girar e que nada podemos fazer para modificar isto*.

Conforme o exposto, existe a necessidade de uma potencialização dos elementos de toda e qualquer crise num sentido positivo de legitimar as opções de tomada de posição social que estão em *nossas mãos* para poder sair, de um lugar apático, como coloca Diehl⁶⁴, do *lamento pessimista das carpideiras*, que choram no enterro daquilo que acham que não têm forças para se organizar e provocar mudanças que signifiquem a sua posição.

Sendo que a família, a escola, a sociedade mais ampla, fornecem à criança o repertório de representações da sexualidade, que é parte constitutiva do ser humano, é algo que se aprende e exercita em sociedade. O comportamento sexual envolve muito mais elementos do que se pode imaginar, não é somente um interjogo de forças ocultas, inconscientes que lutam entre a satisfação e a frustração é também ter consciência do que se faz, a maneira que se vê cada experiência vivida e o valor que se atribui a cada uma delas.

Para que tenhamos responsabilidade em relação aos nossos atos e às conseqüências dos mesmos, se faz necessária uma consciência na qual o afeto, o amor, o desejo e as relações sexuais sejam valorizados, permitidas e aceitas, para que possam ficar num lugar não tão temível ou assustador, em que são colocadas boas partes das coisas que envolvem sexualidade.

É uma construção pessoal marcada por regras sociais que vão sendo rigorosamente introjetadas pelo sujeito de forma singular, conforme cada um vê o mundo, e nisto consiste também a riqueza das diferenças, que devem ser o exercício de cidadania, tolerância, racionalidade e jamais obstáculos para a convivência em grupo.

Os trabalhos que podem ser realizados com pais devem ter um referencial motivador de reflexão sobre os relacionamentos estabelecidos e as funções exercidas entre a comunidade escolar, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares.

O trabalho de orientação sexual deve, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e

64 DIEHL, A. *A ciência e o espírito da tragédia*. In: IDEM. *Ciência, política e universidade*. Passo Fundo: Clio, 2001. p. 9-26.

como parte ativa em todas as outras disciplinas do currículo. Todas as disciplinas, em algum momento se interligam e se fazem umas às outras.

Este tema deve ser tratado ao longo de todos os ciclos de escolarização, principalmente a partir da quarta série, devido à antecipação que tem ocorrido referente ao período de menstruação e à precocidade geral da sexualidade ativa entre os jovens. Isso indica a necessidade de intensificação dos trabalhos de orientação sexual na escola a partir deste momento.

Para que os resultados da prevenção da gravidez na adolescência possam ser *orientação, esclarecimento e conscientização* da vida e para que esse resultado possa ir *além muros*, os pais e a comunidade em geral precisam ser convocados e estarem envolvidos nesse processo, para que como numa ramificação, a prevenção e a conscientização possam ir se construindo e se enraizando na mentalidade das pessoas. Os pais relatam que em relação à gravidez na adolescência, tudo depende muito da comunidade com que ela convive.

Alguns dos pais da escola B colocam que atualmente observa-se a gravidez na adolescência como um fato muito comum, que todos convivem tanto na escola como na família estão procurando aceitar e apoiar. Que sabem que existem ainda pessoas que demoram aceitar, mas as grávidas estão tendo mais apoio muito mais apoio e menos preconceito do que tinham no passado. E o preconceito quando existe, geralmente está associado à pessoas de mais idade, como avós e tios, que ficam e se sentem muito incomodados com a situação.

Este incômodo com a situação pode estar aliado ao quanto essas idosas sofreram no passado em função de terem engravidado tão cedo por desconhecerem métodos anticoncepcionais que praticamente inexistiam na sua juventude, por terem sido obrigadas a casar muito cedo, ou ainda por inveja de o quanto a adolescente que engravida atualmente pode sofrer menos preconceito do que antigamente.

De acordo com regras culturais e socialmente transmitidas pela tradição patriarcal e conservadora, portanto, existem ainda muitos preconceitos num relacionamento amoroso, num casamento, os homens devem ter trabalho, ser mais velhos e mais altos que as mulheres. Então, os casais que ferem a regra como, por exemplo, engravidarem durante o período da adolescência, tendem a serem estigmatizados, objetos de gozações, críticas, comentários que vão desde o tom de brincadeira ao tom de maior violência.

E que em todas as classes sociais existem pessoas que aceitam com naturalidade o fato da gravidez na adolescência e em contrapartida para outras é como se *o mundo fosse*

acabar, talvez o mundo dos planos realmente se acabe, o mundo ideal para passar para o mundo real, e que, depois de feito o ato, não há mais nada o que fazer para reverter essa situação. Isto quando não pensam ou fazem aborto.

Outro fato que chamou a atenção durante a análise das respostas é que somente uma professora da escola A, que se identificou na folha de respostas, colocou que devido a todas as conseqüências perigosas e todo o preparo emocional que necessita para ser mãe, ela se coloca a favor do aborto. E também uma aluna da escola C, colocou como curiosidade, quais são as formas de aborto?

Quando programei a pesquisa imaginei que pelo título do tema: gravidez na adolescência, essas questões sobre aborto pudessem vir muito mais intensas, mas, muito pouco apareceram, não sei se pelo fato de o aborto ainda que clandestinamente aconteça, é proibido por lei, porque é considerado pecado pela igreja católica, ou ainda por tantas outras crenças. Enfim segue o questionamento e podemos também pensar que o aborto pode não entrar na ciranda dos discursos por não estar publicamente autorizado, permeando assim questões de poder, saber e ética.

Muitos pais colocam que depois de feito o ato, eles acreditam que esta adolescente deve assumir as responsabilidades, uma vez que devido ao esclarecimento que tem em casa e o que a escola oferece, esta jovem já deveria saber das conseqüências e dificuldades que poderia ter. A família deve apoiar e a escola também. Porque é uma vida que está por vir. Os pais manifestam cuidados com a vida da adolescente, já que o aborto sempre coloca em risco a vida da gestante.

Nas respostas dos pais da escola A apreçem mais nitidamente as expressões de preocupação com o valor da vida. Não que isso nos faça pensar que os pais da escola B e C não se preocupem com a vida, mas, pelo que tudo indica, a capacidade de registro escrito dos pais A, é mais clara em função de que tiveram acesso aos meios de entendimento, mais anos de estudo e uma melhor condição financeira.

Isso então, se reflete para tratar de questões mais simbólicas e que envolvem a vida e os planos futuros para seus filhos. Percebemos também, o quanto pode ser aterrorizadora a notícia de gravidez na adolescência para os pais da escola A, isso pode estar aliado a que os planos de continuação dos estudos, carreira e vida profissional para a adolescente da escola A estão geralmente delineados e alinhavados, fato muito diferente na vida das adolescentes da escola B e principalmente das da escola C.

Na escola B, pudemos observar uma mescla de classes sociais, níveis sócio-econômicos e interação durante a realização da pesquisa, onde alguns pais manifestaram

maior desejo que os filhos façam um curso superior e outros nem tanto, isso independente de classe sócio-econômica, pois uns que pareciam ter menos condições financeiras explicitavam maior envolvimento e preocupação de como poderiam auxiliar no custeio dessa faculdade ou quais as vias a serem utilizadas como Exame do Ensino Médio, bolsa social e crédito educativo.

Na escola C, observamos que curso superior era algo praticamente distante, se ouvia rumores sobre cursos técnicos, sobre terminar os estudos, quando alguns pais se referiam á conclusão do ensino médio ou ainda que raro, sobre aqueles alunos que apresentam rendimento bem acima da média, nesses casos os professores relatavam que fulanos ou cicranos são uns dos poucos que apresentam chances de encaminhamento para algo melhor.

O diálogo com os pais da escola C, praticamente não existiu, foi algo muito rápido e muito cheio de desconfianças da parte deles, pelo que foi possível perceber, pareciam se sentir mal em estar sendo observados ou em conversar com alguém estranha à comunidade e supostamente sabedora de alguma coisa.

Alguns pais colocaram outros elementos que não se encaixam nem como aceitável nem como difícil, fizeram comentários daquilo que pensam, que é um problema social, que precisa existir mais diálogo entre pais, professores e alunos adolescente para que a gravidez na adolescência não aconteça num nível tão elevado como este que se apresenta atualmente, ou seja, que todos os envolvidos precisam mudar alguma atitudes.

No espaço doméstico, os pais atribuem seus próprios valores às manifestações referentes à sexualidade, por meio das mais variadas posturas. Alguns reconhecem como legítimo o desejo da criança, outros o consideram nocivo, errado. E de como se dá esse convívio é que vai depender a saúde emocional deste *serzinho*.

Se levarmos em conta que este outro *serzinho* para se constituir precisa receber negações, mas também muitas afirmações, sendo que a moderação entre autorizar e negar é o que medeia a constituição da possibilidade de a criança passar do princípio do prazer para o princípio da realidade. Essas manifestações também acontecem no âmbito escolar e é necessário que a escola, se posicione clara e conscientemente sobre referências e limites com os quais irá trabalhar as expressões de sexualidade dos alunos.

Se for pertinente ao espaço da escola, o esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade, é importante que a escola contribua para que a criança discrimine as manifestações que fazem parte da sua intimidade e privacidade das expressões que são acessíveis e permitidas ao convívio social.

E principalmente que os pais possam respeitar aquilo que é determinado na escola, porque onde o convívio é social, onde a interação envolve um grupo, uma série de regras que precisam ser estabelecidas para o bom andamento das atividades. Por isso, a importância e a necessidade de a comunidade escolar participar e se envolver na constituição das regras da instituição onde seus filhos irão participar, porque aí todos ficam implicados e poucos podem dizer que isto ou aquilo é imposição arbitrária.

É preciso ter jeito, ter conhecimento de causa para poder ser aceito pela população, tão acostumada a sofrer, a suportar mandos e desmandos. Então, para que se alcance um resultado efetivo nos trabalhos com populações, é preciso fazer um estudo ou fazer parte, de alguma forma desta comunidade. Foucault defendia, que precisamos fugir do dogmatismo, porque o maior desafio está no processo de desenvolvimento de uma posição, postura ou entendimento e não unicamente em defender esses pontos de vista. Portanto, é fundamental, o treinamento de líderes comunitários na divulgação de projetos e no convite e esclarecimento da comunidade a aderir ou não ao mesmo.

A maioria dos pais coloca que a função da escola é *orientar e auxiliar* os alunos para que não ocorra a gravidez na adolescência. Que este papel é muito importante, principalmente quando os pais ou a família não conseguem ou não têm como efetuar este papel.

Outros pais, com um percentual também significativo, afirmam que a função da escola é esclarecer e conscientizar os alunos, trazendo informações que possam sanar suas dúvidas através de debates e discussões que provoquem a construção de valores e o autoconhecimento. Este movimento pode ser viabilizado através de dinâmicas de grupo em sala de aula e ser realizado pelo incentivo e pela motivação, para que os adolescentes possam criar planos, traçar metas e acreditar que podem alcançá-las.

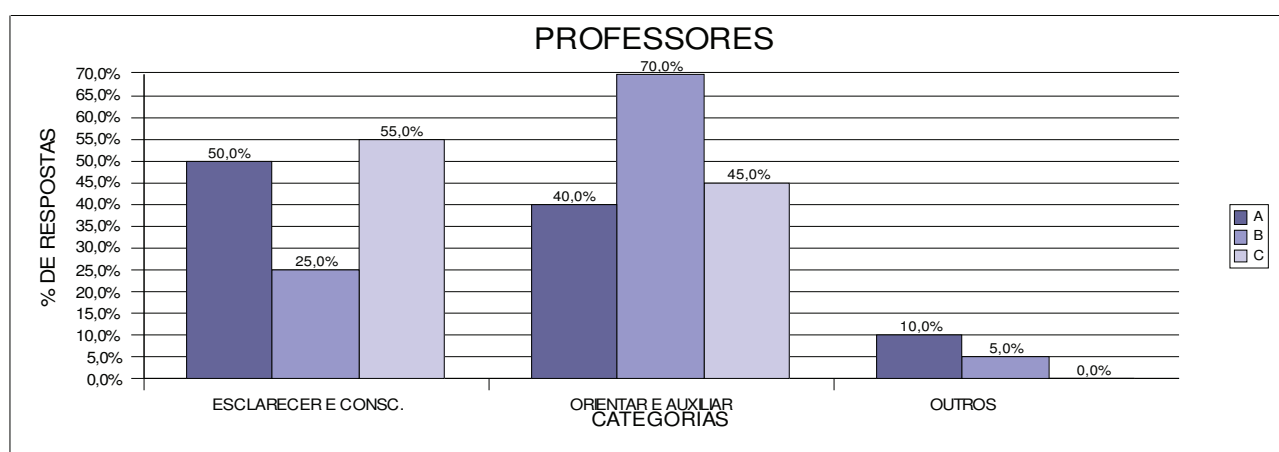
Alguns pais colocam, que estão muito satisfeitos com a escola, que esta tem ofertado grande número de informações, bem diferente da sua época. Então, que a escola já está fazendo a sua parte, só resta assim, alguns pais fazerem a sua, que é cuidar as companhias, colocar horários para estudar, para chegar em casa e cobrar que os adolescentes tenham responsabilidade com as suas atitudes. 10,0% dos pais A colocam outros, como por exemplo, que a escola não tem função nenhuma em relação à prevenção da gravidez na adolescência. Estes pais colocam-se inteiramente responsáveis pela educação sexual de seus filhos e frisam que o comportamento sexual que os adolescentes apresentam, encontra-se muito mais aliado aos valores que têm introjetados do que somente ao número de informações que possuem sobre sexualidade.

As práticas escolares reproduzem concepções conservadoras que não dão suporte à orientação sexual, pela sua visão burocrática de intervenção. Essa pretensão reproduz uma visão autoritária de educação, ao privilegiar os canais burocráticos como mediação e ao mesmo tempo como imposição. E este funcionamento só vai mudar quando os pais, também de forma flexível puderem se dispor a participar de maneira ativa da organização escolar. Participar para trabalhar e não somente para cobrar, aí o funcionamento geral da educação pode ser muito mais efetivo.

Nem sempre se leva em conta que, se a escola é aparelho de reprodução é, também, espaço de contrariedade, de atrito em função de ser um lugar onde se formam agrupamentos de sujeitos que possuem diferentes concepções de mundo. As diferenças podem e devem permanecer, mas os atritos e os extremismos também podem e devem desaparecer para que pais, professores e alunos adolescentes possam desenvolver a partir do espaço escolar uma convivência mais tolerante e racional.

3.2 Professores

Os professores acreditam que a função da escola é 51,7% *orientar e auxiliar*, 43,3% *esclarecer e conscientizar* e por fim, 5,0% *outros*.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

Na escola, teoricamente podemos identificar: um lugar para cada pessoa, cada papel, cada função, uma para o professor, outra para o aluno e ainda outra para a direção,

todas com os seus respectivos sinais e instrumentos de poder: avaliação, controles, regras, normas e estratégias⁶⁵. Mas, na prática, o funcionamento se mostra um tanto mais entrelaçado.

Se lançarmos um olhar para outras instituições, também podemos ver o controle das atividades, dos corpos, dos tempos, dos resultados, dos ditos e dos não ditos, dos possíveis e dos impossíveis, com dispositivos determinando possibilidades e interditos.

Para além das instituições, ou mesmo por via das mesmas, encontramos dispositivos regendo relações entre pessoas, atitudes, comportamentos, e também *de si* para consigo. Podemos ver aí, também reflexos e implicações desses diferentes “aparatos” que apresentam veias políticas, ideológicas, filosóficas e religiosas.

A evolução dessa investigação conduz Foucault aos estudos sobre a ética, ou seja, como o saber e o poder contribuem para a compreensão da constituição do sujeito contemporâneo⁶⁶. Como um processo sempre em construção, a subjetividade é a relação consigo, que se estabelece através de uma série de procedimentos que são propostos e prescritos aos indivíduos, em todas as civilizações, para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la, em função de algum objetivo.

Desta forma, os professores podem enxergar claramente a amplitude e a responsabilidade da função que podem exercer, no sentido de colaborar com a formação da identidade, do caráter, das atitudes e das experiências dos sujeitos alunos adolescentes.

Entre as ciências, quando as mesmas são vislumbradas pela via da regularidade discursiva, da compreensão da forma como esta regularidade se construiu e também através da compreensão das formações discursivas com fragmentos de discursos e elementos de uma realidade à qual estes são pertencentes. Compõe-se assim, a episteme como um campo acessível de possibilidades históricas também ao curso de saber.

No sentido de esclarecimento as práticas pedagógicas constroem e medeiam a relação do sujeito consigo mesmo. Nesta relação, se estabelece, se regula e se modifica a experiência que a pessoa tem de si mesma. A experiência de *si* é, segundo este autor, o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade.

Desse modo, a educação, além de construir e transmitir uma experiência “objetiva”

65 EIZIRIK, M. COMERLATO, D. 2005. *A escola (in) visível: jogos de poder, saber, verdade*, 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

66 EIZIRIK, M. Ética e o cuidado de si: Movimentos da subjetividade. *Educação, Subjetividade & Poder*, 4, 36-43. 1997.

do mundo exterior constrói e transmite também a experiência que as pessoas têm *de si* mesmas e dos outros como 'sujeitos'. Isso, no que se refere a pais, professores e alunos adolescentes.

Foucault chama, de *dispositivo pedagógico* qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. Os dispositivos pedagógicos podem, portanto, ser pensados como constitutivos de subjetividades e de humanização.

Isto pode ocorrer de forma emancipatória, se o professor puder abandonar a visão de certo e errado e, além disso, puder colocar de lado a necessidade de *narcisização* como se pudesse bancar o saber que o aluno ainda não tem ou necessita. Ou seja, ensinar sem a necessidade imediata de reconhecimento ou elogio.

O professor precisa funcionar como *clareador* de idéias não como sujeito suposto saber, abandonando a sua suposta onisciência e também onipotência em função do brilho do saber que, os alunos podem vir a descobrir que têm também dentro de si.

Este processo funciona também muito semelhante ao de maternagem, porque assim como a mãe cuidadora que atende às necessidades do recém-nascido, depois que o bebê começa a crescer esta mãe precisa lhe apresentar algumas regras, mas também precisa ver que esta criança é um ser não simbiótico, que precisa se independizar, que tem vontade própria e o direito de ser e sentir deferente daquilo que a mãe pensa ser o melhor para ela e para essa criança.

O tema orientação sexual não tem apenas um caráter informativo, mas, sobretudo um efeito de intervenção no interior do espaço escolar. Concebido como tendo uma função transversal que atravessa fronteiras disciplinares, ele se dissemina por todo campo pedagógico e funciona de forma a expandir seus efeitos em domínios dos mais heterogêneos.

No trabalho com crianças, os conteúdos devem também favorecer a compreensão de que o ato sexual, assim como as carícias genitais, são manifestações pertinentes à sexualidade de jovens e de adultos e não de crianças. Esse trabalho deve ser algo desenvolvido até em função de diminuir a malícia que pode existir a respeito desse tema, que se bem conduzido pode levar à maturidade e naturalidade das vivências, gerando assim mais responsabilidade e autonomia das partes envolvidas.

A partir da puberdade e das transformações hormonais ocorridas no corpo de meninos e meninas, é comum a curiosidade e o desejo da experimentação erótica a dois. É a partir da puberdade que a potencialidade erótica do corpo se manifesta sob a primazia da

região genital, expressando-se na busca do prazer.

Dessa forma, movimenta a escola, através de práticas pedagógicas diversas, a construir e a mediar a relação do sujeito consigo mesmo, de modo a fazer com que o indivíduo tome a si mesmo como objeto de cuidados tendo assim *o cuidado de si*, alterando comportamentos entre o cuidado consigo e o envolvimento e a capacidade que querer e também poder cuidar do *outro*.

Além disso, esse *poder e*, cuidar do *outro* deve estar permeado não pela submissão da vontade deste outro já que foi ajudado, mas auxiliar o outro a fazer o que ele almeja, sem subjugar-lo nem submetê-lo a nenhuma *dívida de gratidão*.

Na escola A os professores parecem estar mais atentos para suas práticas discursivas, ficam atentos ao que falam, pensam nas conseqüências de seus atos, sabem que correm o risco de serem demitidos caso não agradem à direção, aos pais ou aos alunos, então parece que aí se esboça não só temor ou tensão, mas, mais atenção àquilo que pensam, fazem ou falam.

Na escola B, que é estadual, os professores são concursados, então a realidade se apresenta bem diferente, muitos exercem um bom trabalho, mas outros manifestam impulsos que não são observados na escola particular.

Não em geral, mas alguns reclamam inclusive em sala de aula, com os alunos, falando mal do salário que ganham, do governo que ora está no mandato, e até por vezes dirigindo agressões verbais, morais e éticas contra os alunos, falando mal de seus pais ou da realidade de onde são oriundos, como o bairro onde moram, a profissão dos pais ou outras coisas que tornam a relação turbulenta e agressiva, provocando mistura de papéis e invasão de privacidade, chegando até à exposição ao ridículo para ambos.

Na escola C, que é municipal, os professores também são concursados, mas, por ser uma escola menor que a escola A e B, a maneira de trabalhar parece ser menos agitada e mais próxima entre todos, como o salário é um tanto melhor que os da escola B, as reclamações aparecem muito mais tímidas e na maioria das vezes são menos intensas.

Essas descrições visam tornar a realidade dos professores um tanto mais clara, julgar o comportamento de professores, pais ou alunos, mas isso é o que foi se apresentando no transcorrer das visitas às escolas durante a realização da pesquisa.

Diante disso, uma das possibilidades iniciais de trabalho a ser desenvolvido junto ao grupo de professores seria convidá-los a pensar sobre suas atitudes e suas práticas discursivas, fazer uma devolução do que percebemos e construir reflexão tendo Foucault como norteador. Porque muitas vezes os professores “despejam” sobre os alunos as suas

dores, por muitos motivos, tais como: sobrecarga de trabalho, ansiedade, dificuldades emocionais e financeiras.

Ainda, o mais grave de todos os problemas se instala pelo fato de os professores não conseguirem se dar conta de que aquilo que falam para os alunos se torna prática discursiva construtora de idéias e além de tudo os destitui de seu papel de cuidador e de autoridade porque abre precedente para um xingamento no mesmo nível e daí para a agressão física é uma linha muito tênue.

O encontro formal entre o professor e o aluno pode se constituir em ato pedagógico⁶⁷, ou nem tanto, dependendo assim, da especificidade das atitudes de cada um dos envolvidos nessa relação. Se pensarmos nisso, podemos observar que a relação professor-aluno invariavelmente deixa marcas, então, almejamos contribuir para que estas marcas sejam internas, constitutivas de humanização e impregnadas de afeto positivo.

Este momento de contato entre professor e aluno pode constituir um ato de mera representação física onde um fala e outros escutam, sem que se efetive um diálogo ou interação entre as partes ou então irem todos muito além, porque ensinar requer compreensão de que o aluno é um sujeito capaz de aprender e que, para isso, conta com o professor para orientá-lo, a instigá-lo a colocar seu saber para fermentar com os demais e assim se constituir interação, troca e acréscimo de saberes.

Há muito tempo, pode-se perceber a necessidade de que os educadores de modo geral, sejam mais preparados, para que possam atender à demanda existente por parte dos educandos e de suas famílias, isso no que diz respeito à necessidade de saber e poder falar sobre aspectos primordiais da vida humana. Tais como: conhecimento do próprio corpo, planejamento familiar, planejamento de carreira, sexualidade humana, já que ela nos faz, nos constitui em boa parte determina a qualidade de vida que teremos. Já que a educação tem como finalidade a inclusão do cidadão, no meio político, econômico e social. E o professor é peça-chave para que se abram as portas do conhecimento.

Portanto a exclusão é muito dolorosa e também muito mais danosa do que a não inclusão, pois esta última pode ser justificada na falta de oportunidade para mostrar o próprio potencial, e a primeira, expõe o fracasso e o insucesso, diante da tentativa. Nesses casos, a auto-estima fica, tocada, afetada, podendo ser um fator de motivação para superação, no caso de pessoas que suportam sofrimentos e conseguem crescer diante dos desafios, entretanto, para outras pode representar um ponto final, ou a certeza da

67 GIESTA, N. Pedagogia universitária na FURG. *Enciclopédia de Pedagogia Universitária*. v.1. Marília Costa Morosini. (et. al) Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.

impotência diante do gigantismo da “dificuldade”.

E, é nesse empasse que se encontram, os jovens, quando chegam ao ensino médio e se perguntam se terão forças para enfrentar a *luta* por uma vaga na universidade, se farão um curso técnico ou se vão ficar no subemprego para o resto de suas vidas? E é nessa hora também que surge o *perigo* de uma gravidez não planejada, como justificativa, que acaba sendo motivo para dar conta de que a jovem não tem como estudar porque tem que cuidar ou sustentar uma criança pequena.

O professor que tiver clareza e discernimento de seu papel diante da educação está também consciente de seu compromisso com a aprendizagem de seus alunos. Uma aprendizagem que lhe atribua segurança em colocar em prática os conhecimentos adquiridos para observar, analisar e sintetizar as leituras diante dos acontecimentos, ou seja, ter capacidade de discernimento para não ficar somente no nível do senso comum, ir além, muito além.

Esse além inclui capacidade de inserção no competitivo mercado de trabalho e também *cuidado consigo* na sua conduta e em seu comportamento social, que este comportamento seja adequado conforme as exigências do meio onde este ser humano convive. Já que, o aumento do desemprego nos grandes e pequenos espaços urbanos afeta parte significativa da juventude, assim como a pessoas de todas as idades, então se faz cada vez maior a necessidade de o jovem permanecer por mais tempo estudando para que possa ter melhor qualificação na disputa pelo emprego.

Acrescenta-se a isso, o maior treinamento e preparo dos professores para que possam tornar a escola cada vez mais atrativa e construtora de cidadania e identidade dos alunos. Isso pode ocorrer se for ladeado pela valorização profissional do professor, para que não exista somente acréscimo de salário, mas sim, também melhorias gerais em qualidade de treinamento, melhor estrutura física das escolas e maior informatização das mesmas.

Na categoria: *orientar e auxiliar*, os professores colocam que a escola tem a função de fornecer informações sobre todos os assuntos que façam parte da vida de seus alunos e também encaminhar para órgãos ou profissionais competentes que possam auxiliar na melhora daquilo que está causando sofrimento ao aluno ou à família do mesmo.

No entanto, para que o professor consiga observar, se debruçar e perceber que determinado aluno apresenta dificuldades e precisa ser encaminhado para atendimento específico, este professor tem primeiramente estar com parte pelo menos, de suas angústias silenciadas e suas necessidades de certa forma, atendidas, para que consiga alcançar uma

sintonia que proporcione o atendimento necessário para este aluno.

O auxílio vindo do professor pode contribuir para que o aluno tenha uma idéia ou realize planejamento futuro na vida e este também é um dos objetivos da escola como prevenção da gravidez na adolescência, porque acesso e conhecimento aos métodos anticoncepcionais, a imensa maioria dos adolescentes já tem.

Algo muito além de teoria precisa se passar na relação professor-aluno, as relações efetivadas através do ensino são compostas por muitos elementos. São atitudes, gestos, olhares, ausências e muitos questionamentos, que conseqüentemente provocam reações individuais, mas que correspondem ao espaço em que se originam e se proliferam. Portanto *orientar e auxiliar* os alunos no *cuidado de si*, na construção de planejamento nos estudos, o que pretendem fazer no vestibular, o que querem ser profissionalmente, se primeiro precisa fazer um curso técnico para depois tentar cursar uma faculdade. Isso tudo é educação.

A conquista ou o fracasso do trabalho do professor depende do resultado que se dá na relação deste com os alunos, não há uma linha demarcatória que determine o que é do professor, o que é do aluno, porque tudo se enlaça, se entremeia e sem necessariamente precisar invadir.

A relação professor-aluno pode se dar com autoridade, mas sem autoritarismo, sem abuso de poder ou qualquer outra situação danosa, os limites devem existir, mas ao mesmo tempo precisam ter flexibilidade e maleabilidade para atender à demanda dos alunos, que são provenientes cada um de uma família que tem seu próprio funcionamento, suas regras, suas posturas ou mesmo ausência das mesmas.

O professor é um tradutor, um comunicador. Em cada atitude para com o aluno, tem a intenção de informar, orientar na aprendizagem de algo novo, questionar, desestabilizar, mobilizar processos cognitivos e desacomodar conceitos para que o aluno possa buscar outros. Porém, isso acontece numa relação direta com o significado que cada um atribui a determinados fatos, que pode permitir a apreensão da informação e a sua utilização em níveis de complexidade crescente, conforme o grau de escolaridade e a capacidade de associação de conteúdos com as vivências cotidianas.

De maneiras diversas, meninos e meninas também exercem formas de controle uns sobre os outros, bem como escapam e resistem a este poder. Então, quando o professor está atento e possui a capacidade de resolver conflitos e provocar questionamentos que levam ao esclarecimento, os *alunos problemas* podem passar de problemas, para fortes aliados, já que estes últimos geralmente exercem capacidade de liderança sobre a turma.

As soluções para os problemas de sala de aula estão dentro da mesma, só que nem sempre as partes constituintes dessa trama, sabem disso, o problema é de relacionamento e não somente de estrutura física como muitas vezes se ouve falar. Claro, que é preciso o mínimo de estrutura e acomodação nas salas de aula, mas as questões internas precisam se desenvolver juntas e estarem suficientemente acomodadas para que ocorra com sucesso o processo de ensino-aprendizagem.

A estrutura externa dos educandários e o aparelhamento de informática não resolve todos os problemas da educação, por mais que possa ser uma excelente via para que as opções de ensino fiquem mais diversificadas e mais atraentes para quem ensina, para os alunos e toda a comunidade em geral.

Quando a comunidade escolar é convidada de forma acolhedora pela escola, aí passa a existir um encadeamento, uma conscientização de que o patrimônio público é público porque todos podem usufruir o mesmo. De nada adianta construir grandes centros de esporte ou de informática na periferia, se antes não for feito um enorme embasamento conscientização para que o mesmo e a quem este irá servir. Senão será destruído dentro de pouco tempo.

Dizer que o povo não tem cultura não resolve os problemas de vandalismo, é preciso que possamos contribuir com emancipação de crianças, jovens e adultos rumo à civilização e independização, senão assim os programas governamentais ou as organizações não governamentais não conseguem passar de assistencialismo perpetuador de miséria, marginalização e ignorância.

Portanto, a preparação dos professores que trabalham cotidianamente com os alunos não é apenas oportuna como estrategicamente necessária para a constituição de relacionamentos entre pais, professores e alunos, que estejam adequados aos princípios de qualidade institucional e convivência democrática que almejamos para nossas escolas e também a todo o conjunto da sociedade brasileira.

No campo da produção acadêmica na graduação e na pós-graduação em educação, na saúde e nas ciências já existem sinais de um progressivo aumento da pesquisa em torno de temas considerados emergentes. Então, precisamos buscar arqueologicamente o *como*, sendo um método próprio à análise da discursividade local e genealogicamente o *porque*, na medida em que ativa os saberes libertos da sujeição, que emergem dessa discursividade.

Se pensarmos assim, o fato de reunir grupos e “colocá-los” para falar já faz com que se escutem e escutem ao *outro* e conseqüentemente façam emergir o funcionamento e com isso realizem descobertas nessa discursividade.

Muitos desses temas elaboram objetos de investigação que procuram enxergar o educando em perspectivas mais alargadas que a do simples sujeito institucional que se evidencia na categoria de aluno. Mas sim como cidadão, como profissional e principalmente como ser humano portador de psiquismo e vontade. A escola deve transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a elas associados.

O tema sexualidade é concebido e tratado sob diversos ângulos, não se reduz à questão biológica, mas inclui as dimensões culturais, afetivas, emocionais e sociais. Amplia-se, assim, a própria concepção do que é aluno e da instituição escola, ao referir o seguinte: se a escola que desejamos deve exercer uma ação integradora das experiências vividas pelo aluno, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento.

Então, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à saúde, ao prazer e ao bem-estar; que integre as diversas dimensões do ser humano neste aspecto. O dispositivo da sexualidade perpassa espaços escolares, instaura regras e normas, estabelece mudanças no modo pelo qual os indivíduos dão sentido e valor cultura, à sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos e sonhos.

Se a escola não se conscientizar da importância de seu papel na construção da sexualidade, continuará a ser, uma reprodutora do sexismo da sociedade, porque nelas as oportunidades e exigências diferentes ajudam a cristalizar posturas e valores vigentes na sociedade, perpetuando-os ou modificando-os.

Todos os dias somos bombardeados com inúmeras informações e mensagens que impõem formas diversas de sentir e agir para homens e mulheres, meninos e meninas e que valorizam e privilegiam um grupo, o masculino, em detrimento do “outro”, o feminino.

O começo de uma orientação sexual democrática pode estar na reestruturação curricular onde haja diferentes concepções de trabalho, incentivo para que igualdade de oportunidades seja garantida a meninas e meninos. A necessidade do plano de formação de professores de acordo com as necessidades atuais é algo fundamental, tanto no âmbito da formação inicial como na formação em exercício.

Certa vez participei de uma palestra onde a platéia entrou em “alvorço”, alguns praguejavam, outros riam, outros ficavam muito chateados, enfim... Quando o palestrante disse: “o diploma do professores teria que ter prazo de validade”. E eu em muitos aspectos concordei com a postura adotada por ele e fiquei me perguntando por que?

Por que tanto alvoroço, será que é porque as pessoas têm preguiça de estudar, ou

teme que lhe seja tirado algo que pensam já ter conquistado, o título, seja ele qual for. Mesmo assim, a realidade indica que, querendo ou não a platéia, os diplomas têm sim, um prazo de validade, e bem curto, porque o professor que pára de estudar e fica se achando “formado”, muitas vezes ele não está nem constituído.

Porque a formação pode se dar, no ato da formatura, mas a constituição é algo muito maior, leva bem mais tempo do que a graduação e não acontece se não estiver intimamente cadenciada com a prática pedagógica e de vivência de sala de aula, de funcionamento de escola e de relacionamento entre pais, professores e alunos.

O próximo passo depois da formatura é continuar sua constituição, porque muitas vezes os profissionais se formam sem estarem suficientemente constituídos e isso apresenta lacunas. A constituição do ser professor se faz por muitas vis, tais como: a prática pedagógica a atualização em leituras atuais e históricas e também pelo resultado do alinhavo entre essas duas partes citadas anteriormente.

O conhecimento se acumula, a experiência vivida embasa e a vivência em sala de aula exige autoconhecimento, porque mobiliza afetos, sentimentos e emoções. Certamente, esses elementos podem contribuir para que os educandos possam ser indivíduos capazes de resolver seus próprios problemas, de forma independente e responsável.

Sendo que, a educação encontra-se em mudança permanente e contínua reconstrução, por isso, devemos buscar incessantemente desmascarar as práticas adjacentes e paralelas à educação. Isto, no intento de não perpetuar o atendimento às necessidades dos sistemas sociais vigentes. Para tanto, faz-se necessário que nos reajustemos ao meio dinâmico da vida moderna.

Este ajustamento pode ser feito através do desenvolvimento interno de forças para conseguir acompanhar a vida em todas as suas dimensões. Para que a sociedade tenha professores mais motivados e competentes teórica e psiquicamente é preciso que estes tenham fundamentação filosófica e prática autêntica educacional.

Muitas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem Aparelho Reprodutivo no currículo de ciências naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, como informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano.

Essa abordagem normalmente enfoca apenas o corpo biológico e não inclui dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo, ou seja, se os conteúdos forem trabalhados e traduzidos para a realidade de cada comunidade, aí estes

encontram efetividade na sua abordagem.

Sabe-se que a respeito da sexualidade, crianças enfrentam questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. Mas, para que essa curiosidade que move o mundo seja impulsionada ao longo da vida, ela precisa ser parcialmente atendida de tempos em tempos, para que o aluno possa se enamorar pelo saber e querer saber cada vez mais.

A oferta, por parte da escola, de um espaço onde as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões pode contribuir muito para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares.

Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integram as diversas dimensões do ser humano.

Corroborando com isso, Gentili coloca que:

A educação para o exercício da cidadania deve ser entendida em um sentido amplo, e não como uma matéria dedicada especificamente a esse fim, ainda que em determinados níveis educacionais (séries finais do ensino fundamental e ensino médio) sua presença seja assegurada, se houver um tempo e um espaço para isso. A educação para o exercício da cidadania não pode restringir-se a aprendizagem de determinados valores, comportamentos ou atitudes, visto que o cidadão necessita de todo o conjunto de saberes e competências que lhe permitem uma participação ativa na vida pública, sem os quais poderá ser excluído ou ter a cidadania negada ⁶⁸.

Para que se possa integrar essa disciplina ao currículo, como coloca ⁶⁹ significa que ela deve dispor de horário e currículo definidos. Contudo, se realmente desejamos que essa nova disciplina essa disciplina não pode ser sem valor, nem uma passagem casual pelo curso, ou ser utilizada como subterfúgio para completar o horário dos professores ou como alternativa a qualquer outra matéria, como se chegou propor algumas vezes para religião.

68 GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.) *La ciudadanía negada: políticas de exclusión em la educación y el trabajo*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

69 JARES, X.R. A cidadania no currículo. *Pátio: revista pedagógica*. Artmed Ano IX, n 36, pg. 9-14, novembro 2005/janeiro 2006.

É preciso que tenha uma carga horária não inferior, em nenhuma hipótese e conteúdos ligados à filosofia, sociologia, direito e história. Urge analisarmos os aspectos da sexualidade e gravidez na adolescência, e em especial, aqueles que podem e devem ser abordados na escola e em contextos socio-educativos mais amplos como a família e as comunidades nas quais o aluno se encontra inserido.

Neste sentido, devem ser considerados temas como: transformações do corpo; papéis e estereótipos de gênero; relacionamentos interpessoais; expressões da sexualidade; valores, conflitos e contradições interculturais. O meio ambiente, a saúde, a orientação sexual, a ética, a pluralidade cultural e os estudos econômicos são temáticas que devem estar presentes transversalmente no currículo.

Estes temas, que foram reunidos sob a “denominação convívio social e ética, implicam tratamento de conteúdos de diversas áreas de conhecimentos e devem, sobretudo, contribuir para o desenvolvimento de atitudes e valores”⁷⁰

Esclarecer é muito mais que orientar, então, pelos dados analisados nesta pesquisa, subentende-se que os professores da escola A, 50,0% tenham claro o que é conscientizar, e que o público que atendem precisa principalmente de conscientização sobre a prevenção da gravidez na adolescência e os aspectos que envolvem a vida, porque informações já têm o suficiente para fazerem suas escolhas.

Alguns professores vêem a relação da adolescente que engravida, como uma relação normal. Onde pensam que quem sofre é a própria adolescente que pára de estudar ou da avó que cuida da criança. Explanam que geralmente a adolescente é bem aceita no grupo. A escola procura orientá-la se ela procurar ajuda, respeitando os seus direitos em relação aos trabalhos, notas, laudos médicos, faltas, etc... Colocam também que hoje em dia mais facilitada já que as alunas têm a possibilidade de cursar a distância, através de trabalhos, o período após o nascimento do bebê.

Os professores da escola C, 55,0% responderam que a função da escola é *esclarecer* e *conscientizar*, como, por exemplo, que a escola deve fazer um trabalho de prevenção, deixando de lado os tabus e o conservadorismo, porque a realidade é diferente do ideal. Diante dessa realidade a escola deve enfrentar isso consciente de que tem grande responsabilidade, que tendo ou não informação e esclarecimento em casa, para o adolescente quanto mais informação melhor.

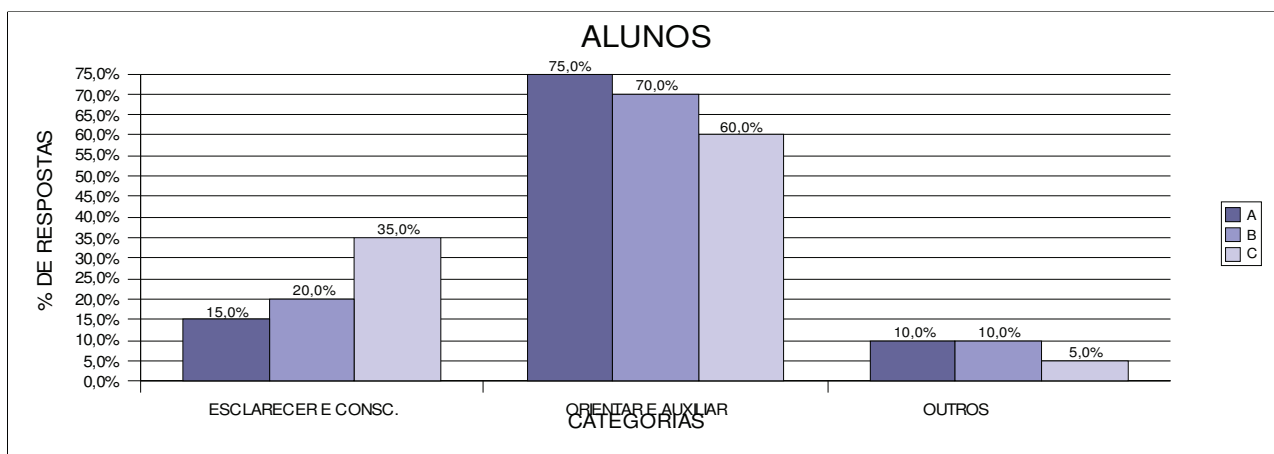
Existe assim, a necessária criação de um campo de diálogo entre distintos lugares

70 FIGUEIREDO, L.M. e BANDEIRA, M. Sexualidade: aspectos do cotidiano da sala de aula. *Cadernos de educação*. UNIC – Coordenação de pós-graduação, v. 1, n. 0, p. 112-113, Periodicidade irregular, 1997.

sociais, geográficos, e os saberes e práticas sociais em torno da problemática da educação. Mesmo que o contexto imediato de interlocução seja o cotidiano escolar, pretende-se que os debates tenham o longo alcance de trazer para a cena o complexo de fatores sociais, econômicos e culturais envolvidos na experiência de ser pai, professor e aluno num país chamado Brasil.

3.3 Alunos

Na categoria alunos, as respostas em relação ao papel da escola foram: 68,3% *orientar e auxiliar*, 23,3% *esclarecer e conscientizar* e 8,3% *outros*.



FONTE: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados encontrados e analisados no questionário aplicado a pais professores e alunos adolescentes.

Os questionários foram aplicados a turmas de oitavas séries e as perguntas que surgiam no final do questionário abordaram as mais variadas questões e solicitações que envolvem anatomia, hormônios, menstruação, relação sexual, sexo oral e anal, preservativos feminino e masculino, aborto e também relacionamento homossexual. Os alunos mostraram-se bastante curiosos e instigados a encontrarem respostas aos seus questionamentos.

Por isso, a necessidade de continuidade deste trabalho, a nível de programação curricular, com palestras e encontros como dinâmicas de grupo que tenham periodicidade regular para que pais, professores e alunos adolescentes possam ter a certeza de que a escola pode ser um lugar onde encontrem orientação e esclarecimento para suas dúvidas e

questionamentos.

Os alunos A fizeram perguntas ou pedidos referentes mais a relacionamentos do que a anatomia humana parecem assim, esperar mais questões que abordem a hora certa para decidir transar, de que forma conversar com os pais sobre isso, que implicações a relação sexual prematura pode trazer ao funcionamento natural do corpo, enfim foram perguntas e questionamentos no geral bem elaborados e abrangendo questões sociais, tais como: a jovem que tem filhos antes de concluir uma faculdade pode inviabilizar toda a vida profissional e que para o rapaz isso também tem implicações, menores, mas tem.

Os alunos, na sua maioria responderam que a função da escola é *orientar e auxiliar*, como dar conselhos sobre o tema, falar sobre o assunto e dizer que devem prevenir-se antes da relação sexual e explicar o que se deve fazer para evitar a gravidez na adolescência.

Os alunos C fazem colocações umas tanto diferenciadas dos alunos da escola A e B. Tais como: colocam que a escola tem a função de esclarecer e conscientizar os alunos, isto porque informações eles têm, o que lhes falta é esclarecimento e consciência geral para que possam colocá-las na prática cotidiana, fazer diferente dos pais e dos irmãos e irmãs mais velhas.

Estes alunos colocam também que os professores devem conscientizar os alunos a prevenir-se. Porém os alunos nem sempre, querem saber, só o que todos falam, (usar camisinha) muitos têm dúvidas sobre o assunto.

Nas palestras que realizei nestas escolas, muitos alunos escreveram através de bilhetes durante a palestra, que gostariam de saber mais sobre o uso de preservativos, tanto masculinos, quanto femininos, se engravida através de sexo oral ou anal, como é mesmo que acontece a relação homossexual?

As dúvidas a respeito de métodos de proteção ainda são muitas, desde como se coloca, o preservativo feminino ou masculino, porque que é *melequento*, ou seja, lubrificado, por que tem que torcer a ponta do preservativo masculino? Será que o preservativo feminino pode ser lavado e reutilizado, já que custa R\$14,00? Sendo que o masculino o SUS oferece nos postinhos.

Os adolescentes carregam dúvidas e curiosidades que não são sanadas pelas campanhas publicitárias e muitas vezes nem pelos professores que ministram as disciplinas referentes ao assunto. A escola, ainda tem muito a fazer, algo que ainda precisa ser constituído e instaurado para que esse espaço se constitua e assim possa atender as atuais necessidades sociais brasileiras.

Outro elemento um tanto intrigante que apareceu nas respostas de alunos da escola C é que o papel da escola e dos professores diante da gravidez de uma aluna adolescente é *focar para todo o mundo*. Sabe-se que, toda a vez que uma adolescente engravida, os comentários se alastram, muitas vezes no intuito de que isso não se repita, para que os outros adolescentes possam se proteger e se prevenir. E noutros momentos os adolescentes se sentem invadidos, sendo alvo de comentários maldosos que de construtivos nada têm. A linguagem dos professores, além do senso comum, precisa ser reflexiva e produtiva para o aluno.

Cada cultura tem os seus códigos fundamentais, aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas, códigos e mensagens essas essas que fixam, logo de início para cada sujeito, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar.

Só que mesmo estas “hierarquias” não são elementos estanques ou terminantemente decisivos na vida de cada ser, já que, existe a probabilidade, a realidade e também algo fundamental, que é o quanto cada sujeito pode se dar conta de sua realidade e vir a transformá-la, entender o porque precisa falar mal do outro ao invés de pensar na própria vida, nas próprias atitudes, isso pode ser uma grande fuga, já que é *mais fácil cuidar da vida dos outros* porque não dói.

E, a partir disso se existe então o desejo de mais emancipação e ou entendimento das situações e das coisas além do cotidiano e do senso comum, ir atrás, *labutar*, para atingir os objetivos que possam ser traçados.

Conforme os dados sobre gestação na adolescência, percebe-se o fortalecimento do argumento da maternidade e paternidade juvenis como busca de reconhecimento e inserção sociais dos sujeitos, em que pese a heterogeneidade de situações que os jovens e as questões presentes na decisão de levar a gravidez a termo.

A partir do momento em que se detecta a gravidez, a condição social influencia de forma incisiva, no que diz respeito ao caminho que esta vai percorrer, aí se abre precedentes para uma infinidade de resultados. Tais como: aborto feito em boas condições sanitárias, em clínicas, ou aborto clandestino, o que oferece riscos enormes para a vida da adolescente, apelo à medicina caseira, ou realmente levar a gravidez a termo.

Em qualquer uma das situações citadas anteriormente, a família se constitui em fonte de apoio ou repulsa, a neutralidade pode ser muito rara ou na maioria das vezes inexistente. Também pese que é uma situação difícil manter a neutralidade diante de tamanhas implicações que traz uma gravidez neste período da vida de uma jovem.

Quando a gravidez não é interrompida e a criança nasce, o apoio material desses jovens pais/mães: independentemente do segmento social e da situação de co-residência, está estreitamente ligado, à rede familiar.

Quando a gestação é levada adiante, geralmente, as avós maternas estão sempre próximas aos netos, assumindo responsabilidade de cuidado com eles. A reflexão acerca da juventude e a condição de parentalidade suscitam a importância de interseção de apoio afetivo-material, que consubstancia o movimento de construção da autonomia e redimensiona a relação de dependência desses jovens⁷¹.

Em todas as escolas pesquisadas, de uma forma ou outra aparecem aspectos que nos conduzem a pensar que pais, professores e adolescentes, num ou noutro momento pensam que os adolescentes nem sempre perdem a oportunidade de estudar, trabalhar ou tocar em frente a sua vida.

Ao mesmo tempo têm a consciência de que isso nem sempre ocorre, que às vezes a gestação na adolescência pode provocar uma desestrutura familiar tão grande que pode desencadear separações, brigas, derrocada financeira e até a morte de pessoas que já apresentavam alguma fragilidade e que uma notícia de gravidez na adolescência pode ser o estopim de uma família que estava como uma bomba, prestes a estourar.

71 DIAS, A.; AQUINO, E. Maternidade e Paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 22(7): 1447-1458, jul. 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação procuramos abordar a visão de pais, professores e alunos adolescentes a respeito do tema que envolve sexualidade e educação: um estudo sobre a gravidez na adolescência, onde constatamos uma grande diversidade de elementos que compõe a relação entre os sujeitos.

Estes elementos podem contribuir para que os sujeitos possam trabalhar todos imbricados em interromper vias que prejudicam o desenvolvimento humano e também fortalecer as alternativas que favorecem e estimulam a discussão, a reflexão, o entendimento e a humanização de uns para com os outros através do convívio e da mútua troca de diferentes *seres* e *saberes* no intento de contrariar as alarmantes estatísticas que apontam a gravidez na adolescência como um problema social e de saúde pública.

Para tanto, utilizamos abordagens que tomam como base a obra do francês Michel Foucault (1926-1984), dentre outros autores que esclarecem o tema. A escolha deste autor nos permitiu acessar o funcionamento social e deixar mais explícitos os jogos de saber e poder existentes entre pais, professores e alunos adolescentes através da instituição escolar. Pois, visualizamos a escola como via acessível e inaugural de saber, poder e *cuidado de si*, instrumento de apresentação de direitos e deveres para boa parte da população, principalmente para os sujeitos menos favorecidos socialmente que se encontram tão desassistidos pelas atuais políticas públicas.

A escola precisa se organizar e colocar todas as suas forças com o objetivo de desenvolver medidas sócio-educativas que tenham uma abordagem da sexualidade de forma humanizada, histórica e socialmente significativa. Esse é o desejo que nos faz buscar maior clareza sobre a vertente filosófica do discurso sobre sexo, educação,

sexualidade e maioridade, haja vista, a dimensão que tal assunto abarca em nossa sociedade e a influência positiva que pode ter na autonomia e cidadania das pessoas.

Com base nos dados analisados na pesquisa, levantamos que é, no mínimo, eticamente questionável a forma como as atuais políticas públicas vêm até então abordando este tema.

Este trabalho oferece subsídios para que saibamos mais sobre a dinâmica que compõem, e também como se dá, este fenômeno chamado gravidez na adolescência, muitos fatos o constituem, tais como: idade precoce da menstruação, comportamento sexual mais explícito e erotizado, casamento mais tardio do que em década anteriores. Percebemos que a verdade dos sujeitos encontra-se permeada pela arqueogenealogia dos envolvidos nesse processo.

Apenas anuncia necessidades, prioridades e linhas a seguir, porque como coloca Foucault, para que algo possa ser implementado, necessitamos primeiramente garantir tempos e espaços permanentes de conhecimento do funcionamento, diálogo, reflexão e revisão daquilo que foi descortinado.

Com o referencial teórico de Foucault foi bastante substancioso desenvolver uma pesquisa e seguir uma corrente de raciocínio que se aproxima da realidade social, tanto dos participantes, das escolas A, como B e C. Corrente esta que ilumina novas trilhas, novos projetos que visam à emancipação humana, na tentativa de humanizar cada vez mais aqueles que ainda não conseguiram serem melhores, porque ninguém lhes havia oferecido oportunidade, sequer de pensar a respeito de suas atitudes e ver que elas exercem conseqüências para eles, e também sobre os *outros*.

Através da Educação, da Psicologia e tantas outras áreas afins, existe grande possibilidade de potencializar as vias que favorecem *o cuidado de si*, a cidadania, o autoconhecimento, a independência e a autonomia, isto tudo através da família, da escola e da pessoa do professor como agente emancipatório do sujeito aluno, pois a escola, quando exerce ou não o seu papel, provoca grandes implicações na vida dos adolescentes e de suas famílias.

Trabalhamos com a análise quantitativa dos dados para um maior entendimento do leitor. Mas, tomamos como via principal, a análise qualitativa das respostas, das falas, do discurso e dos fatos por percebermos que esta poderia nos oferecer a compreensão dos fenômenos de forma detalhada, levando em conta a amplitude e riqueza de associações e as perspectivas das pessoas pesquisadas, da mesma forma que Foucault, no intuito de evitar tomar posições unívocas. Este autor popular e ao mesmo tempo denso, constituiu um

verdadeiro reservatório teórico/metodológico que continua, ainda hoje, produzindo efeitos em seus leitores, como uma corrente elétrica que impulsiona a perguntar, a problematizar, a investigar, a combater todas as verdades prontas e acabadas, todas as formas de opressão e preconceito, dos discursos às práticas, às teorias totalizantes, às tecnologias produtoras de subjetividade.

A teoria de Foucault pode provocar e auxiliar ilimitadas mudanças nas relações, a partir da reflexão e do autoconhecimento de pais, professores e alunos adolescentes, por isso neste trabalho estamos propondo algo mais. O vértice da proximidade entre pais, professores e alunos adolescentes, que nos mostra que o conhecimento e a aprendizagem envolvem uma relação de um ser humano com outro e que ambos estejam em sintonia.

Desse encontro resulta algo que ocorre entre as partes envolvidas, que não existe quando um dos sujeitos se coloca em um dos extremos, que o resultado da relação não depende somente de um dos participantes, mas do resultado da comunicação e dos afetos e sentimentos que um suscita no outro, então o processo de aprendizagem, humanização, *cuidado de si* e cuidado com o outro, exige responsabilidade, maturidade, muita informação teórica e também, grande capacidade de discernimento e tolerância no cuidado com o *outro*, que tem o seu próprio jeito de pensar, agir e sentir.

Dessa forma, quando o educador se coloca como orientador e esclarecedor, fica num papel diferente de impositor ou autoritário, isto porque a flexibilidade e o entendimento auxiliam a assimilação dos conteúdos e das idéias, por exemplo, que a relação sexual resulta em filho e que os anticoncepcionais podem interromper a gestação e que ter relações sexuais não necessariamente precisam resultar em exposição à gestação.

Este entendimento é algo diferente da teoria repassada na escola, diferente das manchetes de prevenção anunciadas pela mídia, porque ele diz respeito ao autoconhecimento e à capacidade de teorização a respeito dos próprios entendimentos, ou melhor, dos não entendimentos que o adolescente não consegue fazer porque acha que isso, a gravidez na adolescência nunca vai acontecer com ele. Foucault coloca que uma verdade posta como unívoca provoca resistência, e isto parece muito se acomodar quando os adolescentes ouvem que têm que primeiro estudar, trabalhar para depois constituir família, é uma verdade que não encontra correspondente interno e que pode soar como imposição incentivando a resistência e a contrariedade.

No primeiro capítulo, *o que é gravidez na adolescência?* Foram encontradas as categorias *imaturidade e irresponsabilidade* e também *falta de diálogo e comunicação familiar*. Fica evidente o distanciamento e o vácuo que existe na comunicação entre pais e

filhos e professores e alunos adolescentes, como se os pais e os professores estivessem atrasados ou sem conseguir acompanhar o frenético ritmo e a alta velocidade do jovem atual. Que se acha tão *moderninho*, mas ao mesmo tempo encontra-se muitas vezes despreparado para enfrentar o tão almejado e temido mundo dos adultos, que exige trabalho, responsabilidade e independência.

Conforme os dados analisados, os pais percebem a gravidez na adolescência como sofrimento para todos. Dentro dessas respostas são encontrados elementos que indicam *imaturidade* e *irresponsabilidade*. Nas respostas oferecidas pelos pais, também encontramos argumentos que sugerem *falta de informação* e *comunicação familiar*, que na maioria das vezes falta sim, intimidade e orientação dos pais para com os filhos e é nesse ponto que a escola é solicitada para auxiliar a relação.

Os professores colocaram *imaturidade* e *irresponsabilidade*, dando ênfase ao fato de que o corpo da menina não está maduro para uma gestação e também frisam a questão financeira, como um agravante nas dificuldades de relacionamentos estabelecidos entre a gestante, a família e o pai da criança. Outro aspecto que aparece com relevância é a busca pela liberdade, o desejo de casar e conseqüentemente se libertar dos pais.

Aparecem ainda indicativos de preocupação dos professores com a interrupção de uma fase muito importante da vida, sendo obrigada a jovem a assumir responsabilidades para as quais não tem preparo adequado físico, tampouco emocional. Estas condições geralmente apresentam-se aliadas ao descuido e à falta de conhecimento sobre o funcionamento do próprio corpo e escasso domínio sobre os próprios impulsos sexuais.

Os educadores se forem preparados para tanto, podem ser vistos como figura central dessa transformação, construindo assim um olhar crítico sobre a história para entender que as relações são fruto dos comportamentos aprendidos e das vivências passadas e que o papel do educador pode provocar novos comportamentos e novas relações, ou seja, podemos deixar de repetir e perpetuar miséria e ignorância, para construir cidadania e respeito.

Pelo que percebemos na análise dessa dissertação, todas as atitudes do professor implicam em algum comportamento do aluno, mas a linguagem parece se apresentar com maior poder para reforçar o esclarecimento e a orientação para pais e alunos. Isto pode ser valorizado no sentido de esclarecer aos professores que os mesmos precisam estar atentos aos seus comportamentos e à linguagem que utilizam, pois, como coloca Foucault, o discurso pode contribuir para a ordem ou para a desordem, jamais ficando no campo da neutralidade. Estes fatos estes se relacionam intimamente com a noção de capacidade de

tolerância à frustração, capacidade de postergar um desejo ou raciocinar e pensar na consequência dos seus atos, ou seja, o comportamento impulsivo encontra-se muito presente durante a adolescência e isto com sérias e irreparáveis consequências para a vida toda.

A maioria dos alunos respondeu *imaturidade e irresponsabilidade*, porque acredita que a gravidez na adolescência na maior parte das vezes é uma grande falta de responsabilidade e de atenção, tanto da adolescente quanto do adolescente, ou seja, de ambas as partes. Aparece nas respostas dos alunos em geral, elementos que indicam *descuido* do adolescente, *falta de informação*, a *falta do diálogo na família* e *esclarecimento* na escola. Essas respostas reforçam, o quanto os adolescentes acreditam que a escola também é responsável por informar e esclarecer os alunos sobre a gravidez na adolescência e de que forma podem se proteger para que isso não aconteça.

Os adolescentes da escola A colocam-se mais como autores do processo de desenvolvimento e de suas posturas até então adotadas, as idéias são mais elaboradas se correlacionarmos as mesmas com os alunos da escola B e C, claro que devido ao acesso a melhores condições financeiras. Essa maior fluência na explicitação de suas posições encontra-se intimamente relacionada ao quanto os jovens de melhor condição financeira têm mais acesso a informações e mais esclarecimento em relação ao funcionamento do próprio corpo em termos anatômicos e fisiológicos. A maior parte dos jovens da escola A, se vê responsável pela escolha de se proteger e se prevenir da gravidez na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis. Uma pequena porção dos alunos A, acredita que a gravidez pode ser fruto de falta de informação e ou comunicação familiar, tendo assim a clareza de que uma gravidez na adolescência *estraga a vida*.

Na escola A aparecem esses elementos que podem indicar *imaturidade* por parte do adolescente e isto pode estar associado ao não conhecimento da realidade como ela é, diferente do que acontece na escola C que quando as adolescentes já estão em idade fértil, a mãe ainda continua tendo filhos. Um pequeno percentual de alunos A coloca que observam o fato como normal, o dia-a-dia normal só que com um filho, a escola é normal, e a família pode cuidar do bebê enquanto a filha tem seus compromissos.

Os adolescentes da escola B, na maioria sentem-se bem informados e bem atendidos diante da expectativa de informações que esperam receber na escola, pensam que tem a posse de todas as informações necessárias para que isso não aconteça e provavelmente têm, só mesmo assim os índices de gravidez são altos.

Na escola C, alguns alunos vêem a gravidez na adolescência como uma coisa normal sem preconceito, só que algumas deixam de estudar para não mostrar a barriga, por isso

acreditam que os pais devem ser mais rigorosos. Expressam ter consciência de que o que acontece realmente é o abandono da escola, por mais que seja difícil interromper este ciclo, todos manifestam saber ou ter ciência do quanto isso é prejudicial. Os jovens já sabem que se engravidarem nesse momento não existe mais a ilusão de que isso pode ser bom, estes já conhecem a realidade, que é muito dura, num contexto onde se torna fato comum ser avô ou avó antes dos 30 anos de idade.

No segundo capítulo analisamos sobre a *responsabilidade de esclarecimento* e nesse aspecto, a família precisa ser envolvida no trabalho da escola para dar continuidade ao processo de mudança, pois a mudança poderá começar pela escola, mas não pode centralizar-se ou estancar-se nela mesma, porque só ocorre transformação quando as pessoas introjetam uma nova maneira de observar o mundo e viver a realidade. Foucault coloca não apenas um sujeito, mas um efeito, um “*alinhavo*”, onde qualquer coisa que se passe como um *flash*, nos encontros, nas relações, produz novos impactos e provoca novos efeitos que sucessivamente desencadeiam novos processos que funcionam como uma corrente que rumam em direção ao conhecimento do mundo, das relações e principalmente ao autoconhecimento.

Observamos que os pais participantes da pesquisa consideram a gravidez durante o período escolar como sendo: negativa, difícil, irreversível, colocam que muitas vezes as meninas são recriminadas na família, mas na escola geralmente recebem apoio, estes, acreditam que maternidade e escola resultam numa combinação que não tem como dar certo, porque a gravidez nesse período da vida pode ser uma mudança brusca e muito triste para a adolescente, pois vai ter que parar os estudos.

Os pais acreditam que pós ter engravidado imaginam que em torno de 90% das adolescentes não quer mais estudar, sugerem que nesses casos a escola juntamente com os pais deve “forçá-las” a continuar, afinal a vida não pára por causa disso.

Nas respostas dos próprios pais aparece a necessidade de projetos que envolvam a conscientização dos pais a respeito do seu papel na vida dos filhos, porque não basta a escola dizer que um assunto é de incumbência dos pais e os pais esperarem que a escola o faça, que se for deixado assim, as coisas ficam sem serem faladas e ambas as partes acabarão se omitindo do que realmente precisa ser feito. Mas, se as necessidades ficarem mais explícitas e passarem pela palavra e pela fala, os desentendimentos diminuem e todos os envolvidos podem opinar, contribuir e participar do processo, que conseqüentemente beneficia a todos.

Os genitores apresentam idéias tais como: palestras com profissionais, técnicos e

pessoas especializadas para trabalhar na área de sexualidade e relacionamentos que diminuam a violência e a agressividade juvenil.

Nesta questão, a maioria dos professores atribui a *responsabilidade de esclarecimento* aos pais e à família, mas e quando não há família? E quando não há respaldo? E quando o Estado não consegue cumprir com todo o seu papel? A realidade constatada nesta pesquisa indica que a escola também pode e deve estar preparada para as adversidades. Porque se todos os alunos tivessem uma família, se todos os pais fossem presentes e se todos os professores também pudessem resolver as questões que se apresentam, os problemas pouco existiriam e os que porventura surgissem, seriam de fácil resolução, que bom se assim fosse, mas a vida real tem nuances um pouco mais complexas.

Os professores vêem relação da adolescente que engravida e a escola, como negativa, difícil, irreversível, porque essa relação torna-se truncada não só durante a gravidez, mas, principalmente, no período pós-parto no desenvolvimento das atividades à distância. Relatam que é uma relação complicada, mesmo que a escola use todos os recursos para manter esta jovem no banco escolar. Essas dificuldades são geradas pelo papel que ela passa a assumir, diferente dos seus colegas. E também porque ainda existe preconceito, mesmo que “velado”, por parte de alguns educadores, colegas e pais.

Diante disso o raciocínio dos professores em relação ao preconceito dos pais parece encontrar um fundo de verdade na realidade que se apresenta.

Com base nos dados analisados na pesquisa os professores das três escolas participantes clamam e reclamam por uma participação mais ativa dos pais na educação de seus filhos. Sendo que o educador tem papel elementar na consolidação deste processo de construção da responsabilidade a partir de um processo reflexivo e emancipatório, por isso este educador precisa ser cuidado, amparado e qualificado pela escola e por profissionais da área da psicologia, e área da saúde como um todo.

Papel este que pode ser conquistado e assegurado pela metodologia da formação continuada. Através de treinamentos e encontros programáticos e sistematizados para a análise da realidade que emerge do cotidiano escolar e reflete no tema gravidez na adolescência, que é a expressão da realidade social e também a explicitação das desigualdades e repetições de comportamentos ausentes de entendimento.

Foucault nos possibilita construir novos caminhos sócioeducacionais, caminhos estes que indicam a necessidade do resgate da fundamental importância do papel do professor, para a definição e implementação de políticas públicas, que favoreçam e viabilizem um processo educacional mais substancial e fundamentalmente emancipatório

através da inauguração do *cuidado de si*, da autonomia para o posterior cuidado com o outro que pode ser o aluno adolescente e a família ao qual este pertence.

Nos alunos adolescentes encontramos a atribuição da *responsabilidade de esclarecimento* aos próprios adolescentes, quando colocam que se isso acontecer, se a gravidez acontecer o motivo não vai ser falta de informação, porque isso é o que mais tem, que os pais podem e devem alertar, mas a decisão a ser tomada é única e exclusivamente do adolescente.

Os adolescentes C defendem que a responsabilidade é de todos, principalmente das pessoas que já tiveram experiências. Que uns devem conscientizar os outros, que filho é algo para a vida toda e que não é fácil de criar, principalmente se a guria fica solteira e o pai da criança não assume ou não tem condições de ajudar financeiramente.

As reuniões de pais, os grupos de estudo de professores, as dinâmicas de grupo envolvendo pais, professores e alunos adolescentes separadamente ou ainda discussões e reflexões entre os grupos, são atividades que podem contribuir imensamente para o diálogo, a qualificação e a implementação de ações. Sob esta ótica, o tema gravidez na adolescência gera e coloca em efervescência questionamentos que além de educacionais, sobretudo aspectos sociais, políticos e de saúde pública, uma vez que a relação escola e sociedade é uma relação onde não existe neutralidade, porque se a escola fizer o seu papel vai causar implicações na vida dos educandos e de suas famílias, e se por acaso a escola não se manifestar em papel algum, também inevitavelmente causa implicações para todos.

Dessa forma, as identidades de pais, professores e alunos adolescentes podem ir se construindo e se fortalecendo como via a instituir poderes aos sujeitos. Porque as relações não são relações de classes ou categorias, mas, sim relações de poder que podem se perpetuar e que poderão frutificar em desenvolvimento global dos sujeitos pertencentes à instituição escolar. Isto no sentido de que a escola precisa conseguir fazer diferente da maioria dos segmentos da sociedade brasileira, porque é *locus* de saber, poder e entendimento de questões que se forem analisadas e compreendidas, podem diminuir as desigualdades sociais.

Os adultos precisam ter claros os valores que almejam enquanto sociedade, para não reforçar papéis discriminatórios nem verdades absolutas ou discursos hipócritas embasados por crença, partido ou time, da mesma forma que podem inaugurar reflexões tolerante, racionais e ecléticas, ajudando os jovens a terem o entendimento de que o diferente não é errado e sim diferente e que isso a normalidade é uma questão de ângulo e muito mais relativa do que se pode imaginar. Foucault coloca que não precisamos cair no relativismo,

mas precisamos ter flexibilidade.

Porque se desde a tenra infância pais e professores puderem falar sobre a valorização do ser humano e a importância do cuidado com o corpo e do respeito pelo outro, certamente teremos uma sociedade com sujeitos mais saudáveis e mais felizes.

No terceiro capítulo analisamos *o papel da escola* em relação ao tema gravidez na adolescência, onde as categorias apontadas foram a de *orientação e informação* e a outra, *esclarecimento e conscientização*. O trabalho de orientação sexual deve, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como parte ativa em todas as outras disciplinas do currículo.

Este tema deve ser tratado ao longo de todos os ciclos de escolarização, principalmente a partir da quarta série, devido à antecipação que tem ocorrido referente ao período de menstruação e à precocidade geral da sexualidade ativa entre os jovens. Isso indica a necessidade de intensificação dos trabalhos de orientação sexual na escola a partir deste momento.

Através do educandário podem se encontrar vias de orientação e esclarecimento para a construção de uma cultura do *cuidado de si* e do autoconhecimento a nível orgânico e psíquico, com vistas para uma sociedade mais digna, responsável e independente. Nessa perspectiva, a escola passa a ser vista como uma das instâncias de organização social e humanização dos sujeitos, através da construção permanente de consciências críticas, propositivas e criativas, onde existe espaço para o singular, e esse caldo cultural pode ser exprimido e aprofundado através dos educadores, entre pais e também com a comunidade escolar.

Com base nos dados analisados nesta pesquisa fica confirmada a hipótese de que a escola pode sim, realizar a prática pedagógica que envolva os sujeitos dela participantes e faça valer a educação como meio emancipatório e formador do educando como cidadão autônomo, responsável e independente. Já que, a partir da tese de Foucault, pode se observar que as instituições realmente produzem, constroem e perpetuam os sistemas vigentes.

Os sistemas vigentes, e o poder público precisam estar enlaçados em projetos que almejem o desenvolvimento global dos cidadãos, mas isso não pode ser uma questão definitiva ou demarcatória, pois Foucault coloca que o poder não está nas mãos de um soberano ou de forças indefinidas, então, não é apenas o Estado o definidor de políticas, mas sim o conjunto da sociedade civil que, a partir da instituição escolar, com a formação

continuada dos educadores, participação ativa dos pais e envolvimento próximo com os alunos, pode tornar-se o grande cerne de debates, diálogos e reflexões. Ou seja, quando todos podem e participam, as coisas acontecem de forma singular e indissolúvel, passando de sonhos e desejos para conquistas e realizações.

Para que os resultados da prevenção da gravidez na adolescência possam ser *orientação informação, esclarecimento e conscientização* da vida e para que esse resultado possa ir *além muros*, os pais e a comunidade em geral precisam ser convocados e estarem envolvidos nesse processo, para que como numa ramificação, a prevenção e a conscientização possam ir se construindo e se enraizando na mentalidade das pessoas.

Os pais relatam que em relação à gravidez na adolescência, tudo depende muito da comunidade com que ela convive e do grupo de amigos de quem se aproxima, por isso as amigas precisam ser observadas, pois exercem grande influência na maneira de agir dos jovens.

Alguns dos pais da escola B colocam que atualmente observa-se, a gravidez na adolescência como um fato muito comum, que todos convivem tanto na escola como na família estão procurando aceitar e apoiar. Que sabem que existem ainda pessoas que demoram aceitar, mas as grávidas estão tendo mais apoio muito mais apoio e menos preconceito do que tinham no passado.

As manifestações dos pais da escola A eram a falta de tempo ou a não vontade de preencher o questionário e manifestavam sua posição com tranquilidade, parecendo que tinham grande entendimento do que era falado e escrito em relação aos seus direitos de escolha na participação da pesquisa.

Os pais B manifestaram envolvimento e maior desejo na participação da pesquisa. Passavam mais tempo envolvidos na tentativa de responder tudo e da melhor maneira que podiam, faziam perguntas, relataram fatos e explicitavam satisfação em participar da pesquisa diante da urgência e necessidade de mais estudos e informações para a prevenção da gravidez na adolescência.

Os pais C, por mais que lhes fosse falado sobre a liberdade de participação, em nenhum momento manifestavam a sua não vontade através da fala, diziam que tinham vergonha, que não sabiam escrever direito ou pegavam a folha do questionário e depois não devolviam ou até a devolviam em branco misturadas com as outras, já que sabiam que o questionário era anônimo e a identificação não seria possível.

Quando nos colocamos como elementos ativos e construtores destes sistemas vigentes, podemos então observar que somente a presença do pesquisador já causa

questionamentos, então se pensarmos nas condutas que podemos ter e nos entendimentos que podemos instigar, vem assim a confirmação de que ainda há tempo, que há muito o que fazer e principalmente que ainda podemos colaborar na reversão de algumas estatísticas tais como a do alto índice de gravidez na adolescência e contrariar a atual perpetuação do sistema vigente que é tão ampla e fortemente excludente das massas manipuláveis.

Na escola A os professores parecem estar mais atentos para suas práticas discursivas, ficam atentos ao que falam, pensam nas conseqüências de seus atos, sabem que correm o risco de serem demitidos caso não agradem à direção, aos pais ou aos alunos, então parece que aí se esboça não só temor ou tensão, mas, mais atenção àquilo que pensam, fazem ou falam.

Na escola B, que é estadual, os professores são concursados, então a realidade se apresenta bem diferente, muitos exercem um bom trabalho, mas outros manifestam impulsos que não são observados na escola particular.

Não em geral, mas alguns reclamam inclusive em sala de aula, com os alunos, falando mal do salário que ganham, do governo que ora está no mandato, e até por vezes dirigindo agressões verbais, morais e éticas contra os alunos, falando mal de seus pais ou da realidade de onde são oriundos, como o bairro onde moram, a profissão dos pais ou outras coisas que tornam a relação turbulenta e agressiva, provocando mistura de papéis e invasão de privacidade, chegando até à exposição ao ridículo para ambos.

Na escola C, que é municipal, os professores também são concursados, mas, por ser uma escola menor que a escola A e B, a maneira de trabalhar parece ser menos agitada e mais próxima entre todos, como o salário é um tanto melhor que os da escola B, as reclamações aparecem muito mais tímidas e na maioria das vezes são menos intensas.

Essas descrições visam tornar a realidade dos professores um tanto mais clara, julgar o comportamento de professores, pais ou alunos, mas isso é o que foi se apresentando no transcorrer das visitas às escolas durante a realização da pesquisa. Diante disso, uma das possibilidades iniciais de trabalho a ser desenvolvido junto ao grupo de professores seria convidá-los a pensar sobre suas atitudes e suas práticas discursivas, fazer uma devolução do que percebemos e construir reflexão tendo Foucault como norteador.

Os alunos, na sua maioria responderam que a função da escola é *orientar e auxiliar*, como dar conselhos sobre o tema, falar sobre o assunto e dizer que devem prevenir-se antes da relação sexual e explicar o que se deve fazer para evitar a gravidez na adolescência, pois, muitos têm dúvidas sobre o assunto.

As manifestações dos alunos A foram perguntas ou pedidos referentes mais a relacionamentos do que a anatomia humana, parecem assim, esperar mais questões que abordem a hora certa para decidir transar, de que forma conversar com os pais sobre isso, que implicações a relação sexual prematura pode trazer ao funcionamento natural do corpo. Manifestavam uma certa reserva em relação à presença da pesquisadora.

Os alunos B fizeram perguntas bem variadas, pois esta escola atende a todas as classes econômicas, e estes são alunos vindos de vários bairros da cidade. A variedade de perguntas foi enorme envolvendo questões sobre o próprio corpo até questionamentos bem reflexivos sobre sentimentos e dúvidas pertinentes a esta fase da adolescência. Os alunos estavam bem à vontade, manifestando tranqüilidade para se aproximar da pesquisadora, a fim de saber detalhes sobre a pesquisa e o porque da realização da mesma com estes sujeitos. Assim como os pais, os alunos B foram os mais comunicativos e próximos.

Os alunos C fazem colocações diferenciadas dos alunos da escola A e B. Tais como: colocam que a escola tem a função de esclarecer e conscientizar os alunos, isto porque informações eles têm, o que lhes falta é esclarecimento e consciência geral para que possam colocá-las na prática cotidiana, fazer diferente dos pais e dos irmãos e irmãs mais velhas. Manifestaram comportamentos variados que iam desde o distanciamento até a aproximação um tanto direta, fazendo perguntas de ordem pessoal para a pesquisadora, algo que suscita e nos faz pensar em falta de polidez, devido ao meio onde vivem e as relações que estabelecem, ou seja, fizeram aquilo que para eles é natural.

Cada cultura tem os seus códigos fundamentais, aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas, códigos e mensagens essas essas que fixam, logo de início para cada sujeito, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar.

Em qualquer uma das situações citadas anteriormente, a família se constitui em fonte de apoio ou repulsa, a neutralidade pode ser muito rara ou na maioria das vezes inexistente. Também pese que é uma situação difícil manter a neutralidade diante de tamanhas implicações que traz uma gravidez neste período da vida de uma jovem.

Para Foucault o sujeito moderno não está na origem dos saberes, ele não é produtor de saberes, mas é produzido no interior desses saberes e das relações de poder. As nossas percepções não podem ser descritas em termos de conhecimento.

No decorrer deste trabalho foram observadas relações permeadas de cuidados e de muitos descuidos, de saber e também de muita ignorância, de compreensão, mas principalmente de muita falta de entendimento e de proximidade, tanto de pais para com os

filhos, como de professores para com alunos, assim como também entre os pares de alunos adolescentes. Diante disso, surge a oportunidade e a necessidade de convocar a sociedade a pensar sobre sexualidade, educação, inter-relacionamento e vida como um todo, já que, o ser humano é humano porque convive em sociedade, então como podemos mediar a humanização daqueles que não são muito humanizados? Através da escola, que é obrigatória por lei, mas que, pode deixar de ser, um lugar onde se prepara para a vida, mas sim onde se vive com intensidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONI, C. KOLLER, S. Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. *Revista Psico*. Porto Alegre. v.31, n.1. P 39-66, jan./jul. 2000.

COSTA, A. *Dicionário moderno da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo- SP: Editora Riidel, 1980.

DIAS, A.; AQUINO, E. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 22, p. 1447-1458, jul, 2006.

DIEHL, A.; TATIM, D. *Pesquisa em ciências Sociais aplicadas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DIEHL, A. *A ciência e o espírito da tragédia*. In: Ciência, política e universidade. Passo Fundo: Clio, 2001.

EIZIRIK, M.F. *Psico: Revista quadrimestral da faculdade de Psicologia da PUC-RS*. v. 37, n.1, pp.23-29, jan./abr. 2006.

EIZIRIK, M. COMERLATO, D. 2005. *A escola (in) visível: jogos de poder, saber, verdade*, 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

EIZIRIK, M. Ética e o cuidado de si: Movimentos da subjetividade. *Educação, Subjetividade & Poder*, 4, 36-43. 1997.

_____. Poder, saber e práticas sociais. *Psico*, Porto Alegre, v.37, n.1, 23-29, jan./abr. 2006.

FIGUEIREDO, L.M. e BANDEIRA, M. Sexualidade: aspectos do cotidiano da sala de aula. *Cadernos de educação*. UNIC – Coordenação de pós-graduação, v. 1, n. 0, p. 112-113, Periodicidade irregular, 1997.

- FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- _____. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 12.ed. São Paulo: Graal, 1988.
- _____. *Vigiar e punir*. 3.ed. Petrópolis-Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1984.
- FREUD, S. La naissance de la psycanalyse, op. Cit., pp.61-67.
- GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.) *La ciudadanía negada: políticas de exclusión em la educación y el trabajo*.
- GIESTA, N. Pedagogia universitária na FURG. *Enciclopédia de Pedagogia Universitária*. v.1. Marília Costa Morosini. (et. al) Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Agência de Notícia do Governo do Estado. Abril 2005. <http://www.estado.rs.gov.br>. Acesso em: 17 abr. 2005.
- GUERRA, V. N. De A. *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- Gupta N, Leite IC. Adolescent fertility behavior: trend and determinats in *Northeastern Brazil*. *Int Fam Plan Perspect* . 24: 125-302, 1999.
- GUTTING, G. *Michel Foucault's arqueology of scientific reason*. USA: Cambridge University Press, 1993.
- JAPIASSU, H. *Nascimento e morte das ciências humanas*. 2. ed. Rio de Janeiro: F.Alves, 1982.
- JARES, X.R. A cidadania no currículo. *Pátio: revista pedagógica*. Artmed Ano IX, n 36, pg. 9-14, novembro 2005/janeiro 2006.
- KRIEGEL, B. *Michel Foucault aujourd'hui*. Paris: Plon, 2004.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: A angústia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LEVY, R. Adolescência: o re-ordenamento simbólico, o olhar e o equilíbrio narcísico. *Revista de psicanálise da SPPA*, São Paulo, v. 13, n.2, p. 233-245, agosto 2006.
- NEWCOMBE, N. *Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussen*, 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- NUNES, C. “ética, sexualidade e educação”. In: GOERGEN, Pedro; Lombardi, José Claudinei (orgs.) *Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas*. Editora Autores

Associados. 2005.

PARREIRA, C.; TEIXEIRA, A. *Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação*. A promoção da saúde no contexto escolar.

PEIXOTO, C.E. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: Peixoto C, Singly F, Ciccheli V, organizadores. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2000. 95-111.

VAN WYK, J. D. ELOFF, M. E. & HEYENS, P. M. (1983). The evaluation of an integrated parent-training program. *Journal of Social Psychology*, 121, 273-281.